

FUNDO CEMAP
AC

CEMAP - HISTÓRICA
CLASS. _____

beijo

editora boca ltda. abril de 78 Cr\$15,00 nº 5

CRÔNICA POLICIAL: A ORDEM DO ESTADO / QUE APITO VOCÊ TOCAVA EM 68? / "FILOSOFAR É EN SINAR A MATAR PELO BEM DA HUMANIDADE"



DEZEMBRO DE 1971

nós quem, cara pálida?

Nesses dias de ebulição política, estariam correndo o risco da "inconseqüência" aqueles que ousassem levantar críticas aos movimentos de oposição ao regime. A esses, a ideologia do **consenso** e da **unidade** não hesitaria colocar ao lado da repressão, fazendo seu jogo e "dividindo forças". Como se as divergências não existissem e tudo fosse inacreditavelmente exato e preciso, um quebra-cabeças de onde resultaria o ideal desenho do **depois**. **Depois**: o momento das críticas, por oposição ao agora, momento da **unidade**. **Depois**, quando a **nós** seria possível determinar

o arranjo das coisas. Mas que **nós** é esse, capaz de me fazer igual a você, ao Sr. Bardella e aos camponeses? Para nos tornarmos diferentes lá onde esse **nós** estaria em "condições favoráveis"? Como na França? Ou na União Soviética, quem sabe? Que momento é esse em que tudo poderá ser resolvido? Se o problema é tático... é velho e péssimo. Salvo, provalvemente, para seus divulgadores, que falam do consenso (suas posições) com a marca natural do mito. **Depois, né?...** é tarde. (Marcos Augusto Gonçalves)

68: que apito você tocava?

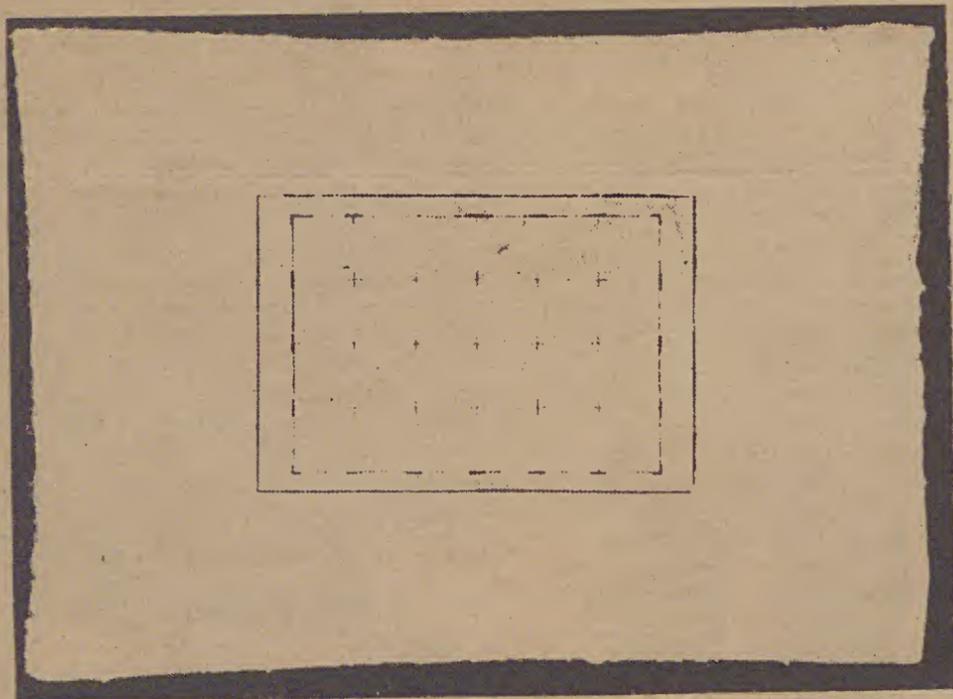
A equipe do Beijo tentou recolher depoimentos de estudantes-massa ou "quase" observadores do Movimento de 68 — movimento estudantil, manifestações de rua, etc... — no Rio. Depoimentos sobre sua vivência, na época, que nos dessem uma visão mais pessoal sobre esse grave momento de nossa história.

Surpreendeu-nos o fato de que a

maioria dos entrevistados não se mostrou receptiva ao nosso pedido. Não respondeu. Muitos confessadamente por medo.

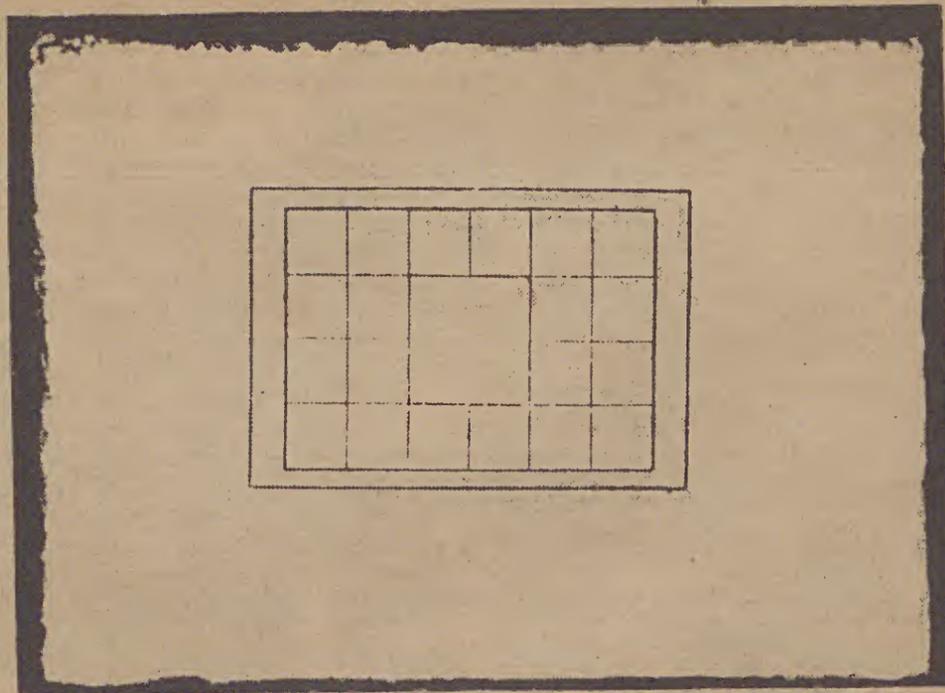
Resolvemos publicar assim, sabendo que não vai dar um troço completo, os poucos depoimentos recebidos, e citando Antônio Dias (citações que valem Cr\$ 4.000,00, cada, na Gravura Brasileira).

ENVIRONMENT FOR THE PRISONER



THE TERRITORY STRUCTURE OF SOCIAL STRATEGY
IMPRISONS THE MIND WITHIN ITS OWN
PURELY MATERIAL FORMS

DO IT YOURSELF FREEDOM TERRITORY



MONOBLOC — PLURIDEIA
PENETRATING THE WHOLE WHICH CAME FIRST
AND GENERATES ITS OWN PARTS

(Mauro Kosta)

Nota:

Tradução dos títulos dos trabalhos de Antonio Dias:

— Environment for the prisoner: Ambiente para os prisioneiros; The territory of social strategy: O território-estrutura da estratégia

social; Imprisons the mind within its own purely material forms: Aprisionamento da mente dentro de suas formas puramente materiais; Do it yourself freedom territory: Território de liberdade. Faça você mesmo; Monobloc-Plurideia: Monobloco-Pluridéia; Penetrating the whole which came first and generates its own parts: Penetran-

do o conjunto que vem primeiro e gerando suas próprias partes.

"O NEGÓCIO DA NAMORADA
ERA UMA BARRA"

Acho que vai ser importante dar uma transa pessoal de como a coisa aconteceu, de como o

peçoal que não era muito ligado à direção assimilava esse tipo de coisa. Existiam realmente dois níveis. As pessoas que eram fechadas mesmo, enquanto a vanguarda secundarista fazia um trabalho nas escolas. Esse pessoal era mais organizado. E o pessoal que nego na época chamava de grupo de apoio, que era a massa mesmo, que

não se preocupava muito com decisões tipo liderança, ir às assembléias, participar.

Nêgo realmente ficava esperando e quando existia uma manifestação ou qualquer proposta que a massa achasse que era justa, então participava. Inclusive na época não havia muito trabalho, pelo menos lá na escola. (Estudei um ano no Pedro II, depois fui para uma escola brutalmente repressora, o diretor era um major, o coordenador um capitão). Era uma escola que não tinha nenhuma vinculação com nada, mas as pessoas independentemente participavam de todas as coisas.

A gente tinha um grupo dentro da escola, que era o pessoal que discutia mais as questões. Esse grupo participava mas sem a preocupação de se vincular a qualquer tendência da época. Nêgo ia lá como independente. Duas vezes quisemos formar um grêmio no colégio e participar da AMES (Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas), mas achamos um saco, e realmente era um saco. A gente ia lá e era muito difícil intervir de qualquer jeito, foi enchendo ficar olhando aquele mesmo papo, aquele mesmo negócio que lembra essas briguinhas de ato público de agora. Então a gente achou que era melhor acompanhar mais ou menos de longe e, quando tivesse algumas coisas, contribuir e participar da maneira que achasse melhor.

Quero falar sobre como as manifestações entravam na cabeça das pessoas. Acho que na época as pessoas de uma certa maneira tinham uma questão fechada contra a ditadura mas sem grandes aprofundamentos. Eu, por exemplo, li muito pouca coisa. Quando você podia manifestava isso. Por exemplo, a passeata dos 100 mil, para mim, além de uma manifestação foi uma forma de libertação. Ali tinha nego com coisas diferentes, até frustrações, e foi ali desrecalar. Tinha até um grupo de homossexuais, um troço que na época não tinha muito a ver. Existia um clima de repressão e as pessoas naquele dia foram botar para fora. Desde o enfoque mais político ao mais social. O que se podia apreender disso tudo é que havia uma revolta.

Você sabia que existiam grupos organizados que estavam na luta mesmo e sofrendo vários golpes e então não se preocupava muito se ia sofrer. Era uma questão de solidariedade. Tinha um cara lá levando porrada do guarda. Você não queria nem saber por que ficava do lado do cara. Mesmo sabendo que ia apanhar também. Não sei se essa solidariedade existe mais. Teve um exemplo no ano passado quando ia ter um negócio nas ruas. Quando veio o informe de que estava acontecendo de qualquer maneira as pessoas não se prontificaram a ir lá ajudar. Naquele tempo não tinha esse escrúpulo de ficar pensando se é justo, é válido, ou não. Existia a manifestação e se ia lá dar força, sem nem mesmo saber bem por que.

Acho que tudo começou mesmo quando Edson foi morto. Antes a gente tinha esse grupo que discutia, mas era pouca gente dentro da escola. Como foi com um secundarista, as pessoas da escola, mesmo com a repressão, começaram espontaneamente a aparecer e se colocar. O pessoal fez greve pela primeira vez. Depois da morte dele aparecia cada vez mais gente na rua. No enterro o Negrão (então governador da Guanabara) tirou os guardas da rua, o Celso Franco tirou os guardas de trânsito temendo represálias. Foi a primeira vez que a gente sentiu a força que tinha. Até esse dia sentia que o poder era mesmo dos caras e que, fizesse a gente o que fizesse, eles tavam lá pra dar a resposta.

Outra coisa que eu queria falar: No "Flagrante" tem uma declaração do Vladimir que achei interessante, quando ele coloca que foi chamado de militarista quando conseguiu colocar 100 mil pessoas na rua. (Agora estou falando do ponto de vista de uma pessoa que está transando efetivamente o movimento estudantil. Agora tenho um nível de consciência que não tinha na época). Existe uma preocupação do pessoal de agora de dizer que nêgo na época fez besteira, não soube dar um direcionamento certo, etc etc. Eu acho que na época era bem diferente, as pessoas que viveram aquilo é que podem dizer com mais clareza.

Na medida em que as coisas foram se radicalizando, depois que pintou o 477 e o AI-5, e nego começou a refluir mesmo, quando a gente foi ver tinha muito pouca gente do nosso lado, o pessoal já tinha voltado para as salas de aula. Ai teve gente que optou pela ação armada. Foi uma decisão errada, mas não tinha outra saída. Na medida em que você vai ficando isolado, que a repressão vai cerceando teus canais, não dá para você sair para um outro lado. Pessoas que estavam acostumadas a lidar com muita gente, que já tinham um certo ganho na mão, viram esse ganho se perder, ficaram desorientadas e optaram porque não dava mais pé mesmo.

Nêgo fala muito dessa cascata que estão inventando de sexta-feira sangrenta: que levaram porrada e no dia seguinte tiraram um ato público. Foram poucas as pessoas que conseguiram tirar o ato público. O que aconteceu, que eu me lembro, foi que, depois das porradas e das prisões no campo do Botafogo, no dia seguinte tinham tirado a idéia de fazer um passeata, mas mesmo os que tinham decidido isso estavam morrendo de medo porque não viam condições. O negócio começou meio desorganizado e as pessoas quando souberam o que estava acontecendo foram lá.

O que se transformou na sexta-feira sangrenta foi mais culpa da repressão. A gente estava lá na rua e chega a polícia dando tiro para todo lado. E não escolhia se era estudante ou não. Acho que muito mais que uma manifestação de estudantes foi uma manifestação popular. Porque pela primeira vez vi efetivamente o povo com ódio da repressão e partindo para cima dela. Quando havia uma manifestação os populares geralmente ficavam meio de lado, corriam dos lugares.

Mais que um marco de repressão, a sexta-feira foi um marco da luta realmente popular. Pela primeira vez vi nêgo atirando coisas de cima dos prédios e a polícia atirando nos prédios.

Outra coisa que eu queria falar é sobre a reação da família da gente. Isso acontecia quando você era secundarista, mas acontece também com o universitário. Isso ainda acontece hoje lá em casa.

Quando mataram o Edson o pessoal secundarista levou para as ruas uma palavra de ordem que era: Ele podia ser seu filho. Isso refletiu na família das pessoas, a família tinha medo, mãe sempre tem medo. Conforme a coisa foi se radicalizando — passeatas de 20, 30 mil, etc — houve uma subida na consciência do pessoal lá de casa e na passeata dos 100 mil, minha família foi. Isso deve ter havido em outros lugares.

Em termos mais pessoais, quando você com 14 anos, terminando ginásio começando o científico, começa a participar isso te dá uma certa importância. Você começa a olhar as pessoas da tua idade com outra cara e quando são pessoas que não estão interessadas, começa a falar: esses caras não estão com nada, não estão se tocando nos problemas. Em termos de afirmação isso acontece muito.

O negócio da namorada era uma barra. De repente, com 14 anos, você saía do seu grupinho e começava a frequentar reunião e a se preocupar com um monte de coisas. Ai, no meio de uma festa, se juntava a outro cara e começava a discutir política. Haja saco para uma menina agüentar você. Se não conseguisse uma menina que transasse o movimento, você estava perdido. Se agora e uma barreira, na época era uma barra. Você sair cedo de uma festa porque no dia seguinte tem manifestação marcada. "Amanhã vou para as ruas, tenho de acordar cedo, preparar a atitude, estar em forma". Você às vezes ficava na corda bamba, sem saber para onde se virar, se mudava ou continuava. (RGE)

"OS CAIXAS TINHAM MEDO"

Beijo: Como você via, em 68, o que acontecia na rua?

RP: Chorei muito na Candelária. Trabalhava no Banco. Pegava de 7 às 13hs. Tinha que ir correndo para o outro emprego e não conseguia. Quando botava o pé na rua, sem saber de onde vinha, chegava aquele tumulto dos estudantes. Sem ter nada com isso, apanhava, levava borrachada, corria. Alguns de meus colegas ficavam revoltados com a atitude da Polícia, dando razão mesmo aos estudantes, que estavam lutando pelo que queriam.

Entreí no pau, um dia, sem estar participando. Eu, naquela época, também estava revoltado. Com a polícia. Eles não distinguem as pessoas e batiam em todo mundo. Partiam logo para a agressão. Não conversavam com calma. Não dialogavam. Agiam com agressão física e moral. Desacatavam. Nós, éramos funcionários. Saíamos para o almoço, com o uniforme (até). Uma vez estávamos no sinal, esperando para passar, e veio para cima da gente: bombas de gás e aquele bate-bate. Atrapalhava o trabalho. Porque os estudantes invadiam a agência, fugindo e correndo. Os caixas tinham medo. Fecham-se então as portas. Prejudicava todo mundo: os clientes, a gente que trabalhava, o gerente. Época de sobressalto e desassossego geral. Os sustos que a gente levava diariamente: a qualquer momento podia surgir uma confusão. **A opinião dos meus colegas era também que os estudantes podiam agir de outro modo.** Eu tive muito medo. Hoje está tudo mais calmo. Só tem o problema deste ato, o 477. Qualquer coisa, o aluno fica sus-

penso e o professor fica sem o emprego. Mas toda hora ainda se fala. Eu fico quieta. Sou contra este ato, mas fico calada e aconselho os outros a tomarem cuidado.

"E GOSTAVA. E ME SENTIA MAIS VIVA"

Beijo: Você participou do movimento estudantil de 68? Como?

Avon: Eu estava lá, assistindo, ouvindo, dando meu apoio. Trabalhava em um editora. Já tinha saído da faculdade. Há pouco tempo. No tempo de Universidade, tinha participado mais. Por isso, talvez, compreendesse bastante. Mas em 68, já me sentia assistindo, porque eu não era mais estudante. Apesar de me sentir um pouco solta, não deixava de ir. E gostava. Me sentia mais viva.

Beijo: As propostas políticas do m. e. naquele momento?

Avon: Isso é complicado discutir agora... Eu tinha sido uma participação. Não era liderança, mas não era massa também. Tinha conhecido e conversado com as lideranças do "auge" daquele momento, quando eles ainda não tinham um nível de atuação tão amplo.

Algumas propostas políticas eram um "pista" para um caminho bom. Mas, ficava-se, geralmente, no meio do caminho. Ou seja, quando se discutia uma palavra de ordem ("abaixo a ditadura") e se resolvia lançar, não se pensava no segundo momento, pelo menos. Ele, passo seguinte, aparecia depois, na hora do "e agora?". Em várias reuniões, no Diretório — em 1966, isso acontecia. De toda forma, foi um movimento político importante. Deixou história. Eu me irritava um pouco, com algumas infantilidades, discussões inúteis. Ainda existem, pelo pouco que a gente percebe.

Beijo: Teve significado para você, sua participação?

Avon: Bastante. Me emociono quando vejo coisas daquela época. De um lado, sinto falta do meu tempo de estudante. De outro, do debate aberto, da elaboração de um pensamento mais avançado, só possível em um clima de discordância, discussões. Nunca me arrependi da atuação política, pequena apesar de tudo, que tive naquela época. Mas já não penso da mesma forma. Estou mais ciente das dificuldades. O entusiasmo já não é o mesmo. Esse tempo todo, continuei me interessando. Ouvindo. Pensando. Acompanhando de modo geral. Não desliguei. Torço, de verdade. Acho que por causa do que me marcou. Senão, provavelmente, não estaria atenta a este tipo de coisa.

Olhe, é isso. (RP)

"É ISSO QUE EU PENSO DE 78, QUER DIZER, 68"

Olha, eu não tenho muito tempo pra pensar, pra fazer esse depoimento. Me pediram muito em cima da hora, que me perdoem, mas eu acho que talvez até valha mais assim. O negócio de 68. Pra começar já se passaram dez anos e isso é tempo paca. Na época, eu tinha dez anos menos e olhando pra trás agora eu acho que não entendia nada do que estava se passando. Isto é, eu entendia do jeito que eu entendia, hoje quem fala é outra pessoa, que vai dar um depoimento, tem coragem de falar como se fosse a mesma. Vai falsificar um pau de coisas. Isso aí quando eu vejo a garotada universitária hoje, massa como eu era, se engavetando até o fim da alma com um palavrorio que eu vejo agora, que quer dizer outra coisa, muitas outras coisas que o que está sendo dito. São palavras de ordem, né?

Daí quando eu li, comecei a ler o "Flagrante" fiquei besta de ouvir o Vladimir, o Travassos falando como se fosse ontem. Não mudaram nem o estilo, né? É como se diz, são pessoas que têm consciência de seu papel na História, com H maiúsculo. Eles têm uma responsabilidade com aquele papel, né? Tem que manter o estilo pra ser reconhecido. Eu não sei se nada mudou, ou se a História é feita de bons atores e tem personagens naturalistas. Isso me grila, essa pobreza do marketing da História.

Daí isso é, uma coisa que eu acreditava e agora sei que é um teatro, a História, e chega de representação, quer dizer, como teatro é um teatro tradicional demais, teatro de boulevard, sempre a mesma, os mesmos personagens, as mesmas situações, e olha que é um teatro emocionante, não poderia ser de outra maneira.

Me defendo. Não estou falando que não há transformações e que há História, o problema é a política do jeito que a gente fazia e que continua a

ser feito. Como é que seria diferente, eu gostaria de estar descobrindo, espero que não demore.

O que não dá mais é pra reduzir-me (-nos) tanto. Quem ordena as palavras de ordem? E por que pra quebrar com a família, o Estado, a paternal instituição universitária, para estabelecer o que, eu sinto eu preciso me refugiar dentro de novas ordens?

Você ouve falar um cara na assembléia e ele fala bem, e ele fala lá de cima, me olha de cima. E ele fala exatamente o que eu estava pensando. Ele é inteligente. Ele me representa. A linguagem universitária que você lê no "Em Tempo", no "Movimento", com toda uma força, eu queria que ele fosse meu professor. Eu estou satisfeito. Me vêm lágrimas aos olhos.

As representações universitárias, isto é, o sistema representativo, é uma invenção da burguesia. Uma grande jogada, pra que eu, me sentindo representado, com os "meus" pontos de vista defendidos por Ele, possa ocupar minha cabeça com outras coisas, e os meus braços também. Partido dos trabalhadores?

Por que que a gente precisa refazer esse Estado de coisas tão igualzinho? Uma vez um operário me disse: Vocês são todos filhos de papai e quando a barra pesar, dá-se um jeito. Se um de nós for pra cadeia não vem papai nenhum tirar a gente de lá e a família em casa passa fome. Pra explicar porque que os operários não estavam na rua jogando pedra na polícia. A luta operária, quando acontece, consegue ser mais consequente porque é de verdade. A liderança tem que sair do concreto, bem concreto, pra que a massa tenha pique pra lutar, se arriscar.

Todo o sempre as lideranças estudantis sabendo e dizendo que sabem que estudante não significa muita coisa, não vai mudar as coisas sozinho, que precisa da população, dos trabalhadores, da classe média, que o papel do movimento estudantil é um papel publicitário (não usam essa palavra), de falar, mostrar aos outros como é possível, dizer na cara deles como é que é. Ai você vê as discussões nas assembléias, as discussões das posições das várias organizações, hoje são chapas, né, não são organizações, nas salas de aulas, nos corredores e pô, a seriedade, a severidade de legisladores naqueles semblantes, o quebra-páu em cima de um pequeno detalhe teórico, de cada merdinha, o que os caras querem, é a sua teoria correta ou não-correta que é o motor da História? Tem tanta certeza assim nessa Teoria, nesse Livro?

O que que está em jogo? O Poder dentro da faculdade, da Universidade? O poder para a minha patota? Em 68, tinha uma brincadeira de distribuir os ministérios. Fulano vai ficar com o da Educação, Sicrano com o da Saúde. A política estudantil brincando de Congresso Nacional, Brincadeira corrente. Tira eles de lá e põe a gente. Depois a brincadeira acabou, o sonho virou sangue, pobre da minha geração de mártires, de salvadores, de paladinos do Oeste.

Já se viveu muita coisa desde 68. É, se deixou de viver muita coisa desde 68, debaixo de um Estado policial, repressivo, da censura, da ameaça de prisão e outras piores por qualquer manifestação de idéias, teorias opiniões contra o regime. Agora começa a pintar uma abertura. Os jornais voltam a publicar o que parecia — e era — impubliável há anos, há meses. E eu fico pensando se a gente vai continuar a perder tempo com a organização burguesa de nossas lutas — querendo substituir nossa severidade e teoria Geral do Estado à deles — em vez de...

É isso que eu penso de 78, quer dizer, 68.

(I.N.P.S.)

Notas

1 — Depoimentos colhidos por Mauro Kosta, Henrique Antoun e Carmi.

2 — R.P. — É secretária. Está fazendo cursinho pré-vestibular (para Relações Públicas). Tem 38 anos. Solteira, mora com a sua mãe.

Avon fez Sociologia. Formou-se em 1966. Trabalha em Administração, com o nível superior, há dez anos está no mesmo emprego. Tem 34 anos. Casada. Três filhos, Ficou assustada com a entrevista.

I.N.P.S. — É psicólogo clínico. Tem 32 anos. Solteiro. Formou-se em 1972.

RGE — Estudante de engenharia, 24 anos. Casado.

Os alunos (não) se manifestam

Os estudantes responderam, em coro, mais uma vez (já virou rotina): presente! Palavra muito ouvida em hora de chamada, na aula ou na fila do serviço militar, de que escapam todos porque são gente bem e não se prestam a essas coisas. A manifestação do dia 28 em memória de Edson Luiz e Alexandre Vanucchi Leme teve muito da disciplina de uma corporação militar (militante). As pessoas, compenetradas como num culto ecumênico. As pessoas: os dois mil jovens cariocas que, jornais alternativos ao selvaco, crêem que o socialismo é a melhor forma de organização social. O que deu uma certa segurança aos oradores: falou-se, voz embargada, frissons, em socialismo. Uma enorme faixa tremulava: Abaixo a Ditadura. Este slogan foi um pouco gritado, mas não muito — nem todas as correntes aprovam a agitação desta palavra de ordem agora. Algumas acham que é muito cedo, do que até o JB discorda. Falei em agitação? As pessoas — algumas, mais entusiasmadas levantavam os punhos cerrados quando os elementos da mesa sacudiam a horrorosa bandeira da UNE. O fervor do pessoal disposto a lutar pela organização independente mostrava-se à

vista disso: um estandarte. A coisa estava tão bem preparada que parecia festa de comadre, e na igreja. A carta da Comissão Pró-UNE foi lida por todos em coro. Quem dirigia o salmo era a mesa. A mesa foi bastante competente na sua preocupação em promover uma manifestação calma, bem comportada e chata. (No dia seguinte, a Reitoria da PUC endossava a palavra-de-ordem Abaixo a Ditadura, dizendo em nota que, realmente, com este terrível regime de exceção os estudantes têm mais é que se reunir no campus... E depois, padre? Vai poder continuar?) A liberdade de expressão não extravasou. O público aplaudia a todos indistintamente, mas num certo momento, quando a mesa quis limitar ainda mais o número de inscrições livres, parece que ele saiu do torpor, protestando. Falei livres? Liberdade foi o que não se viu na tribuna, que funcionou como uma espécie de ponto de referência para catarse. Quase todos os oradores doutrinavam uma platéia que, na sua parcela já convertida, intervivia na organização do terço, e, na sua parcela apenas interessada/combativa, enlanguescia da falta de idéias novas capazes de finalmente convertê-las (elas estão

perto pra burro). Lance brilhante: a mesa até colocou o perigo do esvaziamento. (Como se este fosse uma ameaça transcendental, não enraizada no próprio tipo de manifestação com que fomos brindados). A mesa demonstrou foi aptidão para promover congressos de médicos no Hotel Glória. Ninguém independente se atreveu a falar. O show transcorreu sem interrupções. Na segunda parte, aqueles que na primeira tinham lido repetitivas notas de entidades estudantis, revezaram-se no picadeiro para expor posições políticas. Que pouco ou nada tinham a ver com o momento político. Só quem se referiu ao momento foram uns oradores com cheiro naftalinoso de reformismo: criticaram a visita de Carter, o "imperialista bonzinho". Os restantes pronunciamentos se reportavam aos programas destinados a nossos bisnetos, ou, então, a fenômenos de nuvem, como a questão do partido dos trabalhadores. As coisas se tornavam um pouco mais concretas na emoção da massa (três pigarros fortes e desconfiados) ao som da palavra UNE. Outros emocionalismos estavam muito litúrgicos. Skinnerianos. Algum oficiante oficial pronunciava o estímulo e, como resposta, panfletos-missais eram lidos em coro pela multidão. A natureza da manifestação — não deliberativa — foi respeitada à risca pela mesa (como era

de se esperar) e pelos assistentes, que, num dado momento, cansados de redundâncias, deram o ato por encerrado. Foram então lidos alguns nomes de militantes assassinados pela repressão, ao que se gritava "presente!" — alguns punhos cerrados. Foi feito minuto de silêncio. E, para finalizar, novamente sacudido o estandarte (ainda não chegamos a uma correlação de forças que permita seu hasteamento diário no campus da PUC, não é, Reitor?).

O caráter não deliberativo do encontro deu-lhe sabor de efeméride e revelou a incapacidade da esquerda em tornar a conjuntura algo mais que uma fábrica de impasses. A educação política foi relativa: por um lado, a palavra *socialismo* soltou-se e ficou definitivamente estabelecido a ainda insondável massa pequeno-burguesa universitária que esse negócio de movimento estudantil é uma coisa de esquerda. Por outro lado, é de pasmar o enrustimento do público, que funciona como espectador diante de políticos "profissionais" para quem soltar os cães das pessoas (estimular sua criatividade/combatividade políticas) deve ser uma temeridade, ou um anátema. Mudar os métodos. Morte à pedagogia. Abaixo a verdade.

(Italo Moriconi Jr.)

MAIO DE 77

Vivendo a história como massa e vanguarda

Ultimamente tenho me dado conta de uma mudança nas versões da história. É que antes os acontecimentos se davam em dias bem determinados: 7 de setembro de 1822, 15 de novembro de 1889, 14 de julho de 1789, 13 de maio de 1888. Na infância reparei que enquanto se sabia, por exemplo, o dia exato em que os escravos viraram cidadãos livres no Brasil, não se sabia ao certo a data da descoberta de nosso amada país e isso era um grilão para meus professores.

Mas o tempo marcha e as versões da história se atualizam. Por exemplo, maio de 68 levou um mês inteiro para se dar (embora haja coisas de maio de 68 que se deram em julho ou agosto do mesmo ano, mas deixa pra lá). Para não falar em 64 que levou doze meses acontecendo. Se ainda não se considera que as histórias (isto é, suas versões) sejam feitas no dia-a-dia, pelo menos já se dá prazos maiores para as coisas acontecerem.

Para mim isso corresponde a uma certa democratização. Um dia dá no máximo para a participação de um ou alguns fazedores de história: um grito, uma ordem, um desembainhar de espadas e milhares de homens eram libertados, um país ficava independente, republicano, por aí. Quando a história reconhecia a participação de mais gente numa data escolhida a individualização era conseguida com a ajuda de um símbolo: A Queda da Bastilha.

Na nova fase dá tempo para o aparecimento de mais líderes, mais mudadores do curso dos acontecimentos: maio de 68 deu uma boa contribuição de estrelas para as vanguardas. Quer dizer, há mais chance agora para se passar de massa a vanguarda, pelo menos nas histórias contadas.

Não sei se se pode falar de maio de 77, mas nesse mês aconteceram coisas. Bom, como estou contando história aqui, vou considerar que em maio de 77 aconteceram coisas mais dignas da minha história do que em outros meses de outros anos. E vou me encaixar nessa história, só que como massa. É que naquele mês fui participar de uma manifestação na PUC-Rio (como massa) e escrevi uma notinha (como vanguarda) que não foi publicada na época mas agora aqui no Beijo (onde, graças a Deus, sou vanguarda). (Júlio Cesar Montenegro).

"Governo proíbe manifestações de estudantes — Impedir "passeatas, concentrações de protesto em logradouros públicos, assim como outras demonstrações contestatórias", que são "distúrbios de fundo e fim subversivos", foi a recomendação feita ontem pelo Ministro de Justiça, Armando Falcão, a todos os Governadores, "conforme instruções do senhor Presidente da Re-

pública". (...) Alunos da PUC, UFRJ, UERJ, FEFIERJ e UFF decidiram manter o Ato Público marcado para o meio-dia na PUC, cuja Reitoria suspendeu as aulas de hoje." (Jornal do Brasil, 10/5/77).

Bom, acho que vai haver. Vou lá, mas não vou de carro porque fica mais fácil sair se houver repressão. Se eu sumir procura um advogado de presos políticos. O amigo pede que eu não vá, mas logo lamenta não poder ir junto: tem que trabalhar. Vou só.

Tinha lido o editorial do JB e sabia que estava indo para uma manifestação subversiva não só para o governo como para os grupos representados pelos proprietários do JB: "Num país em que as mais vastas camadas da juventude em vão aguardam meios para acederem aos benefícios da cultura, que são também direito seu, não se pode admitir, em nome de princípios revolucionários nacionais e universais, que pequenos burgueses privilegiados abusem da riqueza coletiva." (...) "As reivindicações apresentadas, os apelos à solidariedade do clero e do operariado, a perturbação do trabalho nas principais cidades do país nada têm a ver com a universidade e seus graves e reais problemas. Que os estudantes tenham o bom senso e a inteligência de compreender que estão sendo covardemente manejados para serviço de causa estranha aos seus problemas e afirmem a coragem necessária para vender este primeiro desafio à sua capacidade individual e coletiva."

Meio-dia. A PUC está cheia: estudantes, elementos estranhos ao meio estudantil que apoiavam a manifestação, e elementos estranhos em seu trabalho de policiais. Todo mundo sentado numa ampla área térrea de um prédio de vários andares. Começa a reunião de protesto contra as últimas (?) prisões em São Paulo. Apoio de metalúrgicos, bancários, das famílias de presos políticos e exilados. Tudo

bom. Ótimo. Me perguntam se estou nervoso. Não. Tenho a calma de quem resolveu enfrentar além das ameaças tradicionais: atravessar ruas, ser despedido pelo patrão, viver em família... Escolho outros perigos para enfrentar, que me dão prazer. Todos. Na reunião o tesão de participar de uma vontade de viver mais livre.

Ritual. Uma missa? Papéis distribuídos com frases ditas pelos líderes e repetidos em coro pela "massa". Palavras de ordem caídas em cima dos que só precisavam repeti-las. Falar como forma de calar. Dissolução de ricas diferenças num amálgama não representativo para impressionar a nós mesmos.

Um helicóptero ronda a reunião evitando as belas árvores da PUC. Protestos. Denuncia-se o governo como repressivo. Alguém ali não sabia?

Fala-se no editorial do JB: não era coisa de um jornal democrata. O que é um jornal democrata? O JB é um jornal pelos interesses da burguesia, a burguesia sabe o que quer e não quer a subversão da ordem vigente, da sua ordem. "Quem é subversivo? Nós que aqui nos reunimos pacificamente ou a minoria isolada, que manda para as masmorras, para os calabouços os que não se conformam com os salários de fome, o arrocho salarial, as mordomias, a repressão ao pensamento?"

Os líderes disseram "subversivos são eles" e ninguém desmentiu (depois me disseram que alguém falou contra isso, mas não me lembro). Ausente da mesa, o governo estava presente através de sua ideologia da ordem. Queria-se arrebatado ao governo o papel de respeitador da ordem. Ah! pobres putas, chinceiros, mães solteiras, homossexuais, desempregados.

A ordem é um compromisso com o poder. Nós ali éramos subversivos. Pena que não fomos suficientemente subversivos para desprezar essa ordem

vigente e propor alegre e francamente uma desordem que incorporasse nossos desejos.

Mas o governo, a ideologia dominante, esteve presente também sob outras formas. Calou-se sobre as divisões da sociedade em que vivemos. Ali éramos representantes de um grande, homogêneo e coeso bloco: o povo. Nosso representado, nosso liderado, de nós dependente: "Precisamos nos mobilizar para libertar os operários e os trabalhadores do campo."

Na confusão populista (lembrar Brasil antes de 64, Chile de Allende, Argentina de ontem: na hora do cacete uma parte do povo usa seus passaportes, é trocado por outras personalidades, asila-se; outra parte do povo...) tudo se mistura: "aqui temos o povo, e talvez até alguns elementos da burguesia". A indefinição de povo dificulta a negação. Mas não eram operários, camponeses, desempregados que estavam ali. Para que fingir?

A retórica da união de todos antes mesmo da revelação final, foi abalada. Entram os engravatados representantes do MDB, ensaio de vaia logo abafada pelas palmas. Uma universitária lembra que aquela manifestação não fora convocada por "politiqueiros" (textual) mas pela organização independente dos estudantes. E conclama à formação de organizações independentes. Alguém do público cita o profeta Jeremias da Bíblia em defesa dos oprimidos e recebe vaias dissolvidas em palmas.

Ao final, para quem desconhecesse as divisões existentes no movimento estudantil de oposição (graças a Deus, é o que lhe dá força e riqueza), ficava um pouco difícil saber porque provocava tanta divergência a inclusão ou não das palavras "liberdades democráticas" na carta aberta à população denunciando as prisões de operários e estudantes em São Paulo.



MAIO DE 68 NA FRANÇA

“a revolução termina no instante em que é preciso se sacrificar por ela”

O que acabou catalogado nas histórias como o Maio de 68 francês é visto diferentemente dependendo dos interesses de quem escreve ou fala sobre. Para o finado De Gaulle era a **chienlit**, isto é, uma mascarada, uma palhaçada. O Partido Comunista Francês exprimiu-se na época de forma contraditória: usou primeiros os carimbos de “aventureirismo”, “espontaneísmo”, “pequena-burguesia”, para atacar os estudantes contestadores que manifestavam nas ruas, ocupavam as faculdades, etc. Depois que dez milhões de operários entraram em greve na França toda, lembrou-se que a velha crise do capitalismo atingia a universidade e acabou reivindicando... aumentos salariais.

Há também gente para quem durante e hoje Maio de 68 representou algo diferente, como o início, ou o reforçamento de um processo crítico em relação a certos dogmas da esquerda. Maio de 68 pode ainda ser ligado a certas propostas como “a imaginação no poder”, “é proibido proibir” (que até o Caetano fez uma música), a recusa a ser guiado pelos que sabem do melhor caminho, etc.

Na França — e há muito exemplo de países “desenvolvidos e civilizados” — as manifestações que começaram antes e se estenderam para além de maio, não foram reprimidas com menos violência que em outros países sob ditaduras reconhecidas. O que é bem informativo de como agem os governos quando se sentem realmente ameaçados. A seguir, publicamos trechos de dois livros (1) sobre a violência policial num país democrático e sobre exemplos das várias maneiras como os acontecimentos foram vivenciados por representantes de interesses diferentes. (Gilberto Stuart Monteiro).

“Vários carros da polícia, cheios de manifestantes presos, deixaram a Sorbonne por volta de 17h10min. Enquanto isso se organizavam manifestações, grupos de estudantes começavam a percorrer as ruas do Quartier Latin gritando: “Abaixo a repressão.”

Por volta de 17h10min, depois de terminarem a operação de limpeza da Sorbonne, as forças da polícia desencadearam um primeiro ataque para

dispersar várias centenas de manifestantes reunidos no Boulevard Saint Michel.”

Uma jovem conta:

“Eu passava pelo Boulevard Saint Michel, com uma criança de um ano nos braços, por volta de 18h-18h30min, e fui envolvida pela manifestação, não recebi nenhum golpe dos estudantes, mas quase na altura da praça da Sorbonne, houve uma carga dos C.R.S. que batiam sem discriminação nos que passavam, exemplos: uma velha senhora, uma jovem mãe foram atingidas. Levei um golpe de cassetete, o bebê, que estava sob minha roupa, levou uma pancada que deixou um arroxeadado.

Em frente o café Départ, no mesmo dia por volta de 20h30min, vi um motociclista ser preso e batido por um policial que dizia “circulem-circulem”. Um velho senhor se interpôs: “Não bata nele, não fez nada, acabou de chegar, não estava na manifestação.” O senhor foi atingido por um C.R.S., tenta se proteger, vem um segundo C.R.S. e bate: “Isso vai lhe ensinar a tocar no meu companheiro.” A mulher do velho grita, chora: “Não batam assim, larguem ele”; ela também é atacada e quase desmaia”.

“A discriminação era infalível, os barbados e os rapazes de cabelos compridos foram brutalmente atacados.”

“As 3 horas, enquanto há mais de uma hora os estudantes escandiam “De Gaulle, assassino”, as cargas da polícia se multiplicavam derrubando barricada após barricada contra fortes resistências. Muitas pessoas jogavam das janelas água sobre os estudantes para protegê-los contra o efeito do gás lacrimogêneo. De tempos em tempos, os policiais atiravam granadas dentro dos apartamentos dessas pessoas para obrigá-las a se retirarem, às vezes até nos andares mais altos.”

L’Humanité, jornal do PCF, de 3 de maio:

“Esses falsos revolucionários devem ser energeticamente desmascarados,

pois, objetivando, servem aos interesses do poder gaullista. É preciso combater e isolar completamente os grupinhos esquerdistas que querem prejudicar o movimento democrático por trás de uma fraseologia revolucionária.”

Cohn-Bendit, 4 de maio:

“Também não queremos mais esperar bondades, presentes: o direito de receber moças no alojamento, de ter uma sala. Agora é preciso contarmos conosco. Não queremos que nos imponham um destino, queremos escolhê-lo. Mesmo que nos prometam o paraíso recusaremos. Queremos tomá-lo.”

Prefeitura comunista de Nanterre, 5 de maio:

“Os **enragés** são formados de certos grupinhos (anarquistas, trotskistas, maoístas, etc) geralmente compostos por filhos da grande burguesia e dirigidos pelo anarquista alemão Cohn-Bendit...”

Declaração do PCF, publicada em L’Humanité de 8 de maio:

“O Partido Comunista convoca os trabalhadores e todos os democratas a agir juntamente com ele e com os estudantes para terminar imediata e totalmente com qualquer repressão policial, e pela retirada da polícia das universidades, libertando os presos.”

Panfleto distribuído na saída de alguns ginásios:

“Pela recusa do serviço militar obrigatório, da universidade de classe, do gueto sexual, do ensino imbecilizante.”

Os estudantes da U.N.E.F., 14 de maio:

“É preciso ir às portas das fábricas para se entender com os operários.”

Os estudantes ocupando a Sorbonne, 16 de maio:

“Nós aqui levamos uma vida maravilhosa, dormimos, comemos, nem tocamos em dinheiro, nem se pensa nisso. Já é a sociedade que queremos criar.”

Alain Geismar, em Charlety, citado por Paris-Jour de 28 de maio:

“Os estudantes não fizeram barricadas para ganhar mais alguns anfiteatros, e acho que podemos dizer que duvidamos muito que os jovens trabalhadores que se reuniram a eles tenham feito isso por sete por cento de aumento.”

A CGT (central operária comunista) convoca para uma manifestação, 29 de maio:

“Os trabalhadores são convocados a desfilar pelas reivindicações e para contribuir para uma mudança política de progresso social e de democracia.”

Na Sorbonne:
“É estritamente proibido proibir.”
Lei de 13 de maio de 1968.
“Uma revolução não se vota, camarada. Se faz.”

Comité dos **enragés**. Cartaz na Sorbonne:

“Os que falam de revolução e de luta de classe, sem se referir explicitamente à vida quotidiana, sem compreender o que há de subversivo no amor e de positivo na recusa às proibições, têm na boca um cadáver.”

Na Sorbonne:
“É doloroso aguentar os chefes. É besteira maior ainda escolhê-los.”

Comité dos **Enragés**:
“A democracia direta conquistada pelos estudantes morrerá logo, se ficar isolada dos trabalhadores.”

Na Sorbonne:
“Quanto mais tenho vontade de fazer a revolução, mais quero fazer amor.”

Comité de ocupação da Sorbonne, 16 de maio:

“A humanidade só será feliz no dia em que o último burocrata for enforcado nas tripas do último capitalista.”

Comité dos **enragés** da Sorbonne:
“A revolução termina no instante em que é preciso se sacrificar por ele.”

(1) *Le livre noir de journées de mai*, produzindo por UNEF e SNE sup (Seuil, coleção Combats, Paris, 1968, 94 páginas).

Les citations de la révolution de mai, reconhecidas por Alain Ayache (Jean-Jacques Pauvert, Paris, 1968, 106 páginas).



Quando me chamaram para participar de uma entrevista com André Glucksmann (1) a primeira reação foi recusar. O cara desenvolve o trabalho dele na Europa, na França, tem gente do Beijo por lá e essas pessoas poderiam entrevistá-lo levando em conta não só a obra escrita como sua atuação, se sua participação na vida político-cultural francesa. Entrevistá-lo no Brasil não seria simplesmente seguir o critério jornalístico da notícia em torno da movimentação (ou não, morte também serve) das celebridades?

Depois lembrei que *La cuisinière et le mangeur d'hommes* (2) levanta muitas questões que me interessam, como: a hierarquia que vigora dentro dos partidos ditos de esquerda e que reproduz as divisões de chefia e subordinação do sistema capitalista; a tendência da intelectualidade "de esquerda" (da outra nem se fala) de se arvorar em representante de operário e camponeses; as lutas das minorias como forma de combate ao poder do Estado; as surpresas que os auto-nomeados representantes do povo têm quando os exploradores falam eles mesmos de seus problemas, desejos e aspirações; o autoritarismo totalitário de certas formulações teóricas, esquemáticas, que se querem científicas e de validade universal; por aí.

Afinal, a entrevista já havia sido marcada e resolvi aproveitar para o que me interessava.

Oito horas de uma manhã de domingo linda e quente na beira da piscina do Copacabana Palace. Me ocorrem ligeiramente longas discussões/acusações "de esquerda" sobre a vida de críticos da burguesia, do capitalismo, que desfrutam de conforto do tipo do que nos cercava. (Para mim essas acusações são demagógicas, selecionam cuidadosamente, entre os passíveis de serem acusados, os que discordam do eventual acusador, dão a entender que é possível largar a cultura burguesa mediante simples voto de pobreza. Como se o optante não continuasse a conviver, a desenvolver seu trabalho, a se comunicar dentro de padrões culturais desenvolvidos pela burguesia para seu uso e sua dominação. Para se viver criticamente isso primeiro é preciso reconhecer que existe. A ideologia não é uma mala facilmente trocada numa estação movimentada).

Nossa conversa começou em torno de um exemplar do Beijo passado, mais precisamente do artigo que o Laymert mandou de Paris e que aqui foi intitulado "Que novos filósofos que nada!" (Julio Cesar Montenegro)

Glucksmann — Não sei como vocês utilizam o termo fascista por aqui mas... na minha família há gente que morreu por causa dos fascistas... para mim é uma coisa grave chamar alguém de fascista. Penso que no Brasil também é uma grave acusação.

Seu jornal diz que sou fascista. Então, por que vocês querem entrevistar um fascista e o que que eu tenho a dizer para um jornal que me considera fascista?

Beijo — O jornal é feito por muitas pessoas, com idéias diferentes, e achamos que as matérias aceitas pela redação devem ser publicadas sem censura, o que inclusive favorece as discussões.



Fotos Marcos Bonisson

G — Não acho que coisas desse tipo favoreçam discussões. Acho que facilita a ditadura de quem escreveu o artigo sobre o conjunto dos leitores. Não é porque um intelectual brasileiro está em Paris que tem direito de contar mentiras aos leitores brasileiros sem meios de ir a Paris. Há um trabalho jornalístico que consiste não em dizer a verdade mas em tentar dizê-la. E aí então o leitor pode discutir. Nesse artigo não se tenta dizer a verdade, se xinga. O jornalista tem o privilégio de duas páginas e xinga as pessoas. Fascista, na minha opinião, é o pior dos xingamentos.

Com a desculpa de uma discussão livre, dizer qualquer coisa a um leitor que não tem meios de verificar porque não está em Paris, não tem tempo ou dinheiro, não favorece a liberdade de opinião, é uma forma de esmagar o leitor e não de discutir. Chamar de fascista é criminalizar uma diferença de opinião. Na França, na Europa Ocidental, quando um jovem tem cabelos compridos, diz-se que é um terrorista. Aqui, porque não estou de acordo com o senhor que escreveu o artigo, ele me chama de fascista. Daí eu não posso discutir com esse tipo de gente.

E quem me garante que na apresentação da entrevista vocês não vão escrever "ouvimos o fascista e eis o que ele disse"? E que que eu posso fazer?

B — Bom, a gente pode dar a entrevista para você ver antes de publicar.

G — Acho o artigo um exemplo típico de colonialismo cultural. Porque transmite para o Brasil — onde as informações são difíceis por causa da ditadura e também por ser longe da Europa — não elementos de debate, mas a opinião de pequenos círculos parisienses. Não há elementos para uma discussão. A prova é que se sou

fascista, por ter escrito *La cuisinière et le mangeur d'hommes*, para que o leitor brasileiro pudesse discutir seria necessário que o autor do artigo desse algumas informações.

A primeira é que, por exemplo, esse mesmo livro que ele chama de fascista, na Alemanha foi prefaciado por Daniel Cohn-Bendit, líder de maio de 68, e que até agora não foi considerado fascista. Então, Cohn-Bendit, que fez um prefácio favorável a meu livro fascista, também é fascista. Atualmente ele trabalha na Livraria Karl Marx, que também deve ser fascista. Isso em relação a meu primeiro livro. O segundo, publicado há pouco tempo, teve a apreciação mais calorosa e mais favorável de Michel Foucault, que o leitor brasileiro conhece. Trata-se também de conhecido fascista.

Ele cita todas as pessoas que são contra mim, pessoas que aliás o leitor brasileiro não conhece, porque basta que seja contra para ser citado, enquanto gente conhecida do leitor brasileiro, como Michel Foucault e Cohn-Bendit, não é citada. Mas mesmo os que ele cita nunca me chamaram de fascista. Isso é contribuição pessoal do redator.

Por outro lado eu sempre disse que a nova filosofia não existia, que era um modo de amalgamar livros extremamente diferentes, alguns dos quais jamais li, pessoas completamente diferentes, algumas das quais jamais vi, e não falar de nenhum livro em particular para falar do fenômeno moda e do fenômeno sociológico em geral. Os que são contra e os a favor falam da moda sem falar dos livros.

Por exemplo, a revista *Time* utiliza os livros unicamente para cultivar a idéia falsa de que na França estaria havendo um antimarxismo, como houve nos anos cinquenta nos Estados Unidos.

O antimarxismo nos EEUU nos anos cinquenta consistia em fazer cam-

pos de concentração para prender comunistas. Eu digo que é a fabricação de campos, seja no Oriente ou no Ocidente, que precisa ser condenada. Prender, torturar os comunistas, é exatamente a mesma coisa que prender os pretensos agentes do imperialismo, da burguesia. Toda vez que se dá a um governo de direita ou de esquerda o poder de prender, de torturar, o resultado é que os que são presos e torturados são sempre os que têm menos poder, os operários, os camponeses, os pequenos intelectuais, os estudantes.

Agora vamos passar à entrevista, porque o tipo de coisa que interessa é, por exemplo, a luta dos estudantes e de outras pessoas no Brasil. Vamos deixar de lado essas questões dos salões parisienses.

B — A cozinheira trata de desmascarar as ilusões da esquerda em relação à União Soviética, mas quem esmaga no Brasil não é propriamente a URSS. Qual é, segundo você, a eficácia, digamos assim, de seu livro no Brasil?

G — Depois das minhas conferências na Cândido Mendes, dos artigos da imprensa sobre elas, soube que dois prisioneiros políticos brasileiros haviam pedido para ler Soljenitsin. Foi uma boa notícia para mim. Tenho a impressão de que há um tesouro mundial da resistência às ditaduras. Em toda parte há pessoas que lutam contra as ditaduras, que podem se entender e que cada vez mais se dão conta disso. Por exemplo, um contestador soviético, Bukovsky, que desde estudante protesta a favor da liberdade, que passou 15 anos nas prisões e nos asilos psiquiátricos da União Soviética, quando saiu de lá — trocado por Luis Corvalan, o secretário-geral do Partido Comunista Chileno, que estava numa prisão de Pinochet — e chegou em Genebra foi entrevistado por um jornalista: "Não lhe incomoda, depois de ser preso e tor-

"FILOSOFAR É ENSINAR A MATAR PARA O BEM DA HUMANIDADE"

turado pelos comunistas, contribuir para a libertação de um dirigente comunista chileno?" Bukovsky respondeu: "Isso não me incomoda absolutamente, ao contrário, fico muito feliz por haver dois prisioneiros políticos a menos. Se continuarem as trocas desse tipo será muito bom, e se poderia até trocar Brejnev por Pinochet, pois muito se parecem."

O que é novo e me permite sair da Guerra Fria é que Bukovsky, que foi torturado pelos comunistas, não diz "é preciso prender e massacrar os comunistas", diz: "todos os que forem presos por qualquer ditadura devem se solidarizar contra as ditaduras, é o mesmo combate". Isso é novidade.

Durante a Guerra Fria cada Estado explicava que fazia seus campos de concentração por causa dos campos de concentração do Estado adversário. Stalin dizia: "sou ditador, faço campos de concentração e mato muita gente por causa de Hitler", e Hitler dizia: "mato muita gente por causa de Stalin". Havia uma espécie de competição no espelho para ver quem matava mais gente: isso era a Guerra Fria. Quando os presos políticos dizem que todos os presos políticos são solidários, aconteceu algo novo e muito importante.

B — Na Cozinha você opõe as teorias aos esquemas dos intelectuais russos para explicar e resolver os sofrimentos do povo, a opressão dos operários e camponeses, o sofrimento real, a opressão sentida na pele por esses mesmos. Diz que não foi o atraso das massas que gerou o tipo de Estado repressor, mas a repressão deste Estado que provocou o atraso das massas. Não acha que em outros países há outros meios de manter as massas atrasadas? Você opõe às teorizações dos intelectuais um certo saber direto das massas. Mas, com a comunicação de massa o que há não é um senso comum martelado pelos dominadores entre as massas para manipulá-las?

G — Não falo dos intelectuais em bloco. Sempre houve intelectuais que tentam não achar que são superiores à média das pessoas, não tentam dirigir todo mundo porque não acham que têm o monopólio da ciência ou a direção do conjunto da humanidade. No intelectual há, às vezes, a tentativa de ouvir. Há os que ouvem, os que ouvem menos, os que tentam dialogar e outros que querem dirigir. Não sou particularmente contra os intelectuais, e sei que é uma escolha que os intelectuais devem fazer, e aliás fazem, mesmo que possam como eu recair na doença de dirigir, é uma

luta, que nunca acaba, entre dois caminhos

Por outro lado, mesmo entre pessoas que não são intelectuais, acontece, como você diz, manipular — eu acho que é mais complicado que manipulação — manipular os outros, se comportar como chefes, ou respeitar demais os chefes. Não creio que isso seja novidade. Hoje o meio é, entre outros, a televisão, antes eram outros sistemas ideológicos, as igrejas etc.

O que vejo de diferente é que na Rússia, uma coisa que é chocante, contra os campos de concentração, contra a tortura da polícia, contra a ditadura de um único homem, Stalin ou Brejnev, houve uma omissão dos intelectuais.

Os intelectuais russos haviam lutado pela revolução e depois muitos aceitaram o derramamento de sangue dos camponeses, o massacre nos campos etc. E por que aceitaram? Na minha opinião, entre outras coisas, por causa da ideologia que tinham na cabeça. Não podiam protestar contra Stalin porque apesar de tudo havia uma solidariedade a Stalin. E quando se protesta contra Stalin não se vai muito fundo.

Trotsky esperou dez anos antes de brigar realmente com Stalin e quando resolveu já era tarde demais. Isso provavelmente porque todos eram chefes. Provavelmente porque Trotsky antes de brigar com Stalin havia proposto o trabalho obrigatório para os camponeses, esmagado Cronstadt etc. Porque todos esses chefes tinham sua alminha de ditador, o mais ditador de todos triunfou. E os que resistiram... Soljenitsin dá exemplos.

Dá exemplos de porque os processos foram feitos em Moscou e não nas aldeias, porque ali quando se acusava o responsável por uma fazenda coletiva ou por uma padaria de todos os fracassos, de todos os crimes, por ousar protestar contra as requisições de gêneros do governo, quando por isso se fazia acusações de fascismo etc., esse responsável, como não tinha solidariedade entre chefes em relação a Stalin, respondia: "não, não sou fascista; se vocês me tratam assim porque reivindicam pão para os camponeses da minha aldeia, são vocês que são fascistas". Por isso, ali os processos não funcionaram, eles não se reconheciam culpados.

Enquanto Bukharin, um chefe "ocidental", com idéias "modernas", se reconhecia culpado: "sim sabotei, fui contra o socialismo, colaborei com o nazismo etc". Ele aceitava mentir ao povo porque na sua concepção o povo a

a quem se deve mentir para fazer o bem. Para dirigir o povo é preciso mentir ao povo.

B — São os que dizem sempre que não é o momento de discutir isso ou aquilo publicamente porque "o povo ainda não está maduro", "vai confundir o povo".

G — Foi por isso que escrevi um livro sobre a Rússia que não é simplesmente um livro sobre a Rússia, é sobre a Rússia que está em nossas cabeças. É um livro sobre nós que sempre temos a tendência de proceder ou como Stalin ou como Bukharin, isto é, ou de maneira autoritária, mentindo, ou aceitando servilmente que nossos chefes mintam pelo bem da esquerda.

Não vejo a Rússia somente como historiador, para mim o problema é o que se passava na nossa mente de militante, na nossa mente de filhos de maio de 68, quando se desembocava nas mesmas organizações que nos enganavam, se volta às mesmas técnicas de direção de militantes, direção de massa, com as mentiras, os xingamentos, o dogmatismo, autoritarismo do intelectual que sabe contra a massa que não sabe, ou contra os estudantes, os jovens que ainda não têm a mesma experiência que nós. Enfim, reencontrei nas atitudes minhas e de outros companheiros o mesmo comportamento que já causara tantos problemas na Rússia e em outros países socialistas e no movimento revolucionário em geral.

A frase que pode esclarecer bastante para que serviu o marxismo, para os galões aos chefes possibilitando-lhes desprezar os que não são chefes, é a frase que Lênin pediu emprestada ao socialista alemão Kautsky e diz: "O socialismo para a classe operária chega sempre de fora".

Há uma espécie de colonialismo interno em todo movimento revolucionário em que os chefes, do exterior, trazem a verdade marxista dizendo, "se você não pensa como eu é porque você é um pequeno burguês, um imbecil, um espontaneísta, um egoísta, enquanto que eu estou com a ciência e por isso você precisa me obedecer e te levarei até a felicidade".

B — Como é que você relaciona suas críticas à União Soviética com as críticas de Trotsky, de Castoriadis, etc? Por que comigo, por exemplo, quando em 64 veio a decepção resultante dos erros das análises feitas por grande parte da esquerda no Brasil, a leitura de Trotsky abriu novas perspectivas e um processo muito rico que continua e me fez chegar inclusive à discussão de seus textos.

G — Nós temos na cabeça a questão: o que é preciso fazer para mudar o mundo? Portanto como pôde acontecer que, querendo transformar o mundo se conseguiu na Rússia um mundo pior, recuperando tudo que havia de velho, tudo que precisava mudar e foi inclusive reforçado? Quer dizer, os revolucionários lutavam por liberdade e chegaram a uma ditadura, etc. Portanto é preciso achar métodos, meios de transformar o mundo em direção ao futuro. Eis o problema.

Há cinquenta anos vem se dando um esforço para se pensar isso. Trotsky começou dizendo de um modo geral que era culpa da burocracia.

B — A burocracia seria "um tumor no corpo sadio da revolução russa?"

G — É isso, uma doença, mas todo o resto estava bom.

Castoriadis e o grupo **Socialisme ou barbarie** (3) levaram as coisas mais adiante. Falaram: o que quer dizer um corpo sadio com um pequeno abcesso chamado burocracia? Afinal de contas a burocracia já dura há uns cinquenta anos, e os trotskistas dizem que é um estado operário degenerado mas esquecem de explicar em que direção degenera um Estado operário.

Levaram bem mais a frente a crítica de Trotsky e criticaram o conjunto da sociedade soviética. Dizendo que na Rússia socialista há um sistema social que precisa ser criticado globalmente. Nisso foram melhores marxistas que Trotsky.

Digo que foi realmente muito bom esse esforço de **Socialisme ou barbarie**. Eles geralmente se apresentaram como puros teóricos, analisaram a teoria do sistema soviético. Mas foram inspirados por aqueles iugoslavo, Ciliga, isto é, por uns dos primeiros dissidentes, alguém que havia sofrido os campos de concentração soviéticos, um iugoslavo comunista autor de um livro, que conseguiu publicar no Ocidente, onde contava tudo. De modo que o grupo não trabalhava somente sobre a teoria mas com base no testemunho e nas reflexões de alguém que experimentara os fatos. Acho que era aí que estava a força deles.

O que tento fazer é, num outro momento da história, ir além do que eles já fizeram. E não foi Ciliga, que escreveu seu livro (4) em 1938, foi Soljenitsin, que escreveu **O Arquipélago Gulag** em 1972, quem me serviu de matéria-prima. Quer dizer que ali há um testemunho muito mais amplo, mais exaustivo, mais objetivo. Não é apenas um testemunho individual mais de centenas e centenas de indivíduos

que sofreram no Gulag e que Soljenitsin entrevistou num trabalho de pesquisa, feito na Rússia apesar da polícia. Foi esse tesouro de verdade histórica que tentei pensar.

Pode-se não estar de acordo com uma ou outra opinião política ou religiosa de Soljenitsin, mas seu testemunho histórico, o material que fornece em **O Arquipélago Gulag** não é posto em dúvida por nenhum comunista da Europa Ocidental.

Soljenitsin trouxe o testemunho sobre a resistência dos russos comuns, das pessoas simples da Rússia, a resistência dos operários e dos camponeses contra a ditadura. É isso que é novo. Uma reflexão sobre o que nos possibilita resistir a uma ditadura, quando esta tem o monopólio da informação e até o monopólio da linguagem.

É preciso pensar que todas as palavras: fraternidade, revolução, proletariado, povo, todas essas palavras são utilizadas pelos ditadores contra o proletariado, contra a fraternidade, contra o povo. E as pessoas que querem resistir são obrigadas a reinventar a linguagem. (Final no Brasil se fala muito de revolução da parte do governo). Não podem falar como marxistas simplesmente porque os marxistas desenvolveram essa linguagem de madeira, como se diz, que serve unicamente aos funcionários do regime. Daí eles são obrigados a reinventar cada palavra, a fazer um trabalho de poetas. É de fato a nova dissidência soviética começou há vinte anos com jovens poetas. Eles são obrigados a reinventar as palavras, os sentimentos, a comunicação humana. É esse trabalho absolutamente gigantesco que transparece via Soljenitsin, tanto em seus romances como em **O Arquipélago Gulag**. E foi a partir daí que tentei pensar.

Os revolucionários clássicos queriam fazer exército contra exército. Estado contra Estado. E o que nos ensinam os dissidentes é que a verdadeira resistência, a resistência eficaz contra uma ditadura, não consiste apenas em resistir materialmente mas resistir com a cabeça, isto é, pensar diferente: pensar na dissimetria. Pensar que os governados não resistem da mesma maneira que os governantes oprimem.

B — Como é que você vê a questão do partido? Acha possível uma revolução sem partido? Qual é a diferença entre o funcionamento de um partido e de um movimento de pessoas (feministas, negros, homossexuais, por exemplo) que se reúnem em torno de uma questão específica?

G — É preciso ver que historicamente os partidos, as organizações, primeiro, são muito diferentes entre si — não dá para se escravizar a uma definição de partido — e, segundo, é preciso se dar conta de que a experiência histórica mostrou que as grandes organizações raramente, ou mesmo nunca, estiveram à altura dos objetivos que se propuseram.

É preciso ver que os grandes partidos de esquerda, comunistas ou socialistas, reformistas ou revolucionários, todos quebraram a cara. O fascismo na Europa apareceu na Itália e na Alemanha, países que tinham os mais fortes partidos marxistas. Esses partidos se arrasaram.

Além do mais, o fascismo e os fascistas imitaram esses partidos. Na Alemanha, por exemplo, seções inteiras do Partido Comunista passaram para o

Partido Fascista. Eram chamadas "seções bifas", negras, fascistas, por fora e vermelhas por dentro. Essa circulação de pessoas que não fazem distinção entre partido comunista e partido fascista, é, no mínimo, algo que deve nos preocupar. O menos que se pode dizer é que os partidos comunistas resistiram fracamente ao fascismo.

Por outro lado, resistiram pouco a seu próprio fascismo. Em primeiro lugar, a Rússia e a China demonstraram que os partidos que no começo, da parte dos militantes, estavam impregnados de uma vontade de liberdade, chegaram a ditaduras. Isso é um fato.

Mesmo entre os partidos que não tomaram o poder, mesmo em pequenos grupos, dá para perceber que há pouca democracia e um grande autoritarismo, que os chefes discutem e os militantes obedecem. Os militantes obedecem aos chefes mas se conduzem como chefes face às massas que desprezam.

O segundo ponto é que os que resistiram ao fascismo, às ditaduras, aos erros, sempre partiram de sua própria iniciativa, utilizando o próprio cérebro e não o do Comitê Central. Como usaram a própria cabeça, talvez se diga que é a cabeça de um indivíduo, que eram como partidos individualistas. Isso não quer dizer que combatessem em completa solidão, porque há muitos indivíduos que podem se entender, se associar, criar organizações.

O centralismo democrático de todos os partidos operários e sindicatos operários — aliás de quase todos, atualmente há um esforço entre sindicalistas para criar uma democracia real na base — na tradição dominante é: a cabeça pensa — a cabeça é a do chefe — enquanto os militantes obedecem e quando menos pensam melhor. Isso é uma coisa que os operários já conhecem bastante porque é a regra

da fábrica: o engenheiro pensa e o operário de base obedece e deve pensar o menos possível. Os grandes partidos operários funcionam exatamente como grandes fábricas, ou como a igreja tradicional, ou como o exército, que é com que Lênin, e mesmo Engels compararam o partido.

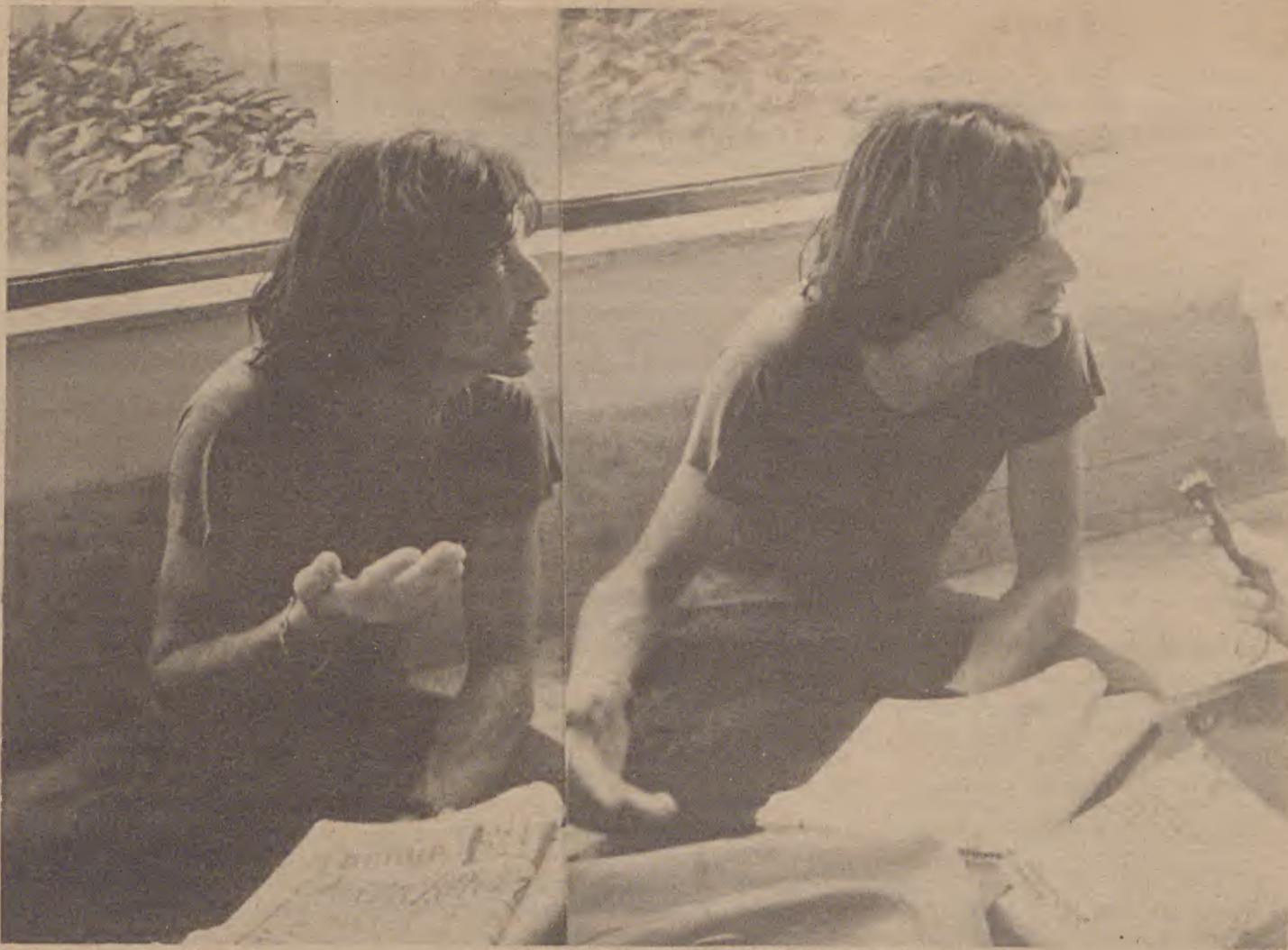
O que eu acho que foi demonstrado tanto pela dissidência russa quanto pela contestação na Europa Ocidental é que havia certos perigos completamente ignorados pelos partidos tradicionais, como, por exemplo, o problema da comunicação. O essencial da dissidência soviética é permitir que as pessoas se comuniquem apesar da censura oficial, do monopólio do Comitê Central. Os dissidentes circulam informações, circulam livros proibidos datilografados. Podem passar dez anos nos campos de concentração ou nos asilos psiquiátricos, mas apesar disso mantêm, para os interessados, a possibilidade de se informarem.

Na França, na Itália — em condições bem menos perigosas para os que resistem — há o mesmo problema. Por exemplo, as rádios livres na Itália. São o jeito que um bairro operário ou estudantil encontram para organizar sua própria comunicação. As pessoas podem vir à Rádio, podem falar, enquanto numa rádio oficial, do Estado, ninguém evidentemente pode falar, exceto os grandes chefes políticos. Podem comunicar hora e local de uma manifestação, as razões de uma greve para que seja apóida. Cria não só uma solidariedade social, militante, como uma solidariedade intelectual: as pessoas podem discutir os problemas que as separam. Porque há muitas divisões entre as pessoas simples e essas divisões ou se tornam violentas, com roubos, mortes, delinqüência, ou se pode discutir e elas ficam menos violentas.

Para tomar um exemplo extremo: Na Itália houve um começo de ajuste de contas, com tiros de fuzil, entre jovens de extrema esquerda e direita, e graças a essas rádios populares jovens de extrema direita ligaram as rádios, geralmente de extrema esquerda, dizendo "olha aqui, é loucura, é verdade que sou um jovem fascista, mas sou também um desempregado, tenho dezenove anos, sei que posso me enganar, mas se hoje me engano e mato, a pessoa a quem matei jamais terá outra oportunidade, o mesmo acontece se me matam".

Aí os esquerdistas da rádio popular discutiram para saber se deixavam ir ao ar um fascista e acabaram deixando porque deixam todo mundo falar por telefone. Depois gente mais velha discutiu com o fascista, falaram sobre o que era o fascismo trinta anos antes. Os jovens esquerdistas discutiram se era preciso empregar armas contra os fascistas ou se ainda era possível discutir com eles na medida em que ainda não tinham o poder, não eram a polícia nem o governo, mas pequenos grupos visivelmente equivocados em que alguns podiam ser sinceros. Houve discussões desse tipo. Peguei um exemplo extremo, geralmente não há discussão com os fascistas. Esses já deram exemplos de não querer discutir, querem matar.

Há discussões sobre outros problemas, como o aborto, a sexualidade. Há pessoas do bairro que pegam o telefone para dizer que a rádio transmitiu canções imorais e abrem uma discussão. Há aí um objetivo: comunicação. Quem comunica com quem e quem tem o poder nesse terreno? Se for o Estado, seja de esquerda ou de direita, é sempre uma pequena parte da população que fala e uma grande parte que ouve. E as coisas não andam se as



peçoas são obrigadas a ouvir em vez de discutir.

Nessa questão da comunicação não só a direita, as grandes empresas capitalistas querem o monopólio para si, para os ricos, também as grandes organizações tradicionais de esquerda querem o monopólio para os chefes que pensam certo.

Na França, o Partido Socialista e o Comunista são contra as rádios populares. Afirmam que são a favor da autogestão nas fábricas mas que os bairros não podem autogestionar suas informações, porque os inimigos vão-se aproveitar disso, as pessoas não são suficientemente maduras, dá confusão.

Françoise — É a mesma relação que existia entre as fábricas em greve e os estudantes em maio de 68. O partido e os sindicatos obrigaram os operários a fechar suas fábricas para que os estudantes não pudessem discutir com eles.

Há um exemplo na França, na fábrica Lip, em que há cinco anos os operários estão brigando com o Estado e os patrões, e os sindicatos e os grandes partidos não apoiaram no início porque eles estavam agindo de um modo que consideravam aventureirista, particularmente quanto à comunicação. O primeiro ato dos operários dessa fábrica foi abri-la a toda a população convidando para visitarem a fábrica e comprarem os relógios que eles haviam roubados dos estoques. O que os partidos queriam principalmente impedir era a comunicação entre os operários e as pessoas da região, ou da França, porque veio gente de toda parte até Lip para comprar os relógios.

Historicamente sempre os grandes partidos têm querido compartimentar os setores: proletariado, camponeses, estudantes, burgueses, etc. Sem ver que de fato as coisas se comunicam de modo totalmente diferente. Por exemplo, no movimento de maio de 68, nas ruas havia velhos, jovens, operários, estudantes que se comunicavam facilmente. Mas os partidos entrevistaram, entre outras coisas, para reforçar as barreiras.

Os operários de Renault-Cléon, a primeira fábrica em greve em maio de 68, os operários da Renault da Normandia fizeram greve colocando na fábrica uma faixa dizendo "Solidariedade com os estudantes". Por esse motivo desencadearam a maior greve do mundo, envolvendo dez milhões de grevistas na França.

Mas os sindicalistas e os partidos chegaram dizendo "não, não, a classe operária é totalmente diferente dos estudantes. É preciso que a classe operária tenha suas próprias palavras de ordem". O objetivo preciso, na verdade, era impedir a unidade entre as várias camadas da população contra o governo.

Com isso reforçaram o poder do Estado, ajudaram-no a pôr novamente ordem numa sociedade em desordem, em que podia acontecer muita coisa nova nas relações entre as pessoas.

B — Mas como é possível se conseguir mudanças sem organização? Qual a alternativa para o partido?

F — Não existe solução que se possa dar do escritório. Na história houve movimentos, formas de organização descobertas pelas pessoas. O problema do partido é uma coisa muito precisa. As organizações que as pessoas escolhem para si são uma coisa diferente. São movimentos criados para uma finalidade específica. Os movimentos das minorias nacionais, por exemplo, criados na França contra a centrali-

zação imposta a partir de Paris, que tratava essas minorias, os bretões por exemplo, como colonizadores.

São movimentos criados com finalidades precisas e isso é importante porque as pessoas que se reúnem têm um objetivo realmente comum e grandes possibilidades de discussão entre si.

B — *Ai é muito mais difícil que essas pessoas sejam manipuladas.*

F — Claro. Elas sabem por que estão fazendo, é uma coisa definida, não é por muito tempo, é concreto. Tal como o grupo dos homossexuais que na Europa Ocidental é uma coisa fundamental, porque põe em questão algumas das relações sociais que o Estado e o Partido querem impor. Como o grupo de mulheres que lutam pelo aborto, que se organizam. Isso muda alguma coisa na sociedade. Afinal você não atinge só o aborto mas outras coisas nas relações humanas.

B — *Existe um problema mais sério que é a fome. O que é que você propõe como organização de classe?*

Glucksmann — Acho que o partido é uma organização de classe, funciona como organização de classe que possibilitou a um certo número de intelectuais, todos burgueses, dirigir os simples militantes operários. Foi um instrumento para os intelectuais burgueses exercerem uma autoridade burguesa sobre militantes operários ou camponeses. Mesmo que tenha havido alguns operários e camponeses que tenham se tornado secretários desses partidos foram exatamente como arrivistas que chegassem à direção nas fábricas. Fundamentalmente, o partido tem funcionado como uma máquina em que os intelectuais burgueses exercem seu poder sobre as massas.

Se o problema da fome é algo mais que falta de alimentos, se é o problema de que alguns ficam com toda a comida enquanto outros não tem nada para comer, um problema de estrutura social, transformar essa estrutura pressupõe que haja uma vontade de transformar da base e não da cúpula.

O que aconteceu é que cada vez que se organizou partidos de modo que os intelectuais burgueses dirigiam e as massas obedeciam, esses intelectuais se alimentaram muito bem enquanto as massas não resolveram o problema de sua fome.

B — *O próprio Marx disse que não era marxista e você cita isso na Cozinha. Você acha que as críticas que você faz ao marxismo invalidam as análises de Marx sobre os mecanismo de exploração capitalista?*

G — Na Cozinha o que critico essencialmente é o marxismo real, tal como tem funcionado na União Soviética. A questão é por que os marxistas do mundo todo não colocaram esse problema, isto é, na união entre uma teoria e uma prática. A união de teoria marxista russa e da prática concentracionária.

A prática do marxismo no poder na Rússia, e na China, e no Camboja, é a falta de liberdade para as amplas camadas, o monopólio de informação, do saber, entre as mãos de um punhado de chefes. O conjunto da população não tem liberdade de resistir à exploração na fábrica porque não pode fazer greves, manifestações.

Um outro problema é o de Marx. Ele morreu em 1882, portanto não é responsável pelo que acontece em nossa época, nós é que somos. Agora, o que é preciso perguntar é se lendo Marx a gente fica preparado para resistir ao campo de concentração ou para aceitá-lo.

Eu diria que não é só o problema de Marx, é de maior parte dos filósofos alemães de sua época. Michel Foucault resume de maneira muito judiciosa e pertinente meu último livro (5) dizendo assim:

Os filósofos clássicos, os gregos, tinham como objetivo ensinar aos indivíduos a enfrentarem sua própria morte, filosofar era ensinar a morrer. Tratava-se de uma sabedoria, de uma educação de coragem para encarar de frente tudo, inclusive a morte. Os filósofos modernos alemães do século XIX, dos quais falo em *Les Maitres-penseurs*, Hegel, Marx, Nietzsche, Fichte, não ensinaram a aceitar a própria morte mas a dos outros. Filosofar é ensinar a matar para o bem da humanidade, é ensinar a prender porque se tem a ciência da revolução, porque se sabe melhor que os outros o que é preciso fazer para o desenvolvimento econômico, porque se sabe melhor que ninguém o que é necessário para assegurar a segurança nacional, é ensinar a matar o inimigo interior.

Todos cultivam a idéia de que existe um poder bom porque iluminado pela razão, pela ciência do governo ou da revolução, pela estética do mestre mitzscheano. Essa é uma idéia moderna, que antes não existia. Os índios Guayakis não sabiam nem ler nem escrever mas sabiam que quando os chefes tinham poder demais a tribo toda estava ameaçada. Shakespeare também sabia disso foi preciso esperar pelo século XIX para que os filósofos alemães nos dissessem que é bom quando um bom chefe tem muito poder. E para atribuir ao Estado a solução de todos os nossos problemas.

B — *O que você achou da edição de seu livro no Brasil? Soube que você não gostou da apresentação.*

G — Escreveram exatamente o contrário do que eu penso. Por exemplo, que sou um desiludido de maio de 68. Ao contrário, penso que maio de 68 com a luta dos jovens americanos contra a guerra do Vietnã e com a dissidência soviética são os principais acontecimentos dos últimos anos. Falo de 68 no mundo todo e não só em Paris.

Me fizeram dizer exatamente o contrário do que digo, com uma citação de Marcuse, completamente idiota; me atribuem coisas sobre o Oriente Médio, e não há uma palavra sobre a região no meu livro; falam de novos filósofos, e eu sempre disse que não era um novo filósofo e eles sabiam disso muito bem porque estava numa entrevista minha a *L'Express*, traduzida no Brasil. Enfim, que um editor escreva na apresentação o contrário do que está no livro é um crime contra a inteligência. Eu pedi para retirar as orelhas que juntaram a meu livro.

B — *O que você acha da apropriação que foi feita de sua vinda pela comunidade universitária?*

G — Quando fui convidado a vir ao Brasil eu sabia que aqui estava longe de haver liberdade total, me informei por isso com gente na França que conhecia o País, intelectuais de esquerda conhecidos por seu amor à liberdade e imigrados brasileiros que atualmente não podem voltar aqui. Todos me disseram que por um lado quem me convidara, a Universidade Cândido Mendes, podia ser um lugar de liberdade de pensamento ainda que com limitações, e por outro lado não se devia deixar que só a revista *Time* apresentasse meus livros, que eu podia dar explicações mais amplas, abertas e contraditórias. Foram os conselheiros que pude ouvir.

Se me enganei, cabe aos brasileiros julgar.

O que lamento é que aqui tenha havido uma certa repressão no público, nos estudantes com quem tive contato. Isso é evidente. Mas há também muita gente que luta contra a repressão existente e para que as informações circulem, para que haja maior liberdade nos jornais. Me dei conta de que há uma luta de extrema importância não só para o Brasil como para todo o mundo.

B — *Na Cozinha você fala na pretensão generalizante da ciência, que seria perigosa porque totalitária. Seria uma opção pela ficção?*

G — Faço uma diferença entre as ciências da natureza, da matematização do universo físico, e as ciências humanas. Nessas, os mais velhos dos anos sessenta e setenta fazem o culto do especialista. Havia os peritos da guerra do Vietnã no Pentágono explicando que tinham a ciência para ganhar a guerra, os especialistas da revolução industrial dizendo que sabiam como era preciso organizar as fábricas, a produção, apropriar os camponeses. Essa pretensão dos especialistas tecnocratas existe na Rússia como nos Estados Unidos, na França ou no Brasil.

Era portanto o culto de uma ciência que permitiria governar as massas sem lhes perguntar a opinião. Acho que esse tipo de ciência é que foi questionado em toda parte principalmente depois de 68. Porque se notou que as massas sofriam mas não ganhavam nada e por outro lado que esses famosos peritos eram os espíritos mais confusos que existiam.

As ciências humanas tem setores como as estatísticas que é preciso utilizar, mas a Grande Ciência Humana que permite governar os homens com a autoridade de alguns especialistas, essa não existe como disciplina científica, só como ciência da disciplina.

Essa é minha crítica da ciência, e não a crítica da matemática, que só pode ser questionada principalmente pelos matemáticos. Essa é a grande diferença entre a matemática e as ciências humanas: naquela os matemáticos se questionam, não têm certeza de seu saber, enquanto nas ciências humanas os sábios acham que estão com a razão e todos os outros errados.

Notas:

(1) Participaram da entrevista: Henrique Antoun, Flora Sussekind, Marcos Augusto Gonçalves, Maria Helena Saldanha, Marcos Bonisson e Júlio Cesar Montenegro.

(2) *La Cuisine et le Mangeur d'Hommes*, de André Glucksmann (Seuil, coleção Combats, Paris, 1975, 222 páginas). *A Cozinha e o Canibal*, tradução de Angelina Peralva (Paz e Terra, coleção Pensamento Crítico, Rio, 1978, 194 páginas, 11,00).

(3) Com esse nome Cornelius Castoriadis publicou uma revista de 1949 a 1965, na França, em que se discutia a revolução socialista no mundo moderno. Os textos de Castoriadis dessa revista foram reunidos em dois volumes que formam *La Société Bureaucratique* (Union Generale D'Éditions, coleção 10/18, n.ºs 751 e 806, Paris, 1973). Do mesmo autor é *L'Expérience du Mouvement Ouvrier* (2 volumes, mesma editora e coleção n.ºs 825 e 857, 1974).

(4) *Au pays du grand mensonge*, de Anton Ciliga (Gallimard, Paris, 1938).

(5) *Les Maitres-penseurs*.

Mulher de Praha



— para Santiago BA, em memória —

Em Praga, na biblioteca de um castelo da Casa de Habsburgo, existe um mapa medieval da Europa: o seu contorno é o de uma bela mulher, que abriga, assim, todo o corpo conhecido do velho continente. O coração desta dama é Praga. Lá, pelas ruas tortuosas, sob a névoa do final de inverno, Ian Damak, mecânico de uma fábrica de motocicletas e sua noiva e atriz, Lia Praha, fizeram-me o relato que transcrevo a seguir, tão fiel quanto as cervejas que tragamos naquela noite permitirena. E por respeito à paixão que os unia, me dispus a manter as falas amorosas registradas no depoimento.

Se você encostar bem seus olhos sobre este mapa da Europa verá que a idéia no fundo, não é tão estranha. Não perca tempo admirando outras cartas, se aqui mesmo tens o segredo e os contornos deste doce e velho corpo. Se aqui, te pegas, desprevenido, penteando os longos cachos da mãe-europa, que deslizam ariscos quando bate a brisa nas areias de Andaluzia. Bela mulher, enfeitada de medievalismos macios, sabedora de tantas teclas, seus

olhos apontam para direção ignorada: é fato, a geografia ensinada nos rincões feudais e verdes da Boêmia era mesmo particular. Particular como é sempre a vontade de deuses, ricos e reis. E aí de mim: se surpreendesse um destes serões, teria sabido de tudo. Não a direção indicada pelos olhos de Europa, mas porque eles olhavam assim tão dispersivamente, como se a íris estivesse espalhada por todos os vulcões — ora, Vesúvio — porque, afinal, não era preciso olhar para direção nenhuma e bastava caminhar pelos becos e fugidias fronteiras que, percorrendo tudo com afinco, fincavam os pés na terra úmida e marchavam, tchê, e marchavam. E quantas caravelas, homem, já estavam preparadas para zarpar deste suave fio de cabelo de nossa fêmea, perfumado de olivas e vinhas deliciosas que outra coisa não chamou senão Tejo, amigo, mas que Tejo. Já estavam inscritas neste olhar que perscruta o eterno presente, neste olhar que está presente aqui também na taverna, cruzando o brilho amarelo da minha taça de cerveja.

Que está no refluir maduro das tuas pupilar, Praha, que deixa você mais linda quando chora. Embora te juro, querida, não quero mais te fazer

chorar. Apago este cigarro e terminamos mais este copo. Tuas mãos frias tremem. Praha, é porque você gosta de mim. Quando me prenderam nas batalhas de 68, logo que cheguei aqui, lembro das tuas mãos: vacilaram entre aparar como uma concha sangue e córnea perfurada; pelos estilhaços dos oficiais que me levaram, ou apertar minha mão que tremia como a tua treme agora, sem conseguir acertar o cinzeiro. Fizestes as duas coisas, minha pequena Praha, e foi este gesto preciso de quem ama, de quem tem certeza, que me trouxe até aqui, até você. Que me fez saber que nos amaríamos pra sempre. E que faríamos um filho. Os ocidentais têm medo de ficar pra sempre, Praha. É porque não te conhecem, pobres, nunca percorreram aquele velho mapa que traz todos os deserdados até ti. Nunca fizeram o roteiro. Nunca dobraram uma esquina da vida com este teu olhar. Que me trouxe até aqui, mulher boêmia, te amo, não chore, te amo.

Quando você me beija forte, homem, me dá vontade de voar. Sei que outras já sentiram isto, não tem nada de novo, mas quem disse que procuro algo novo, quero só que você me beije

de novo, amor, com a boca molhada de cerveja, de pielsen, tenho sede; choro porque você foi com ela, choro devagar que senão os outros notam, vou até a toilette, segura o mantô.

De pé, Praha parece mais alta e esguia. Tem as bochechas vermelhas de choro e álcool. Cambaleia um passo, acaricia de leve a face do noivo e vai, empinada, revolucionária, esvoaçante. Como estava bonita Praha, inteira de branco, no último espetáculo da lanterna mágica; quando as marionetes invadiram o palco, seu corpo bailou como o de uma palhaça grega. Até nos camarins a alegria e juventude de Praha passou pelos vãos indo refrescar a memória e o corpo das outras bailarinas. Vieram os caras da polícia e levaram Pietro, Roma, Marias e a polonesa, todos que tinha assinado a Carta. E Praha improvisou na segunda sessão, fez o discurso repetindo velhos temas, falou das nacionalidades oprimidas e da primavera de 68, honrou a memória dos mortos na invasão, insistiu na questão das liberdades negadas a seu povo, as liberdades democráticas.

Foi aplaudida Praha, bela atriz da lanterna e militante socialista. Irradia

muita coragem do seu peito duro e ereto, das suas pernas ágeis e fortes, agora que vem voltando para a mesa e mesmo que cambaleante, o rosa do rosto, o rosa da túnica e do taier atestam a soberana tranqüilidade desta mulher.

Entramos para o Comitê, e tanta coisa ainda tem que ser feita. Em 68, desceram o porrete nos trabalhadores que gritavam por liberdade. E agora, perseguem os signatários da Carta. Invadiram nossa fábrica, a-de motos, no cinturão da cidade, levaram quatro companheiros do Comitê com muito estardalhaço para intimidar o resto. Dou risada, Praha, porque hoje espalharam os retratos do burocrata pela cidade, os cartazes oficiais enaltecem os 30 anos. No metrô, os operários abrem valas até meia-noite e acima de suas cabeças suadas os mesmos cartazes repetindo os slogans dos 30 anos, e viva o metrô socialista que justifica hora-extra e trampo duro de noite sob as lanternas.

Sinto ciúme, não quero que você a veja de novo, ela é boba, faz conchavo com o gerente dos ensaios, ela quer te roubar de mim, que me importa que isto já tenha sido dito antes, que esta frase seja palavra-de-ordem de alguma fotonovela ocidental. Gosto do teu olhar parado, sei que é olho de vidro, que você sofreu nas mãos dos oficiais soviéticos que te levaram; mas você ficou mais bonito assim com o olho imóvel da esquerda e o outro sempre tateando, elétrico, você fica mais vivo e mais sofrido; gosto que você me arranhe com teu cavanhaque, fico toda vermelha mas gozo fundo e é deste jeito que quero fazer um filho, sim, um filho bonito, que a Tchecoslováquia ainda vai ser livre, junto com o resto dos povos que amamos. Nossa amiga francesa disse aquela noite na estação: a primavera dos povos começou em Praha; e eu acredito, amor, acredito no que vejo, na alegria desta taverna, escura, suada e bêbada e tão viva quanto este beijo, quanto os textos de Kafka que os homens quiseram interditar depois de 68 mas não lograram e ali em frente, deste ângulo, enxergo a cabeça dele no alpendre do casarão em que nasceu, casarão da abóbada laranja, se você visse tudo isto, Franz, saberia que **O Processo** não foi escrito por acaso. Saberá porque até hoje o gueto judeu conserva uma beleza inviolável: que seu velho cemitério traz a paz de contraste contra a fúria nazi. Saberá porque a cerveja é uma riqueza tcheca. Meu homem, pega minha mão. Sei de verdade que os tchecos e eslovacos vão ser livres, quando vejo os carrinhos de bebê dominarem a paisagem da praça do relógio astronômico, quando as meninas correm ao largo da ponte velha, de patinete, deslizando suas crenças ao largo da margem esquerda do rio. Suas crenças são minhas, homem, e das companheiras lá da lanterna: não há mágica impossível, querido, se o desejo das gurias que patinam é ganhar toda a liberdade conquistável. Quando meu desejo, agora, homem, que lateja como água e fogo no meio das minhas pernas, é de ter dentro de mim para fazermos um filho.

Lia Praha, na hora que desce para o palco, desejaria poder gritar com toda a força do seu corpo, poder discursar tão forte que o público levantasse dali para as ruas, para a praça da República, como em 68 fizeram os trabalhadores, os socialistas de verdade. Ela deseja fazer uma arte bela e profunda: quando representa, já muitas vezes tem conseguido expressar este ponto maravilhoso e dramático, de alta inten-

sidade poética, de maior equilíbrio e força da alma feminina. Porque as mulheres que conhece, disse-me Praha, sofrem demais por não expressarem sua energia em gestos, em textos, em sonoridades de terra-mãe, em espaços de tesão pelos tempos que a cabeça faz quando goza, corpo, quando goza.

É por isso que agora meu desejo é sair desta taverna, querido, irmos juntos para o albergue mesmo sabendo que os homens deverão chegar a qualquer momento.

Praha, minha mulher, o caso com a coordenadora foi passageiro, também temo estar sendo lugar-comum, estar sendo ator de fotonovela quando te digo que mulher é a coisa mais bonita do mundo, que a natureza jamais logrou superar tal invento, algo semelhante ao teu corpo, à tua leveza assim quando lutas, enfrentando os homens que vão nos levar; prenderam ontem o responsável do Comitê na fábrica, e hoje estavam te buscando. Praha, perguntaram por você na escola.

Quando tiraste a roupa, não esqueceste de limpar meus bigodes sujos da espuma do levedo que tragamos na taverna. Beijava meus lábios com amor e me comia inteiramente. E enquanto vibrávamos de tanta história e prazer dentro de ti, Praha, me veio a imagem movediça da balconista que nos serviu, dos bebês correndo loucamente nos carrinhos vermelhos empurrados pelas mães, das pombas pousando nos 12 santos da ponte velha, dos sorrisos da motoneira ao dirigir o bonde linha 5 pelo lado oeste, onde fica a praça do levante operário contra os nazi em 44, praça em que namoramos a primeira vez, das meninas tchecas bailando na patinete, da primavera dos povos, calma, burocratas, que não saio sem minha escova de dentes. Eu sei, minha pequena Praha, que você parou com as pílulas este mês. E assim vamos contar os dias, para o nascimento. Os companheiros da fábrica ficarão contentes; e tuas amigas do teatro idem, que parto sempre traz sorrisos e presentes.

Bota o cachecol, homem, antes que

eles te arrastem. Como você é forte. Quando me amas, vem sempre na cabeça aquela música do Elvis, coitado. Marias disse que ele morreu na América, não devia estar sabendo que ouvíamos sua voz aqui, na taverna, com cerveja ou coca-cola. E apesar do som a vida por aqui não está nada barata, nos magazines dos burocratas só com divisa, quem é que pode comprar divisa com salário-mínimo?

Senti tuas bolas tocarem minha montanha e o gozo foi tão forte que tenho certeza: estou prenhe. Se não ficar na cela, vou buscar a mãe que sabe do trato que devo dar. Vão me dar licença na lanterna. Aproveito para costurar nossos remendos. Te amo, homem, te amo. Nunca mais me faça chorar, voltando com aquela cobra do partido. Já chega as porradas que vão te largar. Choro, meu amor, choro quietinha.

O Comitê sobrevive apesar de tudo. Os caras estão fazendo apologia dos 30 anos, 48-78. Não gruda. Para o povo tcheco, o que contam são os 10 anos, decênio revolucionário e convulso, falo de 68-78. O que conta é o que tem de perene, o que tem de vivo por aqui, nas marionetes, nas nossas praças, na bruma da noite, igual que te segurei o mantô, você quando bebe e fala e canta, você quando ferve de orgulho, você rosada que te como, te meto, te amo, te faço filho. Você socialista. Não dá: é covardia comparar teu olhar com alguma ave benfazeja, com algum canto romântico, teu olhar que segue a tradição de mãe-europa no mapa, que segue os pontilhados do carinho, quero ficar contigo prá sempre, os ocidentais não manjam nada.

Ainda temos um corpo a conquistar: ainda temos um Estado a destruir; ainda temos um poder operário a nascer. Outro dia, no interrogatório, um burocrata me acusou de voluntarista decadente e pequeno-burguês. Quero que diga a eles, Praha, mostre ao mundo a resistência dos trabalhadores tchecos, que encenaram a sua própria política contra os tanques do Pacto de Varsóvia. Voluntarismo: hoje faz 10

Fotos Ricardo Foot



anos e o Comitê lançará um manifesto à população. A primavera está do lado dos oprimidos: da memória do companheiro fuzilado quando eles invadiram nossa fábrica.

O vento da tarde bate mais forte debaixo da ponte velha. O sol que já começa a penetrar mais intenso nas paredes e calçadas de Praha, vai desaparecendo, agora, por entre as réstias que cruzam os sobradões, deixando um leve tom alaranjado na bruma que vagueia pelos diversos cantos e muros da cidade. Aqui, na margem do rio, a neblina é mais densa e brilhante, se o sol resolve iluminá-la como hoje. As duas meninas continuam impassíveis a rolar de patinete, apesar dos resmungos da mãe, chamando para o banho, ao cruzar a calçada em busca do pão e do chá, antes que o empório feche. Daqui meia-hora Praha costuma chegar do ensaio, toma seu lanche rápido, penteia seus longos cachos, muda de roupa e sai disparada para a primeira sessão. Está grávida e seu homem condenado a 2 anos. A cidade fica especialmente silenciosa nesta hora do entardecer. Apenas a melodia das pombas, recolhendo-se para dormir, nos ramos do arvoredo, de onde despencarão as primeiras pétalas em poucos dias.

Voltemos, amigos, a dedilhar este mapa desde o início. No corpo cáldo de mãe-europa, recostaremos nossas cabeças cansadas das últimas batalhas, ávidos de carinho. A estepe infindável da planície russa cobre teu púbis, cujos pelos trançamos ao caso da vontade dos dedos. Mulher de vontades, acorda os homens de seu sono letal e traga-os de volta para acompanhar os movimentos do planeta. E nunca soletre o teu nome, nunca diga o teu segredo, apenas amos, amamente-os todos, loba divina, preparando-os para o próximo e derradeiro combate. Você, continente fêmea, tem a tchaca que todos queremos, flamejando no mastro do convés perdido, ventanias, oh ventanias europeias, tragam já o cheiro mágico da tchaca que mobiliza heróis românticos, fantasmas e vilões de duvidosa trajetória. E agora, humanidade vagando sem direção, escutai a voz do mapa, passai os dedos uma vez ainda apertando o centro de toda a força contida, segurai com as mãos, por toda a eternidade, o centro vital de nossa energia, o centro central da decisiva epopéia, o coração da Europa, pulsante no meio da agonia, porque de todas as razões esta é ainda maior, coração, bandeira, ah coração de nossas vidas, Praha, Praha, coração vermelho dos povos. Vamos: sem medo, em silêncio, toque levemente e depois aperte com força nossa alma tcheca, coração de mulher que habita em Praha, que faz todos os minutos de Praha; que então verás, assim, num único e fundo soluço, toda Europa gritar, toda Europa girar de tanta dor, de tanto amor. Antes de morrer, debes ir até lá. E nesse intervalo, ouça: entregue-se ao coração vermelho, entregue-sea Praha que tem muito amor para dar aos homens. Quando virem a Europa pegando fogo, os geógrafos dirão: trata-se de um desvio do movimento de translação, causa ignorada. Mas nós saberemos que a primavera tcheca carrega todas as revoluções que o mundo quer fazer. E agradeceremos a Praha, coração do mapa europeu, acenando-lhe suavemente com um lenço, antes que a barca levante âncora, deixando para cá esta linda gravura medieval que tanto geografia nos ensinou. (Francisco Foot)

Começa a se desenvolver em Hong Kong uma imprensa diferente que poderia ser qualificada de dissidente, pois rejeita os dogmas políticos vigentes e prefere uma atitude de distanciamento crítico e de desconfiança face às ideologias em vez das tomadas de posição antecipadamente definidas que predominam nos jornais de Hong Kong. Não se trata de optar por Formosa ou pela China popular.

É preciso com certeza ver aí o efeito de um "trabalho psicológico" feito em relação a alguns intelectuais chineses que vivem em Hong Kong e tentaram "integrar" acontecimentos tão contraditórios como a revolução cultural; a ascensão e a queda de Lin Piao, a queda do "grupo dos quatro" e a segunda ressurreição de Teng Hsiao Ping. Aliás é bastante compreensível que, mesmo entre os simpatizantes comunistas da colônia, haja uma sensação confusa. Isso foi bem compreendido pelos comunistas em Hong Kong que recentemente lançaram uma nova revista destinada a serenar os espíritos, "Cheng Ming" ou "As vozes que rivalizam", alusão ao slogan lançado por Mao Tse-tung na época do movimento das Cem Flores: "Que desabrochem cem flores, que cem escolas rivalizem... Num artigo intitulado "No dia eu estava na praça Tian-An-men", "Cheng Ming" põe toda a responsabilidade da revolta de 5 de abril de 1976 no "grupo dos quatro".

A nova imprensa aparentemente recusa esse tipo de reescritura" da história. Assim "Kuan-ch'a-kia" ("O Observador") lançou em seu segundo número semanal um editorial intitulado: "O grupo dos quatro como panacéia". Em resumo, o editorial afirma que o "grupo dos quatro" possibilita ao regime uma excelente operação: atacando pessoas evita-se pôr em questão o sistema que tornou possível as atividades dos "quatro". Com poucos danos restabelece-se a ordem e a força do aparelho do partido.

Quase nós mesmos termos a política interna chinesa é analisada nas revistas "Pei-tu" ("Estrela Polar"), e Huang He.. ("Rio Amarelo") fundadas respectivamente em 1977 e 1976. As duas revistas tem a particularidade de serem publicadas por ex-guardas vermelhos da província de Cantão que passaram clandestinamente para Hong Kong. Seu conteúdo é muito mais variado que o de "Kuan-ch'a-kia": poemas, depoimentos e notícias, debates políticos muitas vezes confusos. Um guarda vermelho nos explicou: "É que a ideologia ocupou muito lugar em nossa vida. Não queremos mais ser levados." Essa atitude de desconfiança da ideologia não significa apolitismo. "Huang He" e "Pei-tu", são, mais que revistas, organizações. Não têm nada de surpreendente que seu pensamento político ainda seja indeterminado: raros entre seus membros já chegaram aos trinta. "Pei-tu" se abstém de qualquer crítica em relação ao regime de Formosa, mas o mesmo não acontece com "Huang-He", que afirma defender "os direitos humanos na China", na China Popular e em Formosa. Para "Huang He" o tema dos direitos humanos é atual num país "onde nada pode contrabalançar o poder do partido"; mas também isso constitui uma cômoda plataforma de onde pode se desenvolver uma reflexão sobre um autêntico socialismo.

A seguir a entrevista de um dos principais redatores de "Huang He", Li

A CON
TESTA
ÇÃO NA
CHINA

Os dirigentes de
Pequim são inca
pazes de criar u
ma renovação po
lítica e cultural

Chiang. Com vinte e nove anos, Li Chiang, filho de um "trabalhador intelectual dos serviços de propaganda", nasceu em Cantão. Após participar ativamente da revolução cultural, foi enviado a uma aldeia para trabalhar na produção agrícola. Dali foi a nado para Hong Kong em 1973.

"Na Europa se fala muito dos dissidentes soviéticos e nunca de dissidente chinês. Isso não se lhe espanta?"

— Nem tanto. Há uma diferença de porte entre um dissidente soviético e alguém como eu. Saí da China clandestinamente. É inconcebível que as autoridades chinesas deixem sair um intelectual dissidente. E, além disso, quem é que se preocupa na Europa com a sorte dos intelectuais chineses? Contrariamente a seus homólogos soviéticos, aqueles sofrem de um total isolamento cultural.

Mas, principalmente, o que há de comum entre um antigo guarda vermelho que chegou em Hong Kong a nado e um soljenitsin, por exemplo? Eu me preparava para entrar na universidade quando deu-se a revolução cultural. Particpei bastante ativamente dela. Quando terminou, como a maioria da "juventude educada" do país, fui enviado para os trabalhos de campo numa aldeia perdida. Quer dizer que minha educação parou no fim dos estudos secundários.

— Portanto você não se considera um intelectual?"

— Sim porque tento influenciar as pessoas com meus escritos. Mas tenho enormes lacunas. Em Huang He temos consciência disso. Todos temos a sensação de pertencer a uma geração sacrificada.

— Ouvindo você a gente tem a impressão de que os intelectuais, no sentido europeu, são uma espécie de vias de desaparecimento na China...

— Me pergunto se já existiram alguma vez. Na civilização chinesa, o saber sempre foi indissociável do poder: o que conferia o mandarinato era o perfeito conhecimento dos clássicos.

No fundo nada mudou a não ser os textos da ortodoxia. A idéia do intelectual exercendo uma função crítica face ao poder é estranha à civilização chinesa. Na china quando você sai da ortodoxia é esmagado. Os intelectuais chineses da geração precedente aprenderam isso à sua própria custa, em

Os dirigentes de
Pequim são inca
pazes de criar u
ma renovação po
lítica e cultural

CHINA
ÇÃO NA
TESTA
A CON

1957, durante o movimento anti-direitista (1).

— Assim, não haveria, segundo você, uma hostilidade do regime aos intelectuais como tais?"

— Basta a prova de determinação em lançar o descrédito sobre eles, em querer separá-los do resto do país. Não esqueça a importância na China do "status político". Por exemplo, se você nasceu filho de um proprietário de terras ou de um camponês rico, todo seu futuro está limitado: o partido, a universidade lhe estão definitivamente vedados. Pois bem, os intelectuais estão pouco melhor aquinhoados do que os filhos dos proprietários de terra. Em caso de repressão mais dura estão na primeira fila, são os "intelectuais podres" como se dizia durante a revolução cultural; são extremamente vulneráveis. Ao contrário, um operário, se tem boas "origens de classe", é quase intocável: é protegido por seu "status político".

— Isso tudo deve contribuir para separar os intelectuais do povo...

— Não. O fato de terem um deplorável "status político", de serem perseguidos pelo poder provoca mais a compaixão do que a hostilidade das massas. Me lembro de um professor da universidade que havia sido mandado ao campo para se "reeducar". Tinha sido incumbido, exclusivamente, de recolher e transportar estrume de gado. Pois bem, longe de zombar deles ou constrangê-los os camponeses demonstravam muita compeixão. Sabiam perfeitamente que o velho professor não fizera nada contra eles, não era um "inimigo de classe", um proprietário de terras ou um antigo membro do Kuomintang.

Fiquei chocado ao ler num jornal de Hong Kong o depoimento de um dissidente soviético: havia começado a cortar o telefone. Perdi o fôlego: ele tinha telefone! Na China os intelectuais não têm nada, não têm nenhuma vantagem do regime. Isso com certeza explica que, em Cantão, um Li Ye-che tenha conseguido tocar as massas (2). Houve um bruto engarrafamento no dia em que o texto foi afixado. As pessoas se empurravam para ler, comentavam o conteúdo, discutiam...

Desde 1949 que a política é para os chineses como o ar que respiram. Pense na quantidade de "movimentos" desencadeados sobre os chineses há quase

três décadas. A menor luta dentro do partido repercutia imediatamente entre o povo, mesmo em sua vida do dia a dia.

Sabe-se como terminou a grande revolução cultural: pelo esmagamento dos "rebeldes" que haviam sido convocados apenas para serem melhor afastados — enviando-os ao campo, por exemplo — quando tinham dado fim a uma certa fração do partido. Isso não impede que o Mao Tse-tung tenha dado aos chineses da minha geração uma experiência histórica única, que ainda não deixou de marcar a China, "ao bombear o quartel general", como ele disse, ao apelar diretamente aos jovens contra o partido. Para mim, o que se passou em Pequim, na praça Tien-An-men, no dia 5 de abril de 1976 (3), traz a marca da revolução cultural. Se reencontrava as mesmas atitudes, os mesmos comportamentos. As pessoas afixavam os dazibaos (jornais murais), punham em circulação palavras de ordem: "Encontro em tal lugar a tal hora", etc.

— Na sua opinião, o incidente da praça Tien-An-Men foi muito importante?"

— Muito! Naquele dia, mais de cem mil pessoas manifestaram sua hostilidade ao poder, sua oposição ao "grupo dos quatro". Não era a manifestação de um punhado de intelectuais isolados mas do povo que demonstrava sua vontade. Me parece que um tal acontecimento seria impossível atualmente na União Soviética.

— Em resumo, você é otimista?"

— A longo prazo, claro. Guardo na memória esse slogan escrito nos muros de Pequim em Abril de 1976: "passou o tempo dos imperadores." Acho que sim, de fato; e que agora muitas coisas podem mudar.

A curto prazo, digamos que a atual equipe dirigente não tem nada de entusiasmante. O que ela tenta fazer é voltar à situação anterior à revolução cultural, fazer de conta que essa não existiu. Vê-se portanto o reaparecimento de quadros que haviam sido "expurgados" desde o início da revolução cultural, de livros proibidos na mesma época. Mas não haverá renovação política ou cultural, e porque esse último tomou como tarefa principal a manutenção da ordem, a consecução, sem alarde, dos objetivos econômicos que se propôs. O regime é totalmente incapaz de inventar no terreno da política. Fazer isso, exigir, como Li Ye-che, uma verdadeira democracia socialista onde a palavra "opositor" não fosse sinônimo de "traidor", é exatamente a nossa tarefa. (Entrevista a Henri Leuwen).

(1) O movimento "anti-direitista" seguiu-se ao das "Cem Flores", em que Mao Tse-Tung pedia dos intelectuais como "diretistas" e "burgueses" por julgar-se que havia ido longe de mais na crítica do partido.

(2) Li Ye-che é um pseudônimo que esconde os nomes de três ex-guardas vermelhos de Cantão que, em setembro de 1973, afixaram nessa cidade um jornal mural intitulado: A propósito da democracia e da legalidade no socialismo. Esse texto foi publicado na França sob o título: Chinois, si vous saviez pelas Editions Christian Bourgois.

(3) A 5 de abril de 1976, dia da festa dos mortos, a multidão que veio à praça Tien-An-Men prestar homenagem a Chu En-lai foi intimada a se dispersar pela milícia. Seguiu-se uma revolta violenta.

“THE LEADING INTELLECTUALS IN RIO'S AREA”

le direitos com os
que lhes permite obter.
Es. “Em consequência”,
partir deste exemplo, que pode
para os demais consulados eu
irmação do Sr. Ministro da Jus-
não existem exilados e, sim, ex-
é mais uma vez desmentida pel-
meros expatriados fôssemos, po-
videntemente, requerer a provc
longidade das autoridades con-
rcio aborda, de um ângulo,
na dos banidos. “Proibi-los de
ionalidade brasileira e voltar ao
tar como definitiva e legal a decisão a
pos armados, que o próprio Governo co-
era como fora da lei, que os elegera-
no moeda de troca pela liberdade de
baixadores sequestrados. Lembro-me de
do menos, três casos em que as pessoas es-
colhidas para serem trocadas protestaram
veementemente contra esta decisão: Gregó-
rio Bezerra, trocado pelo Embaixador dos
Estados Unidos, que invocou para recusa a
condenação aos métodos de sequestro da di-
reção do Partido Comunista, ao qual per-
tence; Madre Maurina Borges da Fonseca
trocada pelo Cónsul japonês, em São Paul
atualmente no México, que fura nada t
com qualquer organização considera-
gressiva ou meramente política; e, fin-
te, o músico Ricardo de Sá Rego, tri-
pelo Embaixador americano, que,
siderar remotas as possibilidades
condenação, também s
desses casos que
provar em encont
nho notícias e

PARIS, 15/3/78

Chegou-me às mãos uma carta assinada pelo Sr. Marcio Moreira Alves, dirigida ao jornalista Carlos Castelo Branco, o qual publicou grande parte em sua coluna no “Jornal do Brasil” de 7 de março de 1978.

O autor desta carta toma a liberdade de citar meu nome como exemplo de um banido que teria se recusado a deixar o País, juntamente com Gregório Bezerra e Madre Maurina Borges da Silveira.

A razão pela qual escrevo esta carta aberta não é apenas a necessidade de desmentir formalmente o ex-deputado Marcio Moreira Alves no que me diz respeito. Este último abusa da realidade quando diz que meu caso é um dos que ele pode pessoalmente comprovar.

Jamais expressei tal opinião, tal recusa, nem ao Senhor Marcio Moreira Alves, nem ao D.O.P.S. aonde estive preso na ocasião, e a quem mesmo quer que seja — e nem mesmo ao jornal “o globo”, que intitulou a 6 de setembro de 1969: “Dois não querem ir — Ricardo e Maria Augusta”. Uma simples manobra de diversão na época, cuja fonte não conheço, não pode se fazer passar por verdade hoje.

Mas isto não é o mais importante, ainda que para mim este registro o seja. O que me parece mais absurdo é o seguinte trecho da carta do ex-deputado:

“proibi-los (aos banidos) de invocar a nacionalidade brasileira e voltar ao país é aceitar como definitiva e legal a decisão dos grupos armados, que o próprio Governo considera como fora da lei, que os elegeram como moeda de troca pela liberdade dos embaixadores sequestrados.”

O que se pode concluir é que, segundo o Sr. Marcio Moreira Alves, o banimento seria um ato de decisão dos “grupos armados fora da lei”, e não das autoridades que nos governam há quase quatorze anos, desprezando as regras mais elementares da democracia.

O que realmente conta hoje é, isto sim, defender uma anistia ampla e irrestrita. A todos os banidos, exilados e presos políticos. E não se preocupar em levantar casos individuais e isolados, que, segundo o ex-deputado, deveriam ser objeto de uma anistia à parte.

Ricardo Villas Boas de Sá Rego, brasileiro, banido a 6 de setembro de 1969.

Antes de voltar para os Estados Unidos, Terence Todman, Secretário Assistente para Assuntos Interamericanos do Departamento de Estado, expressou o desejo de encontrar-se com intelectuais brasileiros para discutirem a viagem de Carter e as relações entre os dois países. Prestigiado com a presença de Robert Pastor (Coordenador de Assuntos da América Latina e Caribe no Conselho de Segurança Nacional americano, nada menos) o encontro transformou-se em almoço, dia 31 de março, no Consulado americano (mais oficial do que isso impossível).

Coube ao cónsul John Dexter, segundo critérios não revelados (mas presumíveis) convocar “the leading intellectuals, thinkers, in Rio's area” (de acordo com a avaliação americana). Os escolhidos foram: Julian Chacel, diretor do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas e Carlos Geraldo Langoni, diretor da pós-graduação de Economia da Fundação; Cândido Mendes, presidente e diretor da Universidade Cândido Mendes e os professores da mesma universidade, Hélio Jaguaribe e Luiz Alberto Bahia. A escolha de um sexto convidado desconcertou os funcionários da recepção. Houve dúvidas, considerando-se o caráter “intelectual” da reunião, se ele havia sido convidado para o almoço certo: Mr. Joe L. Spivey, presidente e diretor da Esso Brasileira de Petróleo e presidente da Câmara de Comércio Americana no Rio, “um representante da comunidade de negócios americana” no encontro com os intelectuais brasileiros (de acordo com a definição posterior de um porta-voz do consulado).

Não é fácil chegar ao status de “leading intellectuals”. Distinções como essa implicam num longo percurso. Que Julian Chacel deixou bem explicado: no seu entender, o grupo foi escolhido para o encontro devido “a posição que ocupa no mundo acadêmico”. Uma posição privilegiada, fruto de uma participação ativa como intelectual ligado ao governo, tão íntima que, no caso de Chacel, qualifica-o, hoje em dia, como “ministeriável”. O encontro como Todman, inclusive, reforça essas aspirações, assim como o prestígio oficial dos outros.

(Os críticos de Chacel acusaram-no de ser o redutor oficial dos índices do custo de vida na Fundação Getúlio Vargas (lembram dos 34%?). Langoni, além do assessoramento econômico ao governo do

General Pinochet, é ex-candidato a “Ministro da Economia” do ex-candidato Sílvio Frota. Jaguaribe e Luiz Alberto Bahia — os assessores, satélites, dos projetos/ambições de Cândido Mendes).

O que se conversou na reunião? “Todman deixou claro que o principal objetivo da vinda de Carter ao Brasil foi de garantir que os Estados Unidos não encaram com rivalidade e competição nossa emergência como “potência”, disse Luiz Alberto Bahia. “A tônica da visita foi esta: não barganhar reivindicações específicas (a não ser algumas difíceis de engolir, como o Acordo Nuclear com a Alemanha), não pretender mudar o rumo da política no Brasil, e sim fazer compreender o governo atual, e os futuros, que os Estados Unidos dão as melhores boas-vindas à emergência do Brasil como potência mundial...” disse Hélio Jaguaribe.

Por que os Estados Unidos deveriam competir com a economia “brasileira” a nível internacional, considerá-la “rival”? Haverá, é certo, um nível de contradição (a palavra melhor talvez fosse “barganha”) como o próprio acordo com a Alemanha evidencia, mas em que nível se coloca, realmente, a “competição” por mercados entre, por exemplo, a General Motors americana e sua subsidiária brasileira, “agressiva exportadora” de caminhões e tratores para a América Latina?

Uma vez que “os Estados Unidos estão certos de que o Brasil permanecerá alinhado na defesa do humanismo ocidental, dos valores da sociedade aberta, da cooperação e dos compromissos internacionais” (grande frase, esta)... Carter veio “estabelecer um contato pessoal entre os chefes dos dois governos, efetivar um diálogo baseado no conhecimento recíproco” (Hélio Jaguaribe).

Parece claro, não? A Hanna, a Bethlehem, a ITT, a Continental Grain, o King Ranch, a Anaconda, a Dow, a Alcoa, a General Electric, a General Foods, a Pfizer, a Caterpillar e a Ford nada têm contra a “expansão” (pelo 3.º Mundo e África, principalmente, onde os Estados Unidos enfrentariam alguns obstáculos políticos) ou a “emergência” internacional do “capitalismo brasileiro”, que não é muito mais do que exatamente... a Hanna + a Bethlehem + a ITT + a Continental Grain etc., etc. Muito pelo contrário...

“Foi um papo livre. Nós expusemos a eles a atual deman-

da de direitos humanos no Brasil. Dissemos da reivindicação natural, no país, pelo estado constitucional, pelas autoridades eleitas pelo voto livre e direto do povo, o estado de direito e a plenitude democrática”, contou Jaguaribe. Definidos os anseios mais aparentes, o grupo discutiu a profundidade da expressão “Grande Potência”. “Este assunto — disse Chacel — acabou por gerar uma discussão filosófica no sentido de precisar o que define um país como “Grande Potência”. Seu poder militar? O poder cultural?”

Otimista, Cândido Mendes manifestou sua “grande esperança de que o Brasil se torne uma potência”, já falando em acionar uma série de contatos com as universidades e com a inteligência nacional para desencadear um processo nesse sentido. Mas não há nada certo, ainda”. (Sugiro um “IZEB”)

“Eles estavam interessados na nossa economia — disse Jaguaribe. Não houve perguntas sobre sucessão presidencial ou sobre os desdobramentos políticos a curto prazo... Langoni e Chacel expuseram o desempenho geral da nossa economia, o maior ou menor êxito no controle da inflação, as perspectivas de mantê-la em 30% esse ano, etc.” Quanto a dívida externa, os intelectuais explicaram que houve um certo consenso: “ela é aritmeticamente grande mas é perfeitamente compatível com a capacidade de pagamento do país, tendo em vista o enorme crescimento do nosso comércio exterior”.

“Os americanos demonstraram preocupação com relação ao tipo de sistema que o Brasil assumirá futuramente e a participação do Estado na economia”... (hum...) “Eles reconheceram o papel que o Brasil terá a desempenhar na área agrícola, estão interessados em que o Brasil modernize a sua agricultura. Têm grandes esperanças de que o país se fixe nessa direção” (Chacel). “No fundo — disse Langoni, nosso jovem tecnocrata mais promissor — deu para sentir que eles têm consciência do papel que o Brasil vai desempenhar no futuro.”

É, já deu pra sentir.

Antes de finalizar esse artiguinho, gostaria de agradecer os votos de boas-vindas à nossa emergência como potência internacional.

Tudo de bom pra vocês também, tá?

(Ricardo Arnt)

Jimmy e Rosalyn e sua viagem ao país tropical



Quando era menino, um anjo, desses que vivem sob os refletores, disse: "Vai Jimmy, defender os direitos humanos na vida."

O ser humano:



Uma vida dura, um aprendizado laborioso, são prolegômenos indispensáveis para quem quer galgar a curul presidencial.



Ah! Que infância tão singela, que horas primaveris, mas o amendoim ainda não era o prato de resistência.



A têmpera pioneira dos Pais Fundadores e o ambientex das lanchonetes forjaram uma sábia liderança camuflada sob um riso alvar.



A viagem:



Acertando os ponteiros em árduas negociações.



É necessário conhecer as lideranças emergentes, o futuro guia, do país visitado...



...Mas é bom ouvir também as judiciosas vozes que falam pela oposição.



Sempre inesperados, os estudantes acham meios de encaminhar queixas contra a repressão que sorrem.



Para espalpear um pouco, tanto serve uma festa no night club do Hotel Nacional...



... Como um passeio pela Baía de Guanabara no iate de Sérgio Dourado.



Jimmy queria, mas Lula-o-Metalúrgico não pôde atendê-lo. (Estava super-ocupado forjando a própria liderança, sob os olhares dos admiradores.)



Rosalyn e a encantadora Amy não resistiram aos encantos locais, resultado: mais souvenirs para a já volumosa bagagem.

conclusão:



E agora a África...

Ilustrações: Norman Rockwell Idéia: Wilson Nunes Coutinho Legendas: Pedro Souto Wanderley



O FINO (QUE) SATISFAZ. e o curto e grosso?

O fino está aí do lado, afirmando que satisfaz. Ou melhor, o anúncio defende que **este fino é o fino que satisfaz**. O que permite a qualquer lógica reles avançar a hipótese certa de que existem outros finos que não satisfazem.

Aliás, em relação aos usos do fino, qualquer inventário semântico, mesmo apressado, não achará dificuldades em cercar um sentido privilegiado. Desde a "moça do fino trato" dos anúncios de pensões discutíveis à "observação finíssima" do viciado em sutilezas, toda uma aura de desfrute intenso e delicado faz da palavra **fino** uma indicação segura dos caminhos que conduzem aos Subúrbios do Paraíso (entendendo esse local como o lugar de um vazio que a classe média — pois não é outro o alvo do anúncio — preencherá com uma fantasia e um simulacro: aquilo que ela **julga ser** o desfrute burguês).

Isto porque nem a classe média, nem qualquer outra classe ou camada social (a não ser os perigosíssimos empregados domésticos) conhece o cotidiano da burguesia, o dia-a-dia do desfrute e do desperdício. Não que esse conhecimento seja, em si, impossível para a massa. Na verdade, se a exposição da intimidade burguesa nos mídia está sujeita a uma interdição (implícita) mais severa do que a proibição (ostensiva) da veiculação de pornografia, isto ocorre porque a burguesia não escapa uma percepção: a transparência social dos seus hábitos em plena vida lângüida implicaria uma denúncia bastante arriscada. Decorre dos segredos inerentes a qualquer dominação o princípio de que o mundo íntimo burguês deve ser cifrado (no duplo sentido). No limite, em seus momentos liberais (cada vez mais raros num mundo de seqüestros) a burguesia chega a permitir uma eliminação da sua alcova, contanto que **socialmente ineficaz**.

A nível de uma maravilhosa decodificação surreal (necessariamente "elitista") Buñuel nos guia pelos meandros do "Discreto Charme da Burguesia", mas o filme permanece inacessível à massa (consumidora) pequeno-burguesa. Esse vazio (esse desconhecimento) é socialmente preenchido pela própria imagem que a pequena-burguesia faz do cotidiano burguês. Isto explica o fato de que mesmo as personagens "finíssimas" das telenovelas transpareçam tão "grossas" aos olhos da burguesia: não passam de uma manufatura pequeno-burguesa, em que se expressa a **idéia pequeno-burguesa da burguesia**. Personagens que não conhecem seu próprio cotidiano, estão condenadas a manipular desajeitadamente objetos e privilégios, mansões e expressões como **indicadores** de uma

situação social insuficientemente reprodutida, ou seja, não passam de **máscaras** no sentido de um (mau) teatro.

Enquanto isso, rindo (discretamente) das ingenuidades pequeno-burguesas, o pivô do engano, a burguesia, se mantém a salvo na sua privacidade invisível (mansões de muros altos) para o seu (finíssimo) desfrute.

Privacidade, não esqueçamos esta palavra, porque ela recobre um território defendido por muros e leis, local destinado a um consumo (e a um desperdício) que se públicos, provocariam a queda de novas Bastilhas. Não, os frutos da desigualdade devem ser saboreados **entre os pares**, com a garantia de uma esplêndida impunidade.

Em "O Discreto Charme..." Buñuel explode este esconderijo da privacidade articulando a "cena burguesa" numa continuidade de palcos. Ocorre para as personagens o sonho (ou o delírio) de, estando em pleno momento íntimo (em casa com trajes de cama, por exemplo) se perceberem subitamente em pleno palco, contemplando um pano-de-boca que sobe ou uma platéia de cadeiras vazias.

A reação dessa intimidade surpreendida é de indignação e vergonha face a um olhar violador. A culpa que subjaz a esta vergonha deixa transparecer que a personagem vive sua intimidade com o algo literalmente **obsceno**. Como ocorre com todo opressor (e não só com os opressores) a burguesia é suportável contemplar seu próprio rosto na **nitidez** de um espelho (que é a "metáfora da morte", mas o olhar do Outro). Por isso a intimidade burguesa (ou seja, o lugar onde ela (burguesia) **pensa** ser ela mesma contemplando no espelho seu rosto liberto das conveniências sociais) não passa de uma **máscara para uso interno**, absolutamente secreta. Colocar esta máscara em cena, é **desmascará-la**.

A propósito de Chaplin, Barthes escreve em "Mitologias": "Ora, Carlitos, em conformidade com a idéia de Brechet, ostenta a sua cegueira ao público de tal modo que este vê simultaneamente o cego e seu espetáculo; ver alguém não vendo é a melhor maneira de ver intensamente o que ele não vê". Analogamente, em "O Discreto Charme..." mostrar uma personagem se recusando envergonhadamente a um papel é a melhor maneira de mostrar o papel.

Mas, para a burguesia é um imperativo categórico de classe social dominante dar à massa uma satisfação em termo de imagem social. Não em termos de delinear um cotidiano inconfessável, mas no sentido de produzir uma presença social aceita e valorizada.

Essa função é lucrativa desem-

penhada (entre outras) por coloridas revistas mundanas como "Manchete" e congêneres. Jogando com a expectativa pequeno-burguesa, essas publicações digestivas se aplicam em confirmar os mitos burgueses da abundância, na figura de milionários em evidência. Tivemos anos a fio de "Festival Onassis". Recentemente, em âmbito de província, houve uma momentânea retomada de Baby Pignatari. O mecanismo dessa confirmação se limita a repisar o folclore da vida dos milionários como seres fora de série a quem tudo (e cabe tudo nesse tudo) é permitido — via dinheiro. A fortuna de Suas Excelências é cansativamente biografada, de modo a não deixar dúvidas: trata-se de "gênios" financeiros arrojados.

Os que também "deram duro" e que agora "aproveitam a vida": A Ética Protestante do Trabalho e o Mito do **Selfmade Man**, essa combinação indigesta, servem (ainda!) de pano-de-fundo para a montagem, na medida que embora irrelevantes para a burguesia multinacional, ainda tem peso no ideário pequeno-burguês.

O ardil, digamos, "não prima pela sutileza", mas, fora de dúvidas, a pequena-burguesia se delicia com o (seu) retrato público da burguesia, sem perceber seu próprio rosto pintado do Outro. O casamento de Baby com a "Princesa" Ira continua a emocionar o público feminino que faz vestidos de noiva nas costureiras de bairro, mas, evidente, continuamos a não saber nada do cotidiano da "princesa" (o qual, de resto, não deve diferir significativamente do das demais damas burguesas).

Cientes de que burguesia se manterá invisível enquanto puder, voltemos ao nosso fino.

A qualidade **fino** tem aparecido no imaginário social ocidental quase sempre associada a uma outra, que lhe é correlata e complementar: o **longo**. Parece que, por misteriosa afinidade eletiva, o que é fino deve ser também longo. E a parilha **fino e longo** encontra a sua antítese (desabusada e despuddorada) no **curto e grosso**.

Num sentido quase arquetípico (mas ainda não vinculado aos usos ideológicos atuais) fino-e-longo de um lado e curto-e-grosso de outro remetem à insuperável dupla D. Quixote—Sancho Pança. Não esquecendo das qualidades inerentes de que estão investidas as personagens (fino-e-longo, devoção espiritualizante, posto que demente; curto-e-grosso, assunção do corpo e suas necessidades, posto que através de um bom senso rasteiro e oportunista) temos aí os pólos de uma dicotomia que opõe (e une) um fidalgo e

seu escudeiro, ou seja, a noção de uma **distância social**.

A conotação de sentido da antítese **fino-longo/ curto-grosso** está tão cristalizada que não seria difícil fazer uma iconografia rápida do assunto. Só a título de indicação: curtos e grossos são os deformados e camponeses de Breughel e os de Van Gogh; longas e finas são as damas de Klimt e as mulheres de Modigliani (no primeiro caso, uma pintura de mulheres requintadas, no segundo, uma pintura requintada de mulheres). Curtas e grossas são as mãos dos "capitães de taverna" que elevam brindes há 3 séculos nos quadros de Hals. E é uma devoção de corpos oblongos e que emana da santidade da garça de El Greco. Mas não são corpos aristocraticamente devotos e sim deformadamente sofridos os que percorrem com mãos e pés hiperbólicos as estradas de Portinari e Siqueros.

As razões dos dois tipos de deformação saltam por si dos exemplos. O corpo curto e grosso exprime o trabalho pesado, a sobrecarga que gera membros exageradamente musculosos e nodosos, a produção de gestos toscos mas fortíssimos.

O longo e fino descansa na ausência de esforço físico como condição de uma ascese que envia a sensibilidade para as regiões "superiores" do espírito onde se acasalam a sensualidade refinada e a "nobreza" de sentimentos.

Sim, porque o século XX assistiu à entrada em cena do **burguês esguio**, tipo que veio substituir o seu antecessor do século passado, o **burguês vitoriano**, glutão e pançudo, vítima crônica da gota e da apoplexia, dentro e fora dos romances. Com o burguês esguio, o conceito de fino se inscreve no próprio corpo e o corpo burguês pode, a partir dessa espiritualização da aparência, exorcizar a materialidade grosseira da acumulação (de gorduras, de capital) que está na raiz dessa magreza recém conquistada e, assim, reivindicar a elegância aristocrática do espadachim e seu florete (hoje em dia não é mais possível o tipo de beleza rechonchuda que fazia as delícias de um Renoir).

Esse emagrecimento do conceito de corpo chega à condição mais nítida na liturgia da moda. Qualquer costureiro pode explicar que a modelo ideal deve ser alta e magra (longa e fina) e que seu corpo, desnudo de atributos redondos, deve acolher a roupa "como um cabide". Cabide esse que, no entanto, está comprometido com gestos de ritmo preciso: a par do ar de alheamento que oscila entre a sugestão de mistério ou de tédio (**mistério**, diriam concretistas) ela deve passar numa elegância semovente, sem esforço visível, como um cisne (existe elegância mais longa e fina que o

pescoço de um cisne?). Assim esguia, a modelo é um signo, contanto que seja um signo que deslize como um cisne (será mera coincidência que na língua francesa, a língua da moda, a palavra **signe** (signo) e a palavra **cygne** (cisne) sejam homófonas?).

Antítese mutuamente exclusiva, **longo-e-fino** e **curto-e-grosso** entretêm uma encarniçada luta satírica. A primeira dupla se ocupa, longa e finalmente, em glosar as inaptidões gestuais, estéticas e ideológicas (face ao modelo burguês estabelecido) das camadas "inferiores", quer no seu habitat social original, mas, principalmente, quando alguns de seus membros enriquecidos procuram se apropriar desajeitadamente dos signos de classe privativos das elites. Trata-se de uma sátira de longa história e ao longo da história, cuja sucessão traça a própria biografia das elites burguesas, desde o grotesco "fidalgo aprendiz" dos tempos de Molière até o enriquecido dono de cadeias de supermercados, glorificado pela telenovela atual. A qualquer tempo, é sempre através da sátira sutil que as elites procuram exorcizar o fantasma conquistador dos **nouveaux riches**.

Por outro lado, constrangidos à "inferioridade" por uma (violenta) imposição de classe, os curtos-e-grossos se assumem curta e grossamente, ridicularizando as "delicadezas" pouco viris das elites através de uma grossa e sã **vulgaridade** que os dicionaristas pudendos descrevem no "uso chulo" das palavras. Existe melhor exemplo de retórica da vulgaridade do que o **SPER-NACCHIA?**

Baixando o nível (segundo os finos) ou dizendo as coisas (segundo os grossos) para os finos, os grossos são irremediavelmente grosseiros e mal-

cheirosos, mas para os grossos, os finos são inevitavelmente afrescalhados e frouxos. À esta altura, como resistir à tentação de fazer aflorar nos dois pólos a contradição capital-trabalho?

Para continuar, vamos assumi-la, mas nos colocando em guarda contra os efeitos simplificadores e estupefacientes do marxismo dogmático.

Claro que ela (a contradição) não está ostensivamente presente no anúncio ao lado. O senso de comedimento pequeno-burguês ("a verdade está no meio-termo") não suportaria este "excesso" radical. Ao contrário: o que o fino anúncio ao lado procura por todos os modos é a ocultação dessa contradição, a simulação de sua inexistência.

Ao percorrermos o anúncio não podemos esquecer que estamos, por excelência, no território dos compromissos da pequena-burguesia. Ou seja, no território de uma classe mediadora e de intermediação, que oscila continuamente entre o fino e o grosso. Território limitado por dois abismos: à esquerda, a pobreza inaceitável; à direita, a riqueza inatingível; entre estes dois desastres, o psicodrama de uma relativa ascensão social que faz das "classes médias" o alvo privilegiado da publicidade nas chamadas "modernas sociedades de consumo".

O anúncio: de início, um fundo negro e duas imagens, lado a lado: um **maço de cigarros** e um **jovem**. O fundo negro (que se projeta um ligeira penumbra no rosto do jovem para fixação do mistério de uma **intimidade necessária**) quer que a nossa atenção se fixe totalmente nas duas imagens apresentadas. Temos aí a clássica ênfase da cena teatral, quando todas as luzes se apagam para sublinhar o **spot** solitário que ilumina a fala de uma personagem.

Neste aspecto, o anúncio ao lado escapa do padrão clássico da publicidade de cigarros, que procura fazer do produto uma **intermediação mágica** entre uma personagem e um ambiente (social), através de conhecidos chavões: o ato de acender o cigarro de uma dama como início de amizade (cheia de promessas) numa festa requintada, ou a pausa para um cigarro num momento de **relax** de um executivo, esportista milionário etc. (em publicidade, as possibilidades do mesmo são infinitas).

Não, o anúncio ao lado não procura fazer do cigarro um pretexto com perfume de uma situação. Antes procura estabelecer uma igualdade, ou melhor, uma **identidade** entre as duas imagens apresentadas, como se fossem membros equivalentes de uma equação.

Assim sendo, as qualidades do jovem estão no maço, mais precisamente, na embalagem do cigarro, assim como as qualidades do cigarro estão no rosto do jovem. E se o enquadramento se detém justamente no rosto, é porque o rosto basta para as qualidades. Afinal, "o rosto não é a janela da alma"?

No maço uma inscrição informa que se trata de cigarros "finíssimos" (se não o fossem, todo este escrito seria inútil). Nesse **finíssimo**, um prodígio de marketing: o afilamento do cigarro, a diminuição do seu volume com óbvia economia de fumo e (é preciso dizer?) ponderável engorda nos lucros, essa finíssima rapinagem é vivida pelo consumidor como uma **vantagem**: exatamente a vantagem da sofisticação de pagar por menos, recebendo, em troca, uma **mais-valia de ilusão**.

Não se trata de repetir o engano típico das almas piedosas arvoradas vozes de boa-vontade a censurar o con-

sumo e a lamentar a "alienação" do consumidor. É evidente que o consumidor *sabe* que está comprando uma quantidade menor de tabaco por preço maior. Ao consumidor interessa comprar essa ilusão. Assim, se ele o faz, voluntariamente, é porque vê outras vantagens nisso, maiores do que a simples racionalização do cálculo econômico com vistas à maior satisfação material com o menor gasto. Aqui, via manipulação de marketing, a publicidade — *malgré soi même* — prova com veemência aquilo que todo economista sabe mas que só os honestos (pouquíssimos) admitem de público: a teoria da racionalidade do consumidor não passa de uma estupidez cômoda e safada.

Na verdade, o consumidor não compra só a realidade material tabaco. Compra também as "variáveis" uma forma de fumar, o prestígio associado ao produto, a simpatia estética, a sugestão de status) variáveis todas não econômicas que provam aquilo que Marx cansou de demonstrar há mais de um século: a compreensão radical da Economia supõe uma compreensão não-econômica, global, do econômico. O resto, "coeteris paribus", não passa de oportunismo de tecnocratas ambiciosos e servís.

As razões pelas quais o consumidor é cúmplice da Ilusão que compra (e que o compra) desbordam de longe este anúncio. A respeito do assunto, "Aguirre, a Cólera dos Deuses" é um maravilhoso fragmento que descreve a Ilusão como força histórica. Ou, mais precisamente: a Ilusão como força atuante em condições históricas (sobre o mesmo assunto, Sérgio Buarque de Holanda escreveu "A Visão do Paraíso").

NOM

De qualquer forma, na medida em que coloca em jogo o desejo e a ânsia de absoluto, a Ilusão mantém relações com a ação dos homens bem mais complexas do que supõe a "alienação", essa dama piedosa que se apresenta como perda de uma essência a ser resgatada pelo auto-reconhecimento via crítica científica. Aos sacerdotes da transparência científica repugna reconhecer a força da Ilusão, mas quem a recusa, recusa a compreensão (entre outros) do Teatro, da Política, da Utopia.

Esta ilusão chamada "Chancellor" é, antes de tudo, uma embalagem. Verdadeira pele do desejo, a embalagem preside ao "frisson" do consumo. Nela, o nome "Chancellor", de sotaque saxão, não surpreende os nossos ouvidos colonizados: combina o peso heráldico de um passado que não temos com a superioridade "natural" da condição estrangeira.

Embora conservando um nome colonizante, plasticamente a embalagem inova. Nada da clássica cor-de-fundo amparando um braço pseudo-medieval. Tampouco a presença dourado-metálica (imitando um baixo-relevo de mau-gosto) de outros cigarros como "Charm" ou "Hilton" ou mesmo o prateado com aplicações vermelhas do longuíssimo "Du Maurier".

A fuga das referências aos metais preciosos sem dúvida intenciona evitar qualquer contaminação com o típico fascínio novo-rico com cores metálicas (basta lembrar o fulgurante Galaxie dourado que invariavelmente povoa as garagens dos marreiros enriquecidos).

Nesta embalagem, a recusa ao dourado propõe, portanto, novas conotações. O fino conduz à idéia correlata de *refinado*. O gosto educado é exatamente aquele que sai da opo-

sição chã do preto-e-branco e (re) conhece nuances. Que melhor simbolização da percepção sofisticada do que uma escala cromática que se espreguiça suave e lindamente em azul? (pena que o artigo não seja a cores).

Aliás, é preciso atenção com o uso das faixas *ton-sur-ton* nesta cidade de São Paulo. Recurso visual multiplicado, está se tornando rapidamente um clichê, desde as escalas azuis do Metrô até as (azuis também) dos postos de gasolina, de lavagem de automóveis, dos logotipos de inúmeras firmas etc (quando interessam cores mais "quentes", a escala vai do amarelo ao vermelho, percorrendo uma suculenta zona intermediária de laranjas, abóboras, maravilhas etc).

No caso de "Chancellor 100" nada menos inocente do que a escolha do azul e suas sugestões. A começar pela esperança profunda (profundidade de horizonte) de uma mudança mágica e instantânea, prêmio bilionário de Loteca: "vesti azul, minha sorte então mudou", cantava o inominável Wilson Simonal nos tempos não longínquos do Milagre. Se assim não fosse, os "jeans" não seriam uma imensa tribo azul e livre para contemplar cartazes ("liberdade é uma calça velha, azul e desbotada").

Mas não é só mudança, é mudança-para, é a felicidade-em-paz: "tudo azul" ("azul até demais", acrescentaria Roberto Carlos). E trata-se de uma felicidade viril, masculina ("o fino que satisfaz"), pois não é à toa que o quarto do menino é azul. Para além disto, a vertigem do privilégio: sangue-azul (ainda bem que em português azul não é *blue*, evitando assim a tristeza suave e lírica que insinuaria um vazio em tanto azul).

Essa multidão ordenada de azuis — exército que não é celeste — não esconde a sua profunda *colusão estrutural* com dois processos muito caros às sociedades (capitalistas) de consumo: o processo da *moda* e o processo da *produção industrial em massa*.

Estes processos se estruturam a partir de uma combinatória de elementos diferenciais *E* homogêneos, redutíveis a um mesmo princípio. Na moda, os diversos efeitos estéticos de um repertório de signos (estilos, materiais, comprimentos etc) são combinados diferentemente de "temporada" para "temporada" (este, o nome do tempo na moda). Na produção industrial, as peças (homogêneas) são montadas segundo diferentes módulos, gerando diferentes produtos, desmontáveis às mesmas peças. Azuis, chassis, decotes: três homologias seriais da mesma promessa alucinante de abundância.

A combinatória de tons azuis, o deslizamento de nuances, é uma esplêndida demonstração de como se pode eliminar a percepção das contradições pela proposição de contrastes infinitesimais. A multiplicação de variações irrelevantes (de azul cobalto para ríalto, celeste, da prússia, marinho, capri, claro, blau, turmalina, madrugada etc., etc.) mantém o unidimensional azul, ao mesmo tempo em que *simula* a possibilidade de escolha. Não é preciso um prodígio de lógica para mostrar que optar entre azul real e azulão é um excelente exemplo de democracia "relativa" nas cores.

Mais ainda: esta escala de azuis, deslocando-se disciplinadamente dos tons mais claros para os mais escuros (ou vice-versa) sugere fortemente a idéia de *ordem* ao longo do *progresso* de um movimento (ordem enquanto hierarquia harmônica de cores).

Neste sentido, a embalagem de Chancellor pode ser tomada como um delírio pictórico da Sociologia ajustativa: os diversos tons de azul, harmonizados em ordenada progressão, são os diversos papéis dos agentes sociais nos diversos ambientes sociais, os diversos papéis ao longo das idades, as prestações de crédito ao consumidor, a multiplicação da célula familiar, o incremento salarial correlativo ao tempo de trabalho e à reciclagem da competência, a progressão lenta e gradual ao longo da hierarquia das corporações, a sucessão de reformas na evolução de um sistema, etc.

(Romper radicalmente com essa ordem azulácea implica violentar uma seqüência, ou seja, uma expectativa repressivamente imposta, com novas cores e cores novas: "o cinza será cinza enquanto não soubermos reinventar o azul" escreveram nos muros os estudantes de maio de 68 em Paris. Assim, o escândalo de um vermelho escancarado, um amarelo abrasivo, a vertigem de um negro, "as sempre impurezas do branco, rasgar o anúncio para novos usos, etc.)

Mas voltemos ao bom-senso "realista" da ilusão dos sentidos: o que está escrito acima é tão-somente uma leitura daquilo que está por detrás do azul; no maço, se os diversos tons em faixas lisas e longas promovem um "belo" efeito colorido, simbolizando com felicidade (no duplo sentido) cigarros finos e longos, isto é apenas uma vantagem adicional do *design* — e os *designers* são profissionais muito bem pagos...

Finalmente, eis-nos chegados ao conjunto de signos chamado *rostos*. Não um rosto, mas *este* rosto — representação concentrada das qualidades "de" um produto.

Antes, a moldura: uma camisa social (ou mesmo esporte) mas retoricamente discreta (de gola) e **branca**, a lembrar o que tem sido o branco: a representação insuperável da pureza (contra um fundo negro). As mãos não descansam: prendem firmemente o cigarro em garra, sugerindo tensão, decisão, numa palavra: virilidade. Mas uma virilidade que não abdica de unhas bem tratadas (conciliação de contrários que se repetirá ao longo do rosto, em obediência ao lema básico de "fino que satisfaz").

Aproximemo-nos deste rosto. A distância do nosso olhar não é a distância da qual o contemplamos e sim a distância da qual **ele foi fotografado**. Tudo o que fazemos é ajustar nossos olhos à distância da fotografia. E esta distância é pequena, um sopro. Vemos com nitidez os poros da pele que quase roçamos com os olhos. O nome real dessa proximidade só pode ser um nome íntimo, **mesmo que não queiramos**. O foco e o fundo nos aprisionam na cumplicidade de um face-a-face sem culpa nem testemunhas. Um face-a-face para a revelação íntima de um segredo: a nossa (nova) face finalmente reencontrada e prenhe de promessas. O segredo: contemplar-se íntima e verdadeiramente neste anúncio. O nome real dessa proximidade é o mais íntimo dos nomes: o nome do nosso Outro, o nome nosso do Outro. Assim **conhecemos** (é-nos revelado) o fino que somos que (nos) satisfaz. Mais que sutil exercício de projeção: uma virtual **revelação** de Narciso.

O rosto: nariz aquilino, delicado, levemente arrebicado, combinando com um queixo de desenho largo e forte. Boca almofadada, quase feminina, compensada por um olhar firme e claro (nada a esconder) e pelas rugas, apenas insinuadas em torno dos lábios, mas já nítidas na testa. Rugas leves na testa deste rosto: o que faltava como signo definitivo da **confiabilidade**.

Quantos aos tons, a equipe publicitária logrou (mais uma vez nos dois sentidos) um prodígio de equilíbrios. A pele, moderadamente queimada de sol e que aflora graças à barba bem esanhoada, sugere o turismo solar e/ou a esportividade de pleno ar (iatismo, esquí) privativa das elites. O cabelo e os olhos têm o único tom possível para a coerência da conciliação: precisamente **este marrom médio**.

Se existe uma cor suficientemente anódina, capaz de simbolizar a con-

ciação pequeno-burguesa, esta cor é o marrom-médio. Se não, vejamos:

Cabelos loiros e olhos azuis, uma espécie de Ludwig fumante, remetariam o anúncio para os parâmetros arianos da "superioridade" estrangeira. As possibilidades híbridas (olhos claros/cabelos escuros ou olhos escuros/cabelos claros) seriam ainda menos identificáveis (portanto, menos "reais") na medida em que participam da indefinição do híbrido. Neste caso, a ambigüidade tornaria o produto inidentificável. Já cabelos muito pretos e olhos negros ("duas jabuticabas num copo de leite; como dizia Machado) tornariam o rosto insuportavelmente brasileiro, ameaçando a proximidade do mulato, do mulato pernóstico, "mulato nato, mulato no sentido lato, mulato democrático do litoral", fazendo do anúncio uma "Tenda dos Milagres". Face à subterrânea ressonância racista pequeno-burguesa, é necessário que a publicidade dirigida a esta classe estabeleça uma sólida separação racial. Ora, é claro que o modelo amado da pequena-burguesia consumidora é branco, o característico branco marrom-médio, a ser montado com signos de elite em direção ao rosto bonito-superior.

Contemplemos este bonito-superior no seu conjunto. Aqui, o "senso de média" da equipe publicitária raia a genialidade, tal o conjunto de contrários convenientemente conciliados.

A idade do rosto é o tempo de todos os tempos que flerta com o eterno, o ápice da possibilidade de fruição (corporal) da vida. Trata-se de um "jovem maduro", na transição imprecisa entre a juventude e a maturidade. Algo entre os 25 e os 30 e poucos, mas com certeza suficientemente jovem para ser considerado jovem pelos jovens e — simetricamente — maduro o suficiente para ser considerado maduro pelos maduros. Síntese feliz das metades.

A relativa ousadia da adesão à moda sofisticada é temperada por uma segura circunspeção, estabelecendo um preciso equilíbrio entre o fino e o viril. Basta notar o cabelo comprido, liso **por supuesto** (modelo fino) que se detém sobre a meia-orelha, salvando o viril; ou a hipótese de costeleta (modelo viril) mas que não se derrama "mexicanamente". No mesmo sentido também as sobrancelhas — medianamente grossas, mas não cerradas.

Quanto ao efeito geral do rosto (ou o efeito global do anúncio), todos os sig-

nos anteriormente apontados se conjugam para uma só transparência: a de uma **sinceridade** séria e simpática. Sinceridade que, por sua vez, reforça, reversivamente, a **veracidade** dos signos que a compõem.

Se por um instante animássemos este instantâneo, transformando-o em fotograma e tomando-o como momento de uma seqüência cinematográfica como se comportaria o rosto? Imaginemos:

Sem dúvida, ou a mão está levando o cigarro aos lábios para um gol e respirado de prazer ou acaba de retirá-lo e logo a fumaça se espalhará em torno do rosto numa brevíssima névoa, o véu de charme dos fumantes.

Um anúncio sempre tem algo a dizer, sua "mensagem". Se assim é, no caso o cigarro (ou melhor, o ato de fumar) marca precisamente a **interrupção temporária de uma fala**. Melhor ainda: a **suspensão enfática** de uma fala: **algo** (não sabemos o quê) acaba de ser dito e o ponto final é uma tragada ou algo vai ser dito precedido de uma tragada. Este "algo" não se confunde com o convite "conheça o fino que satisfaz" mas é algo — o rosto o "mostra" — indiscutivelmente sério, sincero e profundo. Nem Sócrates defenderia tão convincentemente a coincidência do bom, do belo e do verdadeiro...

Claro está que esta Beleza boa e verdadeira se propõe com consenso a um público heterogêneo e diferenciado. Para o olhar desconfiadamente machista há algo de suspeito "em tudo isso". Essa suspeita, acrescente se contém algo além da suspeita de si mesmo.

Com efeito, em primeira instância o anúncio se propõe claramente a um público heterossexual. Daí a cuidadosa conciliação de contrários cujo efeito, de antemão, não pode (ou não ou deve) ser ambíguo. O rosto avança o máximo de beleza possível sem deixar de ser heterossexual (ou melhor, ter a aparência heterossexual).

Mas esta beleza (a sedução de um rosto "perfeito") é mais do que suficiente para provocar novas mortes em Veneza. Ou seja conservando a sua mensagem principal, destinada aos "machos fumantes", o anúncio envia uma conotação convidativa a um público secundário mas importante e passível de ser conquistado pelas primícias da finura: o público "gay" sofisticado ou **soi-disant** sofisticado.

Essa ponderação de públicos nada mais faz do que destinar o esforço principal do anúncio ao público mais im-

portante reservando as mensagens conotadas (ou enrustidas) ao público minoritário. Será que alguém precisaria se dar ao trabalho de provar que se o público fumante fosse majoritariamente "gay" (se vivessemos num país da maioria "gay", para desgosto mortal da Liga das Senhoras Católicas) o anúncio refletiria a correlação dos públicos?

Aliás, com respeito ao público "gay" nossos ousados publicitários e seus clientes — por razões certamente compreensíveis — apresentam-se consideravelmente mais inibidos que os colegas de outros países. Salvo engano, a única publicidade em grande escala (sem considerar a das butikues **privées** e congêneres) assumidamente (para usar o jargão) "gay" que se pode registrar (e não é recente) se refere à linha "Rastro" de Aparício.

Mas trata-se de uma lacuna em vias de correção. A imprensa "gay" nascente está rapidamente se encarregando de definir uma "poesia gay", uma "filosofia gay" (que não se confunde com a gaya scientia) um "gay way of life" que sem dúvida implica num estilo "gay" e numa "moda gay". Nas sociedades de consumo, a invenção do homossexual é sobretudo a invenção do **consumidor homossexual**.

Relegando o "gay appeal" para uma conotação secundária de sentido, este rosto silencioso nos diz que "é possível ser fino e verdadeiro é possível ser fino e ser viril".

Ele responde, assim, a dois tipos de anúncios de cigarros que apelam para as qualidades brutas (curtas-e-grossas): o **ecumenismo popular nos atos de trabalho** ("Continental, preferência nacional") e o **cigarro como ato macho** ("a terra (será?) de Marlboro").

Ou seja, ele **mantém um compromisso com o curto-e-grosso**, assegurando ser um "fino" que satisfaz. Geralmente a mirada popular rejeita os cigarros finos como "perfumarias caras", mas "Chancellor" pretende continuar pertencendo ao que Mário de Andrade chamava (com visível delícia de "os fumos fortes do meu país").

Além disso, ao manter este compromisso, o anúncio designa a si mesmo como via-de-acesso a padrões de consumo típicos (pelos menos) de alta classe-média ou mesmo da burguesia (para os mais distraídos).

Mas, via-de-acesso para quem? Afinal, qual o público que vai ser arpoado pelo anúncio?

(este artigo continua num próximo beijo). (Fernando Mesquita)

Nosso objetivo são os leitores e nosso espaço é para os livros, editores, livreiros e gráficos. Mensalmente, jornalistas, críticos, professores e leitores analisam, resenham e polemizam em torno de livros inéditos, novas publicações e reedições à venda nas livrarias de todo o país.

leia e assinale
LEIA
LIVROS

Nº Avulso = 15,00 - Uma publicação da Editora Leia Livros Ltda. -
Assinatura (12 n.º) = 150,00 Redação: R. Barão de Itapetininga 93, s/1201 Fones: 36-0671 e 35-6667

Cada assinatura de Beijo custa Cr\$ 150,00

Preencha os dados deste cupom, destaque e envie-o com um cheque nominal ou vale postal para Editora Boca Ltda, à rua Conselheiro Josino, 29/ s-205 -Fátima-20.000
Rio de Janeiro - RJ

Nome
Endereço
CEP.....Profissão.....
Cidade.....Estado



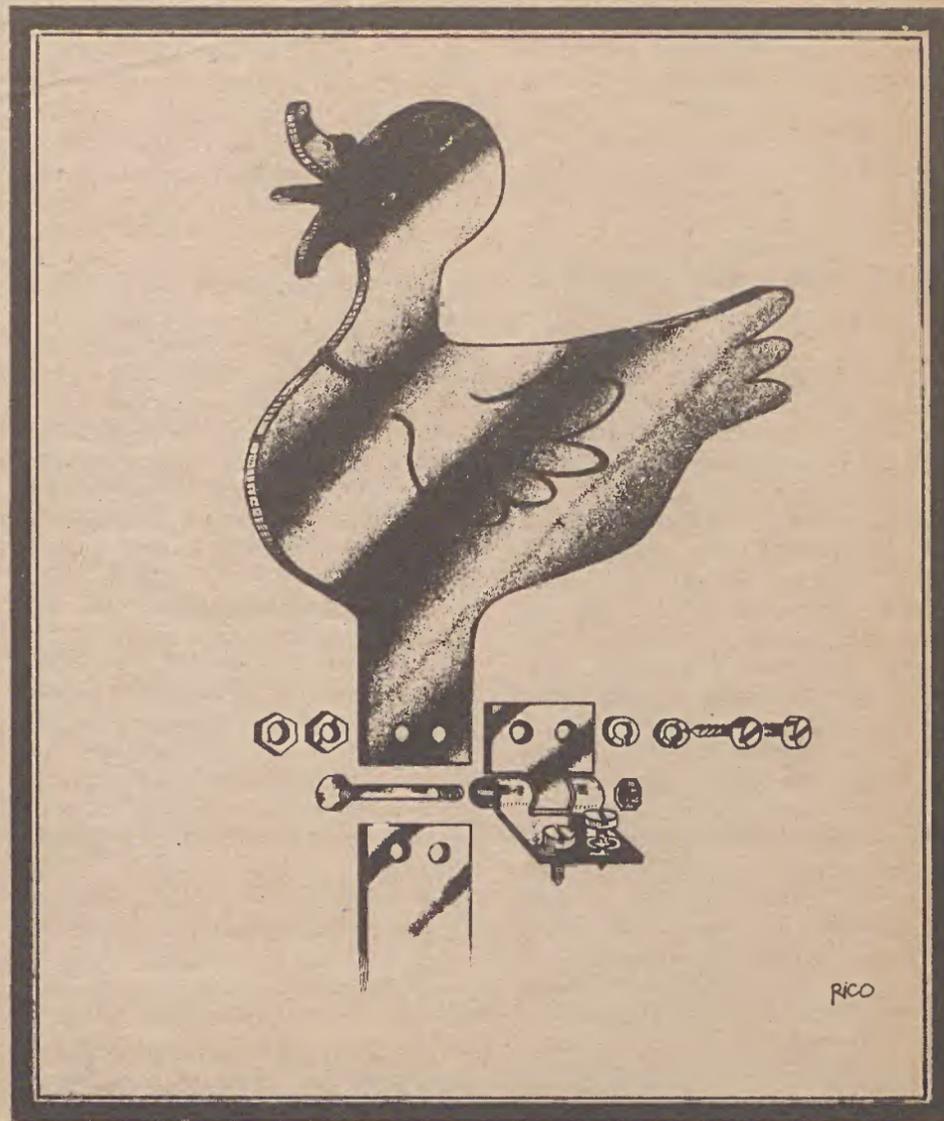
Bem se sabe que o caos é criador; e do medo da criação à norma, o fio da espada que aponta para o conhecido. O receio à rarefação, o temor de que a realidade desponte como algo significativamente mais rico e complexo do que aquilo reconhecido pelo legislado faz com que a estupefação se converta em permanente dama de companhia dos códigos legais.

O anjo é a imaterialidade que, em vôos, circunscribe um espaço inquestionavelmente real. Este, o real realizado e intransponível, assemelha-se à "dinâmica" do torno, cuja peça desfaz-se em aparas ao redor de um eixo irremovível. A realidade do anjo é a realidade aquosa; imune à análise, posto que concêntrica. As pedras, que provocam as ondas monótonas em sua mesmice, pertencem às mãos que não souberam suportar, ainda que por um relance, a tensão absurda que talvez nos revelasse aspectos fundamentais do nosso tipo de existência.

O centro é o Estado, a noção de ordem.

Nestes dias de luta contra o regime militar, onde a reivindicação das liberdades democráticas se apresenta como um momento — não necessária e plenamente realizáveis enquanto etapa — de uma possível profunda ruptura com a ordem capitalista, nota-se uma grande mobilização da vontade de alguns setores intelectuais (ainda que insistentes em se autodenominarem não-intelectuais) em se oporem àqueles que

violência, enquanto acontecimento policial, será dado pelo código legal. A decantada denúncia passa então a ter um sentido claro: o clamor pelo cumprimento de uma lei desrespeitada. Toda complexidade e contraditoriamente de certas situações são submetidas ao redutivismo do gesto que pede que a lei se cumpra. A lei. Redutivismo que implica não só no imediato esvaziamento de uma perplexidade nadificante — que momentaneamente pode anular o embotamento ideológico e revelar processos de repressão bem mais introjetados e camuflados pelos mecanismos do cotidiano — como também na instauração da aberração como único paradigma da violência. A denúncia do grotesco é a opacidade erigida à condição de crítica: triste veleidade (ver a este respeito algumas reportagens fotográficas do jornal **Repórter**). Simultaneamente, faz-se a assepsia da violência à medida em que seu impacto inicial é canalizado para a discussão da legitimidade do ato. Deste modo, o esforço em colocar esses acontecimentos no campo social, tirando-lhes o caráter de meras expressões do Mal, de imediato envereda por uma trilha de antemão marcada por uma ideologia burguesa mais ou menos positiva, onde a realidade social é demarcada pelo sacrossanto aspecto legal. Conseqüentemente, todo apelo passa a ser implicitamente voltado ao Estado, tutor — e talvez demiurgo — absoluto e inquestionável da sociedade — agora



CRÔNICA POLICIAL:

hoje representam o poder neste país. Movimento às vezes apressado, incapaz de equacionar a relação possível entre suas intenções, ou mostras, de contestação e as possibilidades do instrumento por meio do qual tentam objetivar um descontentamento.

É este o caso de alguns veículos de imprensa, jornalistas, editoras, cineastas, ex-detentos, etc. Citar rigorosamente nomes de publicações e/ou autores seria cansativo, mesmo porque o objeto de análise é meio difuso, ainda que se apresente claramente como uma tendência cultural atual: a ilusão de contribuir para subverter o regime por meio de uma politização esquerdizante da crônica policial; o alardeamento da violência policial (e me refiro aqui tão-somente aos chamados crimes comuns — tanto por parte da polícia quanto por parte de marginais), sempre mediado pela crônica, como contestação do governo vigente entre nós. Mas tudo isto sem nunca se perguntarem da adequação deste mesmo meio, a crônica policial, cujos parâmetros são dados pela relação com que determinados fatos se apresentam referencialmente ao código penal.

Um acontecimento é tido como notícia policial, como violência, tão-somente se transgride aquilo resguardado legalmente. A importância maior ou menor desta mesma notícia, é claro, dependerá principalmente do veículo (e respectivo circuito) e do tipo de relação oportunista que terá em cima das nuances de seu público; mas o reconhecimento, o estatuto de verdade da

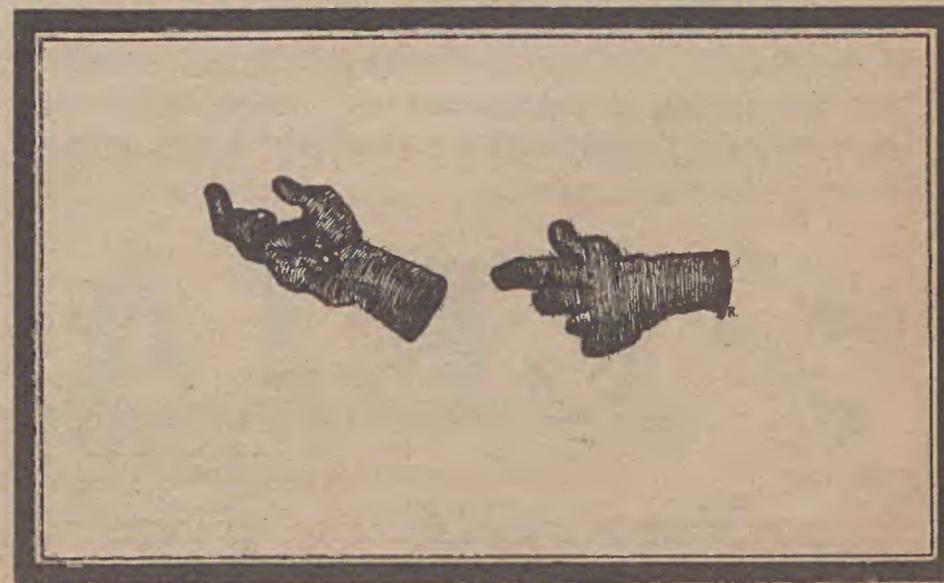
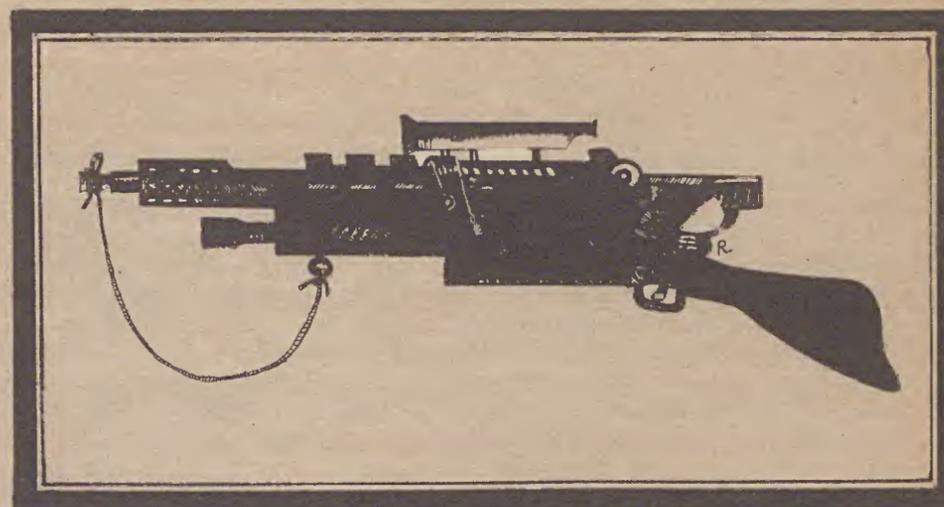
compreendida como base petrificada e passiva, simples conseqüência dos desígnios deste Estado neutro e imaculado. Aos "sujeitos" não lhes cabe a ação, mas sim a obediência.

Nestes dias de luta contra o regime militar... cai-se frequentemente na tentação de ocupar-se em cobrar posições políticas as pessoas que, em nenhum momento, deram a menor importância a posicionamentos desta ordem... quanto mais de esquerda. Não é isto, pois, que buscamos com este artigo, mas simplesmente uma análise (e rápida) de posições que claramente se colocam pela justiça social, pelo fim da exploração, etc, ainda que no seu exercício (no caso a crônica policial esquerdizante) se realizem como algo que nega estas primeiras.

(...) eu pensei muito também no caso Ana Lidia, onde, entre outras figuras implicadas, estão o filho de um ex-ministro da Justiça, que mandou, implantou muita moral neste País, mas só não implantou com o filho dele. (entrevista de José Louzeiro no Folhetim de 11.12.77)

Um dia desses eu li estarecido na coluna social, que uma moça, uma moça não, uma senhora, embora ela ainda seja apresentada como moça, a verdade é que ela tem idade para ser minha mãe, viajou para Nova York para ver o jogo do Cosmos (...) (entrevista de Aguinaldo Silva no Folhetim de 11.12.77)

(...) os boatos de que os frequentadores do Regine's andavam preferindo a cocaína ao Don Perignon. (Isto É de 19.10.77)



O antropólogo Frederic Werthan já comparou a violência ao câncer. Pode começar, insidiosamente, em qualquer parte de um organismo. Torna-se aparente através de uma manifestação específica e localizada, mas pode se espalhar pelo corpo inteiro. Pode ser fatal, se não for extirpado em tempo. Diagnosticá-la, tratá-la ou evitá-la requer todo o engenho e todo o empenho da ciência. Bela definição. Mas acontece que Werthan vive nos Estados Unidos (...) (artigo de Percival de Souza e Silvio Lancellotti na revista Isto É de 15.3.78)

Há uma crise de autoridade, de decisão, e de Justiça. O sistema montado com base em leis que pretenderam resolver a questão da superpopulação carcerária, deixando em liberdade os réus primários, mas que, na realidade, protegeram os criminosos ricos, está decretando a falência da culpa. (Luiz Valério Meinel — Em Tempo de 23.1.78)

(...) nós estamos querendo é a volta deste País à legalidade, para que se acabe com o barbarismo e o crime, principalmente contra operários e trabalhadores de modo geral, que não têm nada a ver com isso. Você veja, de ontem para cá, de ontem para ontem, ou seja, de quarta-feira para quinta, mataram-se mais cinco trabalhadores na Baixada Fluminense, e ninguém toma a menor medida. (entrevista de José Louzeiro no Folhetim de 11.12.77)

aceno, o encontro é bem mais desolador. Os textos acima, são, neste sentido, reveladores.

Conta-se desde o século XIX, que a situação da pequena burguesia no processo da luta de classes sempre a colocou numa posição caracterizada pelo centrismo. Dilacerada por uma problemática insolúvel interiormente a si mesma, esta classe cria condições de extrema fertilidade para o que poderíamos chamar o fascínio burguês. Individual e ideologicamente, a solução dessa tensão para os membros daquela classe muitas vezes reside na adoção cega da concepção e valores gerais engendrados pela sociedade burguesa, complementando deste modo uma prática cuja tática pertence indiscutivelmente à burguesia.

Desde a sua posição de dominação, com a autoridade que lhe é conferida, (a autoridade de quem venceu porque estava certo), a burguesia, por meio de seu circuito de verdade, cria em torno de si uma luminescência da exploração ao mesmo tempo centrípeta e mascaradora de quaisquer contradições — por paradoxal que seja, uma sensualidade assentada na assepsia. O fascínio pelo burguesia é precisamente o Grande Refúgio, pois a criação desta sua aura asséptica é a ilusão da ruptura com a contradição capital/trabalho. Chegamos ao poder dominante (o Grande Lar) que mascara as suas bases de dominação: a Harmonia Absoluta. O brilho emanado no exercício do fas-

A harmonia fascinante criada pelos dominantes, na ameaça de deixar transparecer alguns conflitos que nem de longe são suas verdadeiras contradições, deve ser recuperada — com seu respectivo encanto.

Esta ânsia de harmonia vai ser novamente reforçada quando a crônica policial buscar as causas desta situação pretensamente violenta. A sociedade doente, que doravante será a causa-mãe da criminalidade, é então concedida como mola propulsora de comportamentos inadequados (tanto de marginais quanto de policiais), que ferem uma certa organicidade almejada. Com uma aparente desmistificação do fenômeno — ou seja, o fim da noção demoníaca da criminalidade com sua recolocação no social —, não se faz que uma atualização do mito, dado que, doravante, a sociedade vai passar a ser tomada como mecanismo, cuja regência se encontra no Estado. Não se trata mais de discutir os conflitos sociais, seus engendramentos e superações, mas sim de manter um subentendido diálogo com o poder central, no sentido de que tutele mais eficazmente a marginalidade. E, aqui, a ideologia ventilada vai além do problema da violência policial para se situar como escamoteamento da própria luta de classes. Não se trata, neste artigo, de buscar todas as mediações destas situações de violência, mas sim de evidenciar que, deste ponto de vista, só se faz reprimir a

análise, tem-se a comprovação da profecia. Sua história nos é contada e é aí que ela ganha sua materialidade: na simpatia da complicitade, na catarse. Somos mais do que espectadores, somos confesores. O orgulho de nos sabermos dignos de um segredo, de nos sabermos como condição para realização da sua profecia, da sua história, nos engrandece... e imobiliza. É esta a concretude de uma história! Ser agente histórico, por sua vez, é ser testemunha?!

A meu ver é este o principal ponto de filme e é este também o procedimento corriqueiro da crônica policial: a ruptura com o impasse criado por uma situação de violência pela imediata colocação da questão legal. O deslocamento da perplexidade nadificante, cuja dimensão é a da contradição inerente ao gesto, para uma séria conversa liberal sobre uma sociedade mistificada. E então os cronistas criam a náusea da violência, onde nos retraímos pelo grotesco das situações, colocando-nos como pedintes da segurança estatal. E nos recolhemos e nos diferenciamos. A assepsia da violência, ganha então mais uma couraça protetora, à medida em que, não nos violentando, cria uma relação de alteridade da violência para conosco. A violência pertence a eles.

E haveremos de ser eternos cortesões para com a burguesia.

Penso que merecem todo o respeito aqueles que se batem, de um modo ou

O ARCANJO GABRIEL REVISITADO

Um regime do povo não precisa oprimi-lo nem reprimi-lo. Um regime próximo do povo não teme o povo. Um regime próximo do povo não precisa temer a subversão. O povo não vai subverter uma situação que o favorece. (espécie de editorial do jornal Repórter de 12.77)

Se se atenta para atual situação dos setores esquerdizantes da crônica policial, pode-se caracterizar de imediato duas tendências de crítica à situação vigente no País. Diferenciadas quanto aos aspectos da realidade que abordam, têm em comum tanto os parâmetros mais amplos que lhes servem para referenciar sua pretensa análise, quanto a finalidade que lhes norteia: relacionar este particular da violência com a situação mais geral do País. Todavia, e é o que se pretende mostrar, o seu geral termina por se mostrar estéril, dado que não supera os limites do aparato jurídico que tradicionalmente lhe serve de baliza.

Por um lado, devido principalmente aos assassinatos de Ana Lídia, Aracelli Cabrera Crespo e Claudia Lessin Rodrigues por legítimos filhos da burguesia, tenta-se culpar à burguesia de impunidade diante de seus crimes, tentando, grosseiramente, dar-lhes um caráter classista (ver a esserespeito artigo intitulado "Surto de imunidade em todo o País: Estão todos soltos!" no semanário Em tempo de 23.1.78). Por outro, passa-se a enfatizar o caráter social da violência e da criminalidade, supostamente apontando, assim, para uma forma de superação que traria em si a necessidade de transformação de ordem econômico-social. Este é o

cinio aparece, ilusoriamente, como a possibilidade de uma perspectiva longe da prática revolucionária e da exploração. Neste sentido, e somente neste, a pequena burguesia ganha identidade, criando ao mesmo tempo uma nova categoria social: a classe-em-contemplação.

Todavia, o flerte também tem suas arestas e, se a imagem harmônica momentaneamente desliza, os choques são profundos (na medida desta radicalidade, é claro). Reinstala-se a insegurança, no momento do sono, e o despertar é traumatizante.

A mim me parece que é por este ângulo que podemos revelar a posição que tenta se fazer por crítica quando denuncia a impunidade da burguesia: uma postura que, em última análise, chama a classe dominante às suas responsabilidades, posto que a imagem de respeitabilidade se esfuma. Por esta via, não se descontrolou, portanto, o processo de dominação vigente mas se incorre, mesmo, no risco de se fazer as vezes do Estado, à medida que, em nome da "impunidade" da classe, denuncia-se alguns incautos e desleixados membros. E, como foi apontado anteriormente, não se sai nem um milímetro do quadro jurídico, dado que manutenção de todos aqueles valores tidos como válidos pelos códigos vigentes: decoro, pudicidade, esforço, laboriosidade. Pode ser que, numa situação conjuntural como a nossa, tal posição até mesmo passe como progressista, mas os valores aí defendidos, não resta dúvida, são ainda mais conservadores do que aqueles que a própria classe dominante realiza.

emergência do problema, ao tomá-lo como aberração da ordem.

Não é significativo que os motins de presos (como o que recentemente aconteceu na Bahia), suas greves de fome para conseguirem melhores condições carcerárias (como ocorreu há pouco em Guarulhos) sejam tão pouco divulgados? Ao tomarem seus destinos com suas próprias mãos, os marginais negam esta teoria organicista, rompendo com a tutela do Estado e negando na prática esta noção que pretende por social um todo homogêneo é passivo por sobre o qual devem atuar as autoridades constituídas. O social entendido como passividade.

A lei, e o poder repressor a ela correspondente, é a tentativa de organizar os conflitos internos a uma sociedade, tendo em vista manter, numa situação de desigualdades, um determinado poder. Se prescindirmos da contradição social nesta concepção, teremos que a lei tão-somente regula diferenças: o célebre do corpo social. Neste sentido, o marginal é uma diferença-limite e, portanto, deve ser confinado em nome do bom funcionamento do todo. Sem dúvida, é preciso ousar mais (1).

E ousar mais — além do rompimento com a estreita noção de arbitrariedade — significa também problematizar o circuito de reciclagem da violência, rompendo com sua assepsia.

Quando no filme "Lucio Flávio, o Passageiro da Agonia" o personagem principal afirma que "vou morrer, mas minha história vai ficar" é bom nos lembrarmos que ele diz isto precisamente numa tela, onde, em última

de outro, pela defesa da integridade física de um semelhante. É sabido que muitos repórteres policiais correm riscos. Mas é preciso que não se esqueça que esta idéia de integridade física também tem história, caso contrário cairemos numa absoluta banalização da vida, que passará a ser normatividade pela conformidade com a lei. Este pauperismo faria corar os zumbis.

Há a violência global da vida e o reconhecimento disto é condição para a sua possível riqueza. Se há o absurdo da ausência total de meias-saidas — das quais a situação de legalidade seria a mais imediata — há a correspondente necessidade de uma revolta total e sem trégua. Há de se valorizar a vida, ainda que intelectualmente, ou estaremos completamente rendidos. Nos dois casos acima vistos, as situações de violência são imediatamente canalizadas para o conhecido, adquirindo uma logicidade completamente linear. Dentro desta perspectiva linear, numa sociedade alienante, sem perspectiva da revolta e do desconhecido, como não vivermos na antevisão da morte?

Mesmo o condenado à morte, circunscrito nesta situação-limite, é livre para, pela revolta, não deixar liberdade ao seu verdugo.

O nada da perplexidade é a morte do anjo.

Notas: (1) No entanto, temos muito medo dos chamados marginais; mas há também a ronda da loucura e o estigma do nosso confinamento: a situação se inverte e a liberdade ganha corpo.

Sem número: vide artigo de Baudrillard no Beijo nº3 - p.5. (Rodrigo Naves Reifis)

mudou o cinema novo ou mudamos nós?



Muita gente não entendeu, na época, como é que a vanguarda do Cinema Novo transigiu com o Estado, quando todas as aparências estariam aconselhando uma resistência radical. Foi o que aconteceu quando começaram a aparecer na imprensa as fórmulas de conciliação. Os exemplos: Glauber Rocha — indiscutivelmente o mais ardoroso defensor do CN —, num artigo publicado na revista *Visão*, em 1974 — motivando indagações do tipo “o que deu no Glauber?” — e num publicado no *Pasquim* nº 331, novembro de 75 (“Vatapá no Ventilador”); Paulo César Saraceni — cinemanovista da primeira hora — na entrevista a *Filme Cultura* nº 20, de maio/junho de 72; Arnaldo Jabor — o cineasta da classe média — no jornal *Opinião* nº 152, de outubro de 75; Gustavo Dahl — cineasta, ensaísta e teórico do CN — num ensaio em *Filme Cultura* nº 20, onde lançava as premissas para um projeto de cinema brasileiro em tom ufanista, e mais tarde vai trabalhar na Embrafilme; Carlos Diegues — a quem Ganga Zumba deve a volta ao cativo tendo como senhora a Xica da Silva — e vai por aí fora.

Segundo o velho Nabuco, as revoluções se fazem com os exaltados, mas logo se verifica que é impossível governar com eles. Foi o que aconteceu com o CN. Depois da safra 1956/65 — Rio 40 Graus, Barravento, Vidas Secas, Os Fuzis, Ganga Zumba, Deus e o Diabo —, quando a preocupação dos cineastas era voltada para o povo (não vamos aqui entrar nas discussões sobre quem é povo no Brasil) como personagem dramática do cinema, a partir de 1965/66, a emergência da classe média no cenário político levou os mesmos realizadores a falar sobre ela, até então ignorada pelo cinema brasileiro. A classe média não podia mais ser ignorada como protagonista das mudanças políticas do País. Vem, então, A Falecida, São Paulo S/A, Fome de Amor, Opinião Pública, Terra em transe, Os Herdeiros, o Brado Guer-

reiro, O Desafio. As jornadas de 68 colocam mais claramente a classe média. Aparecem as tentativas de desarticulação do discurso cinema-novista (sem no entanto romper com ele — leia-se, a propósito, Flávio Moreira da Costa, que defende o “udigrudi”): o cinema “marginal”, os desbundados de 68. Surgem *O Bandido da Luz Vermelha*, *A Mulher de Todos*, *Matou a Família*, *O Anjo Nasceu*, *Meteorango Kid*, *Gamal* etc. Mas o Cinema Novo, então dado como morto, contratabava: *Macunaíma*, *Os Deuses e os Mortos*, *São Bernardo*, *Os Inconfidentes*, *Toda Nudez*, *Quando o Carnaval Chegar*, *Guerra Conjugal*, *O Amuleto de Ogum*, e por aí vai. (Estou falando apenas do cinema que a classe média assiste; o povo não vê estes filmes porque está saturado de filme estrangeiro americano de Hollywood e de Hong-Kong, de pornochanchada, de jecas e trapalhões).

Já em 1966, Jean-Claude Bernardet matava a cobra e mostrava o pau: o CN é feito pela classe média, com moral e ideologia de classe média. Esta constatação repercutiu por muito tempo no meio intelectual e cinematográfico, levando a reflexões em torno do que se estava fazendo (ao menos no plano teórico). Com a fusão INC-Embrafilme, os elementos do CN — que em 1966 foram contrários à criação do INC, infestado pela direita — passaram a apoiar Roberto Farias, empossado em 1974 (quando a Embrafilme ainda era uma dependência do INC) como diretor executivo da Embrafilme. O realismo desses cineastas levou-os a entregar os anéis para não perderem os dedos. Era preciso fazer filmes, pagar dívidas, enfim, assegurar a própria existência do cinema brasileiro. Era uma proposta prática: cuidam de apoiar o organismo governamental para garantir um espaço político de atuação. Estas opiniões e idéias, entretanto, não eram comuns a toda área cinematográfica. Para alguns qualquer acordo ou transigência significaria traição. Outros, ainda,

preferiram o silêncio ou militância sindical. O cinema “marginal”, é claro, estava em outra: desinteressado da situação econômica real e concreta do cinema brasileiro, desprezando o mercado interno e o público, subvertendo a postura entre autor e obra, e obra e público. Esse marginalismo já era um sintoma da formação do cinema-indústria. Fenômeno ainda não estudado, o filmarginal encontrou, na parte da crítica que o acolheu, uma atitude paternalista e liberal.

Não se pretende aqui fazer uma crítica moral à estratégia política adotada por realizadores do CN. Os “marginais” hoje estão fazendo filmes comerciais: atentem para a nova safra que vem aí e prestem atenção nos nomes. Convertidos? Também não se pretende avaliar o desempenho de R. Farias à frente da Embrafilme. Mas o fato concreto é que:

1. o cinema comercial é o único com condições de chegar ao público;
2. desprezar o público da pequena burguesia não parece uma atitude de política conseqüente nem progressista;
3. os espaços culturais e políticos devem ser ocupados pelos elementos progressista e não deixá-los abertos às iniciativas da direita;
4. deve-se procurar alterar a correlação de forças nas lutas sociais que estão sendo empreendidas nos diversos setores e o cinema é um meio eficiente de divulgar idéias e alterar comportamentos;
5. o cinema industrial e comercial de país capitalista tem contradições: relações de trabalho, de poder etc. Essas contradições não serão superadas senão pela transformação histórica — é preciso atuar sobre elas na prática de fazer cinema;

6. somente através da prática será possível enfrentar a política de cúpulas e o dirigismo cultural seja de quem for. Não estamos vivendo sob um governo populista, como o de Juscelino ou Jango, em que as alianças tinham de passar obrigatoriamente pela mediação do Estado, pois, a política cultural do governo é problema dele.

Mecanismo de controle

Isto posto, cabe uma colocação no sentido de chamar a atenção para uma possível fermentação, agitada (mais uma vez) por Glauber Rocha. Num artigo no *Correio Brasiliense*, de 31 de janeiro deste ano, GR, com a retórica que lhe é peculiar, critica a premiação do filme *Perdida*, de Carlos Alberto Prates Correia, como melhor filme de 1976, por um júri formado por cerca de trinta cineastas, críticos, etc. representando 10 entidades cinematográficas.

Ao que parece, a premiação da Coruja de Ouro (“a maior festa do cinema brasileiro”) desagradou ao Grande Cineasta. E ao grande Produtor também. GR escolheu não a Embrafilme (porque é do governo) mas o Júri e, no canto, R. Farias. O filme de Prates é chamado de “um pastiche godasiano”, “filme inexpressivo e tímido”. Não vamos entrar nos méritos de *Perdida* (que os há), como se não bastasse o fato de ele existir como tentativa de fazer cinema independente. GR prefere os hollywoodianos e colonizados (para usar uma linguagem grata ao acervo crítico) Xica da Silva e Dona Flor. Entre eles e *Perdida*, fico com o último. Na verdade, Xica e D. Flor nem foram ao último escrutínio, que ficou entre *Perdida* e *Aleluia Gretchen*, de Sílvio Back. *Perdida* foi parcialmente feito com

financiamento da Embrafilme; foi prejudicado na época de seu lançamento (junto com Xica), mas mesmo assim deu bilheteria, fez boa carreira no Sul, Prates já devolveu o dinheiro à Embrafilme, mas ainda não recebeu a sua parte dos 220 mil do prêmio. A Embrafilme já recebeu, a Mapa (que produziu) também, e Prates não. Ora, o que interessa numa premiação é o dinheiro que gira em torno dela. L.C. Barreto ficou do lado de Glauber, é claro. Joaquim Pedro foi contra, Jabor e Leon não compareceram, e Nelson Pereira dos Santos estava viajando. Não é o caso de se discutir se foi manobra dos paulistas, que se queixam da pouca atuação da Embrafilme por lá. O que cabe denunciar é a posição marginal do pequeno realizador, do cinema independente, dentro da política de atuação do órgão governamental. Somos contra a liberalidade do mercado que favorece a entrada do produto cultural estrangeiro que compete, com todas as suas armas de propaganda e corrupção, com o filme brasileiro, mas também somos contra o subimperialismo interno do Grande Produtor, cuja tendência histórica é de se unir ao Grande Capital. A luta tem dois fronts, não se trata de chauvinismo que ignora as manifestações da cultura universal em nome do ufanismo nacionalista. No mesmo artigo, GR acusa R. Farias de ser a favor da pornochanchada, que “aumenta o consumo do filme nacional, atende ao gosto de uma faixa de público, embora não eleve os padrões da cultura brasileira”. Não vamos discutir a visão estreita de Farias, nem a postura moralista e censuradora de GR. O que interessa observar é se tal fato traduz um desgaste de Farias na direção da empresa. Talvez, pois pouco depois no Caderno B do *Jornal do Brasil*, de 10 de fevereiro, GR abre o verbo, numa crítica principalmente dirigida a Farias, acusado de “reduzir a potência cultural do cinema brasileiro, de desastrosa política de exportação, de repressiva ideologia de produção, de antinacional política de distribuição” etc. Pode ser que GR tenha razão — provavelmente tem —, mas escolhe as armas erradas para lutar. Será que isso tem alguma coisa a ver com o processo de sucessão na Embrafilme? Ou não há mais dinheiro para A Idade da Terra?

As tentativas de eleger Joaquim Pedro representante da minoria acionária não deram resultado. Enquanto isso, L.C. Barreto é contestado em assembléia por Jece Valadão... Devido à nova Lei das S/A, há todo um complexo mecanismo de ações com poder de voto e ações sem poder de voto. Joaquim Pedro e a entidade dos realizadores — Abraci — continuam a apoiar a Embrafilme, mas exigindo definições de Farias quanto à distribuição, ao capital estrangeiro etc. Para Joaquim Pedro, a Embrafilme “é necessária para enfrentar as multinacionais”. Através de uma política de democratização do capital, a minoria poderia ter acesso a ações, e exercer influência, através das assembléias, na orientação administrativa da empresa, na sua política cultural etc. enfim, exercer um mecanismo de controle. Bem, essas são as formas de luta de dentro a serem desenvolvidas pelo grupo de cineastas que Joaquim Pedro representa: apoio à Embrafilme, com independência.

A declaração de Glauber pode ter sido algo isolada, pessoal. Quem quer votos, não faz conspiração...

(Oscar Guilherme Lopes)

A morta e a tampa do caixão

A produção teatral, no sentido do "fazer" do artista, é a atividade cultural mais limitada pelo mercado de arte e pelo senso comum. Necessitando do ato de ir ao palco, que pressupõe sempre um mínimo de investimento econômico e de afluência e delimitação de público, o teatro cumpre uma trajetória marcada pelo "atraso" no seu próprio tempo, desde que deixou de ser um "serviço" prestado às classes dominantes ou um entretenimento popular sem grandes preocupações. Como produto cultural submetido às leis do mercado de arte, o teatro é obrigado a restringir suas "inovações", é obrigado a "dosar" o processo de questionamento dos seus meios de expressão. Quando ele existe como meio de expressão, é claro.

No Brasil, a partir da formação de um mercado de arte teatral, na década de cinquenta, o contorno de classe das platéias culturalmente mobilizadas implicou em tendências teatrais hegemônicas mantidas em vigor com escassas modificações: é o teatro de idéias rotulado como burguês, é o teatro do povo no palco, é o teatro da crise visceral do indivíduo. No experimentalismo, setor de produção que evidencia a fragilidade do mercado de arte, pouco se conseguiu em matéria de radicalidade. As tendências dominantes costumam reproduzir as questões do grande teatro empresarial, com um acabamento amador. A diferença se localiza mais no acesso às técnicas e aos meios de produção, menos que nas questões. O esforço do experimental é dominado por uma dificuldade de reconhecimento e concretização do seu próprio espaço, o que implica inclusive na dispersão de propostas em princípio bem intencionadas.

O teatro brasileiro acontece num campo de arca móvel. As propostas surgem, submergem, retornam. Por vezes intactas. Outras vezes, retornam deformadas, distanciadas de uma reflexão maior sobre o próprio trabalho teatral e pretendendo uma transposição mecânica de opções intelectuais por si só discutíveis. Não importa. A sua vigência é reduzida no mínimo, o debate se esvai, a produção não é suficiente para localizar uma prática fora da linha de atuação imposta ao teatro, que é a veiculação de temas e conteúdos exteriores. A fragilidade do mercado de arte impõe no país, nos centros produtores, um teatro que, antes de ser teatro, deve ser: uma veiculação epidérmica das questões do momento. O jogo é complicado. Na recusa sintomática de pensar o teatro fora dos mitos, atitude que os artistas precisam manter para sobreviver no teatro, as tentativas de análise entram em choque com os sucessivos afoamentos e ressurreições.

Transcrevemos a seguir a entrevista concedida por Ana Maria Taborda, diretora de A Morta, espetáculo montado originalmente em Porto Alegre e apresentado no Rio Graças ao projeto "Mambembão" do SNT. O objetivo é o de tentar conquistar espaço para um debate teatral... (Tania Brandão).

Beijo — Em primeiro lugar, gostaríamos que você situasse A Morta no interior da "História do Teatro Brasileiro". Ou seja, considerando a produção teatral brasileira mais recente, a partir do final da década de cinquenta e da década de sessenta, constata-se o aparecimento de um teatro que se pretende político, que deseja a realidade brasileira no palco, o povo brasileiro no palco. Com o amadurecimento desta produção surge, em alguns casos a partir dela, uma outra modalidade de trabalho vinculada "às classes médias urbanas", com o Oficina em sua última fase, o Amir Hadad... Agora, quando temos de volta uma produção teatral marcada pelas questões do "povo", que se solidifica, como é que você situa o trabalho do grupo com A Morta?

AMT — Eu acho que esta linha voltada para o "povo", pela própria formação de classe da sociedade brasileira, persistiu a partir da década de sessenta e na sua adequação ao sistema conseguiu manter-se por todo este período, apesar de uma queda de qualidade de texto, por exemplo, com a Consuelo de Castro, o Carlos Queirós Teles, uma série de dramaturgos

ferenças, dentro de uma procura de novas formas de trabalho que orientassem o teatro para própria classe média e não para uma classe paternalisticamente tratada. Estavam procurando sair deste teatro paisagístico para um teatro de ação.

Este segmento foi cortado pela estrutura de poder, pela reação

este teatro estava tentando uma abordagem política que fugisse às formas políticas anteriores. Só que era uma forma política de fazer teatro que ainda não tinha o seu discurso adequado, por isto tomava formas existenciais. Aliás, o discurso político em teatro para uma classe média implica também numa abordagem existencial.

Dentro do meu processo, eu saí do

bombardado por lideranças estudantis de P.A. Eu trabalhei no teatro de Arena de P.A. tentando trabalhar as contradições lá dentro, abria frentes de contradição. Acabei saindo e recebendo como justificativas para a falta de diálogo o meu comportamento pessoal, em lugar de justificativas de comportamento político. É comum, por sinal, este tipo de transformação do discurso político em discurso existencial quando ele foge aos cânones. A oposição oficial tem grande responsabilidade no fim deste tipo de trabalho.

Mas esse movimento preocupado em mexer com os valores da classe média continuou numa série de pessoas e está reaparecendo, buscando uma nova forma de linguagem, buscando retomar historicamente, de uma maneira dialética em que esta abordagem assume muito mais o seu caráter ideológico. Essa é a preocupação do grupo.

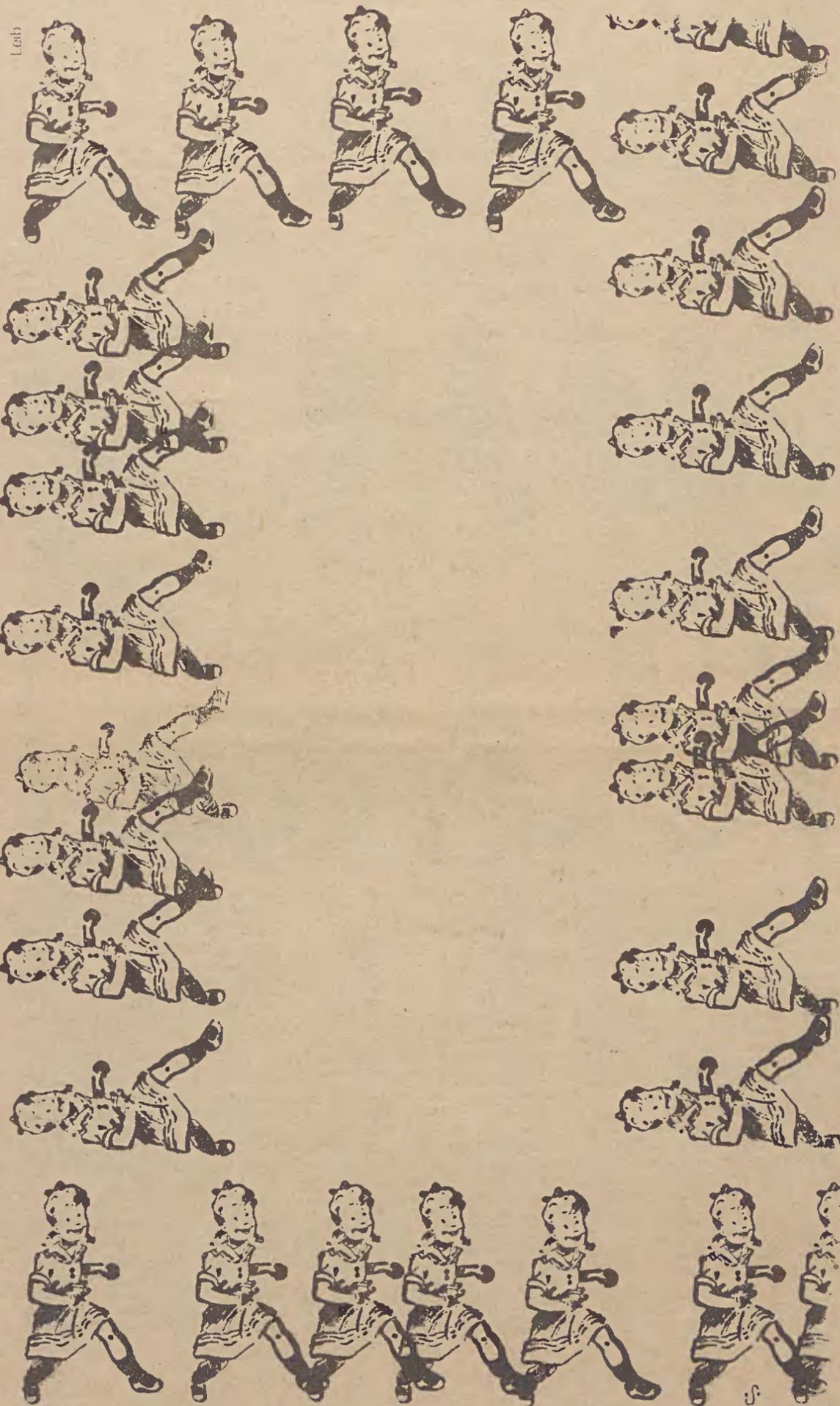
Os caminhos da oposição oficial foram esgotados, vimos que não era ali. A gente é usada como mão-de-obra e depois de um certo limite é posto para fora. Quando chegou este limite, a gente rachou num grupo de teatro da gente, o grupo Grau, que era um grupo que fazia teatro popular em P.A., teatro de bairro. Constatamos que fazíamos teatro em bairro operário por uma satisfação pessoal. A gente fazia teatro uma vez por ano em cada lugar e o resultado era nulo, desvinculado de qualquer trabalho cultural ou político mais amplo.

Formamos então o grupo Alternativa, que começou com um texto meu, enfocando valores da classe média. Era um texto cheio de defeitos, o Matadouro, numa montagem muito ruim: a transa era a de uma família se destruindo durante um jantar. As dúvidas e dificuldades continuavam, porque o segmento que a gente queria trabalhar não tinha correspondência dentro da estrutura social. Ai eu parti sozinha para uma jogada profissional, o grupo ficou como respaldo de mão-de-obra. Fiz dois espetáculos. Um era Retomando a Palavra, uma série de poemas para pegar a proposta e formalizar da maneira mais simples possível, com a idéia de retomar a palavra no seu significado mesmo. Um espetáculo frio.

Depois a gente tentou montar O Exercício e os dois espetáculos foram suficientes para esgotar a possibilidade de diálogo com quem tinha uma formação ideológica inteiramente diferente. Outra vez nos vimos como grupo, uns diante dos outros, percebendo que a gente caía sempre numa esparrela, trabalhando sempre com os mesmos mitos que as oposições em geral trabalham. Em setembro do ano passado a gente tinha um compromisso de montar o Santo Inquérito. Dentro de uma certa linha de peças, me parece que ela apresenta uma certa abertura no personagem Branco Dias. Mas não conseguimos o texto e tínhamos que fazer um espetáculo para receber uma verba da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de P.A. Não sabíamos o que montar.

Procurando texto, Maria Clara e eu começamos a ler o Oswald. No começo do ano, pensamos em montar o Rei da Vela. Não por questões históricas, mas por falta de texto. Quando chegamos na Morta, percebemos que aquilo era teatro mesmo, era ação, embora eu tivesse lido linearmente antes e achado um saco. Era um texto que colocava toda a situação que estávamos vivendo.

Lemos o texto para o grupo e o texto foi odiado; foi preciso, com Oswald, começar a aprender a ler de novo. Fizemos a montagem em um mês e dez dias, uma montagem rápida em que quebramos diversos mitos, inclusive a



novos, mas que mantêm todos um compromisso moral que corresponde a uma linha populista de produção. Eles conseguiram manter esse trabalho, inclusive porque têm acesso aos meios de produção de teatro, mantendo o controle de certos setores de oposição, enquanto houve um outro segmento que foi epntado, com o Zé Celso e mesmo o Amir, que estavam, apesar das di-

“oposição teatral”, como também pelas contradições internas desses grupos, que tinham na sua estrutura as mesmas contradições de classe determinantes da produção populista. Em 1873, quando terminava As Três Irmãs, terminava um ciclo. O fim foi explicado por diversos senhores como resultante do cunho “existencial” deste teatro. Eu discordo. Historicamente,

Rio em 69, tentei trabalhar dentro das formas populistas tentando revitalizar de alguma maneira. Fazendo teatro-jornal, por exemplo. E o primeiro que a gente fez foi bastante panfletário no sentido tradicional do panfletário. No segundo, procuramos através do teatro-jornal estabelecer uma relação de pessoa para pessoa com a platéia. Fugia das mensagens prontas e foi bastante

minha situação de diretora. A Maria Clara foi a primeira pessoa que começou a duvidar da minha posição.

Quando chegou a hora da criação coletiva, das pessoas terem uma autogestão para ter uma linha de espetáculo, começou a faltar instrumental... **A Morta** é uma geléia, um lixo, a partir de nós. O ponto de partida foi exatamente a falta de parâmetros em que estávamos. O critério de seleção para formação do elenco era: chegou, está matriculado. O resultado é que o trabalho aproveitou as potencialidades de todo o mundo, mas você não consegue um parâmetro de identidade que feche o elenco...

B — Eu queria que você explicitasse o processo de produção da Morta. O problema da comunidade, das potencialidades...

AMT — Eu vou falar primeiro da proposta do grupo, que era a de um trabalho não apenas externo, que mexesse com as estruturas de valor de um setor de classe, mas que mexesse com as nossas próprias estruturas de valor. De início a base do grupo era composta por mim, pela Beti, que é socióloga, pelo Joaquim, que é economista, pela Soraya, que era da Faculdade de Ciências Sociais. A Beti vinha comigo desde o teatro jornal e o Joaquim desde a formação do grupo Grau. Preocupados com o trabalho das contradições, fomos morar juntos os quatro e eu acho que foi uma experiência muito boa. Algumas pessoas do grupo não moravam conosco, mas tinham a chave da casa, a casa era aberta.

A experiência esbarrou com outros níveis, pois ao mesmo tempo que as pessoas tinham essa postura, elas tinham, por exemplo, emprego na Fundação de Economia e Estatística de P.A., com salários altos, com um trabalho bastante técnico e alienado. Simultaneamente, todo mundo estava com assistência psiquiátrica para agüentar as contradições, com os psiquiatras de um grupo incrível de P.A., liderado pelo Mario Bertoni, que morreu recentemente. O trabalho deles

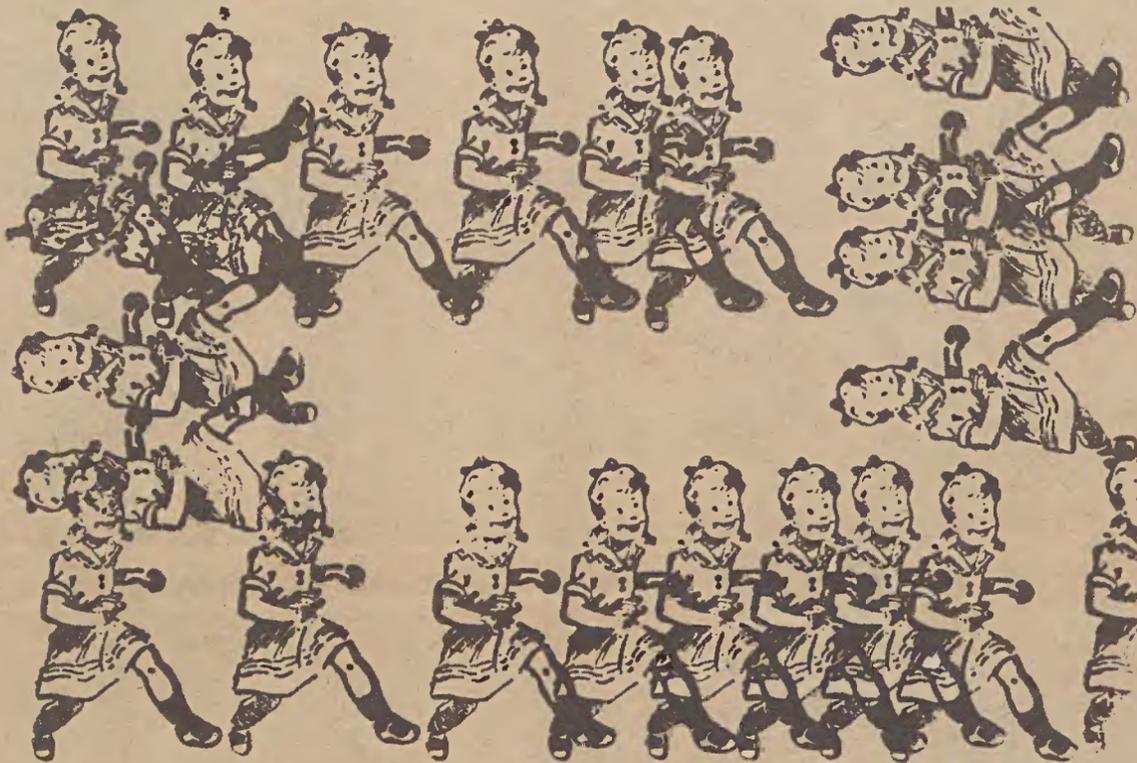
é aproximável do pessoal da Argentina, que transa antipsiquiatria. O grupo continua recorrendo aos psiquiatras, pois se você está disponível por um lado para arrebentar as estruturas, por outro tem uma porção de coisas que te seguram, como o emprego.

Havia um choque no grupo, interno, a partir destas contradições. Eu tenho uma pensão, uma casa, não morro de fome se parar de trabalhar; eu saí do Rio para P.A. e aqui no Rio as contradições são mais intensas e mais declaradas. Tem um lado das pessoas que é muito difícil de romper que é a formação cultural da cidade. O resultado era um choque cultural entre a minha medida e a medida do grupo, me renovando e renovando o grupo. E o nosso grupo, em P.A., é o único que leva essa proposta, ficando muito isolado.

A partir do núcleo, portanto, surgiram outras pessoas que se interessaram e foram aceitas. Durante o trabalho, houve uma seleção — o ritmo do trabalho selecionou, algumas pes-

soas saíram. Algumas pessoas do grupo, que ingressaram para fazer **A Morta**, não tinham qualquer formação de ator e outros não tinham qualquer formação ideológica que os identificassem, com a proposta política do grupo, mas tinham formação de ator. Em P.A. não existe esta proposta. Politicamente, o que existia era o IEPS, fazendo palestras, um setor jovem do MDB bastante forte. É fundamental considerar que **A Morta** representou uma mudança de situação em P.A.. Havia uma proposta política minha, desde a saída do Rio, que se modificou historicamente. Havia o grupo que, comigo, modificou a proposta e se modificou.

Mas é claro que, dentro do grupo, há muito problema. Existe uma resistência ao nível do trabalho teórico, uma resistência que dificulta as relações e a execução da proposta. Alguns tem respaldo teórico, mas não relacionam a proposta teórica com a atuação prática. Outros não têm res-



paldo teórico para levar adiante uma proposta que vai se radicalizando historicamente. É o caso de pensar criticamente a questão, pois há realmente um paralelismo entre a articulação do populismo e a radicalização desta proposta... O fato dela radicalizar-se tem um sentido de sobrevivência, já que a sociedade civil começa a tornar-se mais rígida, mais fechada. E é sempre neste momento de fechamento que a proposta retorna. O Renato é que diz "sem essa, São Paulo"...

Tivemos discussões incríveis lá em São Paulo com ele, Renato Borghi, com algumas outras pessoas, e é impressionante ver como a proposta da Morta, hoje, em São Paulo, é praticamente inviável por causa da infraestrutura que se formou.

B — Onde é que você vê esta inviabilidade?

AMT — É a diferença das condições de produção entre P.A. e S.P.. Em S.P., para produzir um espetá-

culo, você precisa ter um mínimo de Cr\$ 800.000.00. Para garantir um teatro, você tem que deixar um depósito antecipado. O capital de giro é elevado. Você não pode experimentar, correr risco, tem que trabalhar em cima de um retorno certo. Em P.A. você faz um espetáculo até sem dinheiro, embora exista uma preocupação do SNT de transformar todo mundo em empresa. Em P.A. você pode partir para o trabalho com a disposição de quebrar uma série de mitos, pois você pode, inclusive, recomeçar. Em São Paulo e no Rio você tem a TV concorrendo e o teatro experimental foi colocado num espaço que é o do teatro experimental. Normatiza-se o experimental e o não experimental. O em-

presarial fica com as grandes áreas. No Rio, você tem o Cacilda, onde se experimenta, frequentado por um público interessado, selecionado. Você fagocita, põe à margem, dá normas. O experimental é experimental ou é um experimental já regulamentado? Em

bilidade deste rompimento, esta auto-negação, é preciso pensar uma forma de reorganização política que supere o sistema pela sua negação. Formas políticas alternativas. Para pensar ativamente este instrumento de participação social, é preciso que dialeticamente se forje as ações coletivas que vão construir esta forma organizativa, o que subentende níveis de rompimento. "Eu quero que você relacione a organização do grupo enquanto comunidade e proposta política do grupo."

AMT — A partir do sistema, todas as relações, todos os valores, são estabelecidos. Reduzindo um pouco a questão, é o caso do teatro. Eu quero, por exemplo, fazer um teatro que renove a forma teatral e que com isso apresente formas alternativas de organização dentro de outros setores. Mas eu não posso abrir mão de uma série de valores, dados pelo sistema, como o problema do status, o pro-

blema da hierarquia de funções. Eu quero renovar o teatro, mas tem que ter um diretor, ator é ator, tem que ter cenógrafo, figurinista. A gente fez a proposta de um trabalho realmente coletivo, que não podia ser coletivo a nível da criação realmente total.

Quando eu falo em romper com o próprio caráter de classe, isto significa uma abordagem crítica dos meus privilégios, para poder negá-los. É necessário estar disposto a ser mexido e a mexer. Eu não vou ficar repetindo os dogmas predeterminados, eu vou ter que pensar uma prática política que vai determinar uma teoria e vice-versa.

E então é o abandono dos privilégios cotidianos, do conforto, do mínimo para viver dado pela sociedade de consumo. O pior é que não existe saída, nestas questões que eu acho fundamentais para o produtor de cultura, pois elas representam uma posição de vanguarda, de minoria. Não sei se está claro, pois com o projeto Mambembe tem 15 dias que eu parei de pensar nisso, tal a roda-viva a que fomos submetidos...

B — Eu quero insistir um pouco na questão política. Retomando o senso comum firmado por uma parte da classe teatral carioca, que foi ver o espetáculo e sair do teatro considerando-o como uma retomada infeliz do

trabalho do Zé Celso, no final do Oficina, considerando o ar de cumplicidade entre o elenco e a plateia existente nos dias em que eu assisti, considerando o projeto de produção calculado no desejo da comunidade e o desejo político de buscar alternativas para a classe média, você não acha que a proposta da Morta acabou se esgotando num projeto idealista de transformação do indivíduo? Do indivíduo-ator, do indivíduo-produtor, do indivíduo-espectador?

AMT — No texto do programa, é colocada uma alternativa política também para a classe média, eu quero esclarecer isto. A classe média só existe numa alternativa política se ela se nega enquanto classe, ela vai ser setor de classe. A proposta, assim, não é uma proposta para a classe média...

B — Você usa no texto o conceito de sociedade civil, afirmando "é preciso desencadear ações que levem as formas alternativas de organização da sociedade civil". Como é que você vê este conceito, estas formas alternativas?

AMT — O conceito da sociedade civil pode ser visto como algo um tanto anarquista, sociedade civil enquanto autogerida. Quando você fala numa alternativa para a classe média, é importante que se observe o papel da classe média na sociedade de classes. A superestrutura é que está dando condições de dominação ao sistema. Embora em última instância seja o econômico o determinante, é por formas superestruturais, em termos de cultura, que a dominação se torna viável. O sistema seria insustentável se não fossem as embalagens que ele toma.

P.A., nós não temos ainda um público dividido.

B — No Rio e em São Paulo o mercado de teatro é mais complexo, define-se de acordo com outras coordenadas históricas e eu acho que não existe uma possibilidade de tentar fazer com que as "fatias" de mercado sejam abolidas... Eu quero deixar de lado esta questão, pois ela ampliaria muito a nossa conversa, e queria que você focalizasse um outro problema da Morta. No programa, duas constatações podem ser feitas: a organização do grupo como comunidade e a defesa de um proposta de atuação cultural baseada numa leitura política, orientada para a classe média. No seu texto, você diz: "Para a compreensão de como se dá a abordagem na coisa cultural, é preciso romper com as regras dadas pelo sistema a este extrato de classe dominante. Isso não é um ato individual. Para se pensar a possi-

E é a classe média que sustenta este setor enquanto ela não se questiona enquanto classe. Ela pode romper com este papel, analisando-o criticamente. A proposta fica muito aberta, muito no vazio, mas se eu começo a pensar formas alternativas e a agir formas alternativas o que está em questão não é o indivíduo. Não se pode mais pensar o intelectual como um tipo de proletário, que também produz para o sistema sobreviver. A gente começou a enfrentar esta questão há pouco tempo e quando falamos em formas alternativas mais criativas para a sociedade civil não sabemos, absolutamente, quais sejam. Enquanto grupo de teatro, não temos a menor condição de propor uma forma alternativa. Não funciona, inclusive, tentar organizar o grupo de outra forma.

B — Mas você acredita que, na produção cultural, existe alguma possibilidade de encontrar formas alternativas?

AMT — Ah, eu acho! Não é penetrando na produção cultural que você dá alternativas, mas criando as contradições dentro do processo de produção cultural você consegue atingi-las. Hoje em dia eu acho que seria muito mais importante uma greve dentro do processo de produção cultural do que uma greve numa fábrica só. Se o negócio se expandisse culturalmente, num processo em que fossem utilizados os meios de produção cultural, a TV, o rádio, os jornais, isto seria muito mais importante do que uma parada em certos setores que ainda seriam manuseados pelas classes dominantes.

Está ficando claro para mim que estamos num beco sem saída, a produção populista está adquirindo poder, está havendo uma substituição do poder. No momento em que se denuncia o caráter de classe desta produção que está aí, você está possibilitando formas alternativas. Elas não virão só da classe média, não é ela que, sendo particularizada, dá ao proletariado formas alternativas para ele se organizar. No momento em que a classe média começa a se questionar, ela começa a enfraquecer o sistema fechado que mantém a dominação. Se você faz isto enquanto grupo, apesar de não mais existir um grupo nosso depois da Morta, você lança a possibilidade de outros grupos surgirem, se unirem, deixarem de atuar isolados. Tem uma porção de grupos isolados no seu campo, na música tem grupo. A diferença com relação a 68, a meu ver, é que naquela época os grupos ficaram

isolados, não conseguiram surgir como organização política ampla. Ficaram como grupos espontâneos e foram fagocitados.

B — Eu quero expor para você os problemas que eu vi na Morta, considerando as condições de produção expressas no programa da peça e no espetáculo. Quando um grupo de teatro amador surge e se articula como comunidade, acredita ser comunidade, ou pretende vê-lo, ou se vê a si próprio nesta condição, mitificando-a, e busca com o seu trabalho (o espetáculo e o processo de produção) apresentar um projeto político, ele se afasta de um diálogo maior com os meios de expressão teatrais e se recusa a reconhecer o seu campo de atuação, cultural, como algo muito mais limitado. A vigência do trabalho fica restrita a um projeto de transformação dos indivíduos, a uma tentativa de reconhecimento de classe, com a supervalorização de um projeto que é político e que justifica tudo. Na Morta, inclusive por causa do projeto de comunidade, em diversos



momentos pode ser descuidada a construção cênica do espetáculo.

AMT — A questão do descuido com a construção cênica do espetáculo conduz a uma contradição básica do grupo que seria o domínio dos meios de expressão específicos. Quando eu coloquei a dificuldade de superar certas estruturas cênicas, eu estava pensando nisto. Eles impõem um limite conservador ao teu trabalho, eles não estão dispostos à tradição, mas que não tem uma formação sólida. Tem um momento em que você consegue superar isto através da mobilização ideológica.

Nós conseguimos segurar algum tempo um espetáculo que pretendia negar uma certa linguagem cênica e adotava uma outra que seria aberta, usando de uma certa maneira as contradições do grupo expostas na forma de interpretação. Em P.A. e em S.P. nós conseguimos. No Rio, o trabalho desmontou e eu sou obrigada a concordar em parte com as críticas. A Morta era a negação da própria Morta, mas ela se afirmava a cada espetáculo através da vitalidade, da potenciali-

dade, da vontade de dizer que não existia mas estava existindo. A contradição se manifestava na prática. Em P.A., o espetáculo levantou discussões.

A questão técnica era superada pela presença não do indivíduo, da abstração "homem", mas pela presença do elemento criador tomando conta do trabalho, criando através da forma que encontra no conjunto. Em torno disto em S.P. tivemos espetáculos incríveis, dentro de uma violência teatral, especificamente teatral. E tivemos espetáculos mortos. A peça não mantinha uma estabilidade mínima. No Rio, diversas pessoas viram o espetáculo e gostaram, vieram conversar, viram o trabalho em outro nível.

No grupo existiam representantes de diversos setores sociais, inclusive daquilo que eu chamo lumpen-classe média. Diversas eram as razões que faziam com que os atores se mobilizassem para denunciar o processo de morte da sociedade. A base era inconsistente e a denúncia arrefeceu durante o

um grande apoio teórico, não impediria o alcance do projeto político mais amplo?

AMT — Esta é uma área de dúvida incrível para nós. É gozado... os atores que menos põem em cheque o trabalho enquanto proposta são aqueles que mais dominam a proposta ideológica em termos de teatro. Isto não quer dizer que eles concordem com a proposta. Mas eles duvidam menos do trabalho. Eu acho que na medida em que o ator ganha um espaço na área dele, ele pode perceber as possibilidades de atuação num sentido mais amplo. Mas no teatro existe um problema geral de dificuldade de aprofundamento dos meios de expressão. Existe uma indisponibilidade muito grande para qualquer forma de aprofundamento. Se você fizer duas horas de exercício de voz com os atores, eles fazem mecanicamente por obrigação. Mas se você solicita uma pesquisa de voz e começa a localizar os problemas, relacionando-os com as tensões, etc e tal, aí o ator deixa de estar disponível. Isto é geral, não é um

problema a nível de grupo. Você encontra atores com um domínio técnico total dos instrumentos de expressão, mas eles não querem saber de questionamento deste domínio.

Na Morta, um espetáculo feito com bons atores seria outra coisa. A proposta era o uso de pessoas que não tivessem realmente uma formação específica. A questão é que são necessários atores com um processo de formação diferente, fora dos parâmetros do teatro tradicional.

B — A deficiência de ator, como é o caso da Morta, não faz com que as

questões sejam sempre remetidas para fora do teatro, mecanicamente? A própria "sujeira" do espetáculo não contribui neste sentido?

AMT — Durante os ensaios, não existia uma preocupação em "limpar" o espetáculo. Ao contrário, havia uma preocupação de "sujar" a cena. Eu acho que isto impõe a formação de atores num outro projeto para que aconteça a proposta. Mas eu acho

também que *A Morta* teve uma vigência teatral. Ela não se sustentou pela falta de formação de ator. O aproveitamento das potencialidades não é suficiente, não permite conseguir uma continuidade de trabalho. Sem possuir uma consciência maior de trabalho, que se respalda na ação, o ator "cansa" de repetir um gesto e passa a "mentir". No Rio, a maioria estava mentindo em cena. Chegou-se ao ponto de manter-se o trabalho a partir de acontecimentos "desagradáveis" durante a sessão... A minha interferência em cena, por exemplo, foi perdida.

B — E você não acha que, com estes problemas de montagem, a Morta acabou servindo como ilustração de um projeto político antes de ser um trabalho teatral, diluindo-se a intervenção política possível?

AMT — Talvez tudo isto se ligue exatamente ao ponto fundamental do espetáculo, que foi perdido: a destruição ativa do espetáculo. No momento em que esta postura deixou de ser ativa e se perdeu, o espetáculo morreu mesmo e não sobrou nada. A contradição entre a linguagem escolhida e a vitalidade desenvolvida era a linguagem teatral que resultava. É a questão da força de expressão em cena superando a fragilidade técnica pela ação. No Rio, estava tudo despencando. Eu discordo das críticas feitas pelo Sábato Magaldi e pelo Clóvis Garcia em São Paulo, achei-as muito ideológicas, criticavam inclusive o espetáculo. A crítica do Sábato simplesmente recomendava outra montagem, concebida por ele, e a do Clóvis negava tudo. Criticava o aspecto kitsch do espetáculo, que era uma coisa assumida.

No Rio, é difícil comentar, a peça acabou. Deixou de existir a contradição no palco. Os atores estavam formalizando e formalizando mal, distantes do questionamento básico que a proposta representava. O que existia antes era um espetáculo que se destruía com tanta força, que passava a ser a afirmação de si mesmo — e isso deixaria na platéia, no espectador que não é nem espectador nem elemento participante — a possibilidade de, destruindo, afirmar qualquer outra coisa. Destruindo *A Morta* a gente estava afirmando os atores como elementos que agem e, simultaneamente, o espetáculo como espetáculo que acontece num processo ativo de destruição. Nas críticas de P.A., publicadas lá, isto passou muito claro.

E vamos à reportagem policial

Este programa não vai glorificar o crime nem os criminosos! Vamos ajudar a polícia no combate ao crime! E vamos à reportagem policial de Paulo Ricardo, vai Paulo!

Voltamos a falar diretamente da Delegacia de Nilópolis. Outro dia entrevistei um elemento nessa delegacia, que foi preso por ter bebido demais e ter feito o diabo, uma desordem violenta aqui na rua. Agora é outro. O pessoal gosta de beber demais e não tem cabeça não, bebe, bebe, enche a cara de cachaça e dane-se todo mundo. E o pior é que foi a mulher dele que chamou a polícia.

— Seu nome?
— Jorge Neto.
— Que idade?
— 29 anos.
— Casado?
— Não senhor, solteiro.
— Mora com alguém?
— Moro, sim senhor.
— Tem filhos?
— Não senhor.
— Mora aonde?
— Moro em Nilópolis.
— Você trabalha?
— Trabalho, sim senhor.
— Faz o quê?
— Sou tarefeiro.
— Já foi preso muitas vezes?
— Não senhor, é a primeira vez.
— Palavra?
— É sim senhor.
— Não tem bronca na polícia, com a justiça? Está aqui porque?
— Tou aqui por causa de bebedeira.
— Carraspana braba?
— É sim senhor.
— Braba?
— É sim senhor.
— Conta aí, como é que foi a coisa, o que aconteceu pra você tá preso?

— É, a gente tava bebendo.
— Você e outros?
— É sim senhor.
— Sim?
— Aí o Felizardo veio com outros policiais e prenderam a gente.
— Não é Felizardo, não! O policial é Doutor Felizardo, rapaz! E aí eles foram chamados e prenderam vocês?
— É sim senhor.
— Agora quem chamou a polícia?
— Foi a minha cunhada.
— Ué, não foi a sua mulher?
— Não, foi a minha cunhada.
— Conta aí, o que você fez de brabo?
— Nada, nós tava lá no meio da rua, coisando e ela foi e chamou a polícia.
— Coisando, coisando?
— É, naturalmente a gente tava bêbado demais.
— Você não viu? Não sabe o que fez?
— Não senhor.
— Mas eu sei. Tava mexendo com as mocinhas! Tava mexendo com os passantes, hein!
— Não senhor.
— Não? Você bebe muito?
— Bebo.
— Por que não pára?
— Eu vou parar, se Deus quiser eu vou parar.
— Vai pará?
— Vou, sim senhor.
— O que foi isso na tua testa aí?
— Foi um atropelamento.
— Ôpa!
— Foi uma ambulância que me atropelou.
— O quê?
— Uma ambulância.
— Você atropelou uma ambulância?
— É sim senhor. Eu ia atravessando a rua e ela passou e me atropelou. Eu olhei só prus

lados e não vi ela vir pra cima...
— Espera aí, você estava bêbado?
— Tava sim senhor.
— Noossa Senhora, rapaz! Tá vindo aí, ele estava bêbado e atropelou uma ambulância!
— É sim senhor.
— E como é que foi, foi socorrido na hora?
— É sim senhor.
— A própria ambulância?
— É sim senhor.
— Rapaz, rapaz! Levou três pontos aí, parece, tou vendo a marca.
— É levei três pontos, lá no Getúlio Vargas.
— Pois é, rapaz, tá vindo o que a cachaça faz? Ainda vai continuar bebendo?
— Não senhor.
— No duro, mesmo?
— No duro.
— Veja lá o que você vai fazer, rapaz. O negócio aqui em Nilópolis tá brabo, hein rapaz. É a Lei das Contravenções penais. Diga aí, ô Felizardo, artigo 72 da Lei das Contravenções Penais. É cana rapaz, cana braba. Você abia?
— Sei sim senhor.
— Sabia que se beber demais, meter bronca, fazer bagunça, dá cana, processo? Não sabia?
— Sei sim senhor.
— Agora ficou sabendo. Agora, como é que vai ficar sua vida agora?
— Minha vida agora é trabalhar e deixar a cachaça de lado.
— Ahh! Está bom. É isso aí, ô Samuel. Da delegacia de Nilópolis, Paulo Ricardo para o Globo Patrulha, em sua primeira edição. (De um programa da Rádio Globo, do Rio)

Bastei-me

Todos meus cinco dedos brincam com um punhado de vermes em meu sexo.
Trabalham árduamente em mim.
A atmosfera que treme por esse ato por um instante acalma-se no contacto dessas minhas paredes. Nesse quarto. Meu pê nu Sobre o tapete sobe do tapete. A sabedoria dos meus dedos é segura, sinto as peles mortas me assusto com as viças. Formigas são soltas em mim, correm do pé à nuca. Então volto às minhas margens.

Basta de cristandade
santidade
moralidade
obscuridade

Desejo a obscenidade
a oleosidade
a realidade

Desde essa idade
curto Marquês de Sade
me arde, antes
que seja tarde.

(Crica)

Crica, Brotinho, Maria Cristina C. S. Ohana, poeta, 16 anos, 8ª série do Instituto Souza Leão, é isso aí. (Mauro Costa)

Campanha da Fraternidade 78

Mauro M. distribui sorrisinhos enquanto Rosamaria M., sua mulherzinha, serve a comidinha. Depois acompanha o maridinho até a porta e dá um adeusinho e um sorrisinho. O comercial não mostra, mas dá pra adivinhar o que ela faz o resto do dia enquanto o maridinho está na fábrica (onde continua a distribuir sorrisinhos). Na saída do trabalho o empregado Mauro M. e o presumível patrão trocam um fraternal abraço; aí a cena muda para um estúdio, onde estão os três personagens, Rosamaria M. entre os dois homens. O 1º fala que "o filme

que acabamos de realizar ainda é um sonho..." enquanto Rosamaria M. o olha languidamente; o segundo homem continua: "... mas pode ser realidade com trabalho e justiça para todos". Rosamaria M. prossegue com seus olhares, está ali para decorar o ambiente.

2. Se a Igreja sonha com o dia em que a mulher possa fazer tudo o que fez neste comercial, talvez possa se orgulhar de ter conseguido o que muitos movimentos aspiram, a união sonho/realidade. **Mateus Sampaio**

Beijo Cafetino

Em fuga da inocência perdida, carregados de instrumentos de libertação horroriza-me o lenocínio das palavras, teu leito fundamental onde jaz qual destroços em mar morto a conformista escrita Da Crítica porém a balística jamais (se) libertou

Carta de dissidência
março 1978 Luiz Renato Martins

beijo

Uma publicação da Editora Boca Ltda

Editaram este número: Marcos Augusto Gonçalves, Maurício Villela, José Castello Branco e Genilson Cezar.

Participaram: Vera Sayão, Henrique Antoun, Ricardo Azambuja Am. Rio, Júlio Cesar Montenegro, Leob. Paulo Venâncio Filho, Rodrigo Naves, Oscar Guilherme Lopes, Moriconi, Mauro Costa, Bruna Franchetto, Maria Leny Corduro, Wilson Nunes Coutinho, Cristiano, Tânia Brandão, Julius Menezes Rocha, Mateus Soares, Marcos Benisson, Papaleguas, Carmi, Eliana Paiva, Luiz Renato Martins, Maria Helena Sal-

danha, Crica, Luis Trimeno, Tânia Kacelnik, Gilberto Stuart Monteiro. A foto da capa é de Eva Rubinstem e saiu no US Camera Annual de 72

Redação: Rua Conselheiro Josino, 29/205, Bairro de Fátima, Rio de Janeiro, RJ

Composto e impresso na Gráfica e Editora do Jornal do Comércio SA, Rua do Livramento, 189/203, Tel.: 241-7511, Rio de Janeiro.

Distribuição: Fernando Chinaglia Distribuidora SA, Rua Teodoro da Silva 907, Rio de Janeiro RJ. CGC número 2974034/0001-15. Numeros atrasados e assinaturas: No Rio — telefone 263-0700 e 226-7748. Em São Paulo — telefone 256-3239. Livraria Avanço (Rua Aurora), Livraria Cultural (Paulista e Consolação), Livraria Diadorn (Galeria Metrôpole).

Em Recife — Editora Alternativa Ltda, (Avenida Conde da Boa Vista, 50/330). Em Belo Horizonte — telefone 226-2841. Em Porto Alegre — Albeiro Magno Figueiras (Rua Barros Cassal, 573/34). Diretor responsável: Genilson Cezar. Administração: Júlio Cesar Montenegro e Castiano.

"NÃO À PENETRAÇÃO TRAUMÁTICA, SIM AO PRAZER".



Marcos Vinicio

O debate se inicia da necessidade de uma revolução cultural, que não é só procura de um novo estilo de vida funcional a uma diferente estrutura social, mas é a procura do significado do cotidiano, onde por "cotidiano" se entendem as relações interindividuais, a comunicação, a linguagem. As mulheres falam sobre o próprio prazer, o próprio gozo: A alemã Alice Schwarzer relata no livro "A Pequena Diferença", centenas de entrevistas com mulheres de classes e idades diferentes: social-democracia e liberalização sexual não mudaram a fundamental dependência feminina, numa sociedade que continua sendo patriarcal na sua estrutura.

Apresentamos trechos da segunda parte do livro: uma teorização e uma provocação. É possível para nós, mulheres brasileiras, identificarmo-nos nesta análise, lembrando de nós mesmas em resíduos do passado e na prática atual?

O privado (sexo-gozo) torna-se público, pode ser discutido entre nós também no espaço de um jornal, do Beijo. Um espaço aberto para todas as mulheres que queiram falar do próprio "privado", do próprio "público", afinal do próprio "político". (Bruna Franchetto e Leny Cordeiro).

Dessas entrevistas e de todos os outros debates dos últimos anos, penso que 2/3 ou mais de todas as mulheres são constantemente ou temporariamente "frígidas". Ou melhor, foram levadas à "frigidez". (Explicarei mais adiante o que significa "frigidez" e porque eu a coloco prudentemente entre aspas.) As estatísticas científicas não são muito diferentes, não obstante os tabus impostos ao tema e os dados que escapam. Especialistas calculam que uma ou duas mulheres entre três sejam frígidas, ou tenham grandes dificuldades sexuais.

Considerando esses números se observa com clareza o quanto é terrível

essa onda de liberalização para a mulher. Para elas, nada mudou fundamentalmente em relação à dependência masculina, nem em relação à ignorância sobre o próprio corpo. Só uma coisa mudou: agora as mulheres devem simular o prazer que não sentem. Antes, pelo menos, quando não tinham vontade, podiam se recusar por pudor, ou por medo de uma gravidez. Agora, por causa da educação sexual e da pílula, devem estar sempre disponíveis. Ninguém se preocupa com suas exigências, nem elas mesmas: calar por pudor e escondem sua vida sexual mutilada e subordinada, como se temessem a exclusão de uma sociedade dominada pelo sexo.

Antes, quando às mulheres era negada a sexualidade, elas tinham uma identidade, embora negativa. Hoje nos privam dessa identidade, sem que, com isso, nos seja dada a possibilidade de viver uma sexualidade livre e consciente. As novas regras não são nossas, mas as dos homens, resultado: estamos completamente desconcertadas e nos achamos sozinhas com nossos problemas. Tornamo-nos ainda mais dependentes dos homens, não mais só contra a nossa vontade, mas também (e freqüentemente) com o nosso consentimento reticente.

Alguns exemplos:

O professor Schorch e Gunter Schmidt, do Instituto de Sexologia de Hamburgo, dizem que cada vez mais os homens mandam as suas mulheres para consultas sexológicas para que "comecem a funcionar". Nos últimos anos, muitas mulheres foram parar nos consultórios médicos com explicações desse tipo: "Meu marido me obrigou a fazer alguma coisa para conseguir ter um orgasmo. Ele quer que eu tenha reações normais."

Hoje as relações entre homem e mulher são tão descaradamente relações de poder (e também quando os homens se questionam e se chocam com o próprio papel) que também a

sexualidade feminina não pode exprimir outra coisa que não impotência. Por isso, também as liberdades mais desejadas, como a contracepção ou o aborto, às vezes limitam ainda mais a liberdade das mulheres: repercutem nelas como um boomerang. Cada liberalização, inclusive a sexual, deve andar lado a lado com os processos de conscientização que tornem as mulheres aptas a explorá-la para si mesma.

Para esclarecer mais uma vez as analogias na vida de todas as mulheres, resumo aqui etapas fundamentais que se delineiam em todas as entrevistas (e também em muitas pesquisas) independentemente de cidade, classe e grau de consciência: **Turbação na infância pela imposição do papel feminino** ("Na escola, de repente, meninos e meninas fomos colocados em carteiras separadas. Assobiava sempre, e, ao mesmo tempo, pensava: uma moça não faz isso. Senti que esperavam de mim um comportamento diferente.") E também revolta: "As brincadeiras dos machos eram muito mais emocionantes."

Adaptação, a partir da adolescência, ao papel feminino. Neste ponto, as diferenças induzidas entre homem e mulher são insuperáveis. Podem ser ignoradas somente no mito imposto do "amor romântico" e com total funcionamento recíproco. (As garotas paqueram os rapazes porque "todas fazem isso", porque é uma " vaidade". Mas ao mesmo tempo os sentem "estranhos", como "seres de outro mundo", com os quais não tem nada em comum.)

Solidariedade entre crianças do mesmo sexo. Externamente a garota faz o papel da fêmea, mas a ruptura ainda não se operou. As garotas ainda são amigas e não rivais. Elas têm profundas relações emotivas, às vezes também, sexuais. Uma mulher entre cinco, segundo Kinsey e Giese, teve contatos homossexuais, mas apenas

uma entre três, desejos homossexuais declarados. Nenhuma delas falou sobre o problema espontaneamente. Quase todas, depois, obedecem às normas que lhes são impostas. Tornam-se exclusivamente heterossexuais e incapazes até de incluir na sua realidade relações com outras mulheres. Rejeitam o afeto feminino a priori, como sendo aquela coisa que "não tem nada a ver com o amor" (Renata A.), ou como "prepúbere", que são duas maneiras específicas, de classes diferentes, de dizer a mesma coisa. Quer dizer, o amor maduro só é possível entre homem e mulher, e qualquer outro tipo de relação é imatura, mas não no momento em que a viviam. A maneira de avaliar foi-lhe imposta pela sociedade.

Solidão e insegurança na fase de passagem de adolescente à mulher. O desaparecimento total das amigas por estarem absorvidas nas suas relações com os homens. Primeiro coito como exercício obrigatório do ritual de tornar-se mulher. Nenhuma o fez por paixão, todas o fazem por medo. "Porque antes, ou depois, tinha que acontecer" e "porque ele queria de qualquer jeito". Para todas é um trauma, à todas faz mal.

O psicólogo iugoslavo Dr. Bodan Tekavic pesquisou sobre as motivações dos casos de defloração em garotas jovens e descobriu que 71% o fazem para não perder o namorado; 6% por medo de serem consideradas antiquadas; 16% por curiosidade. Setenta e seis por cento dos homens interrogados sobre o motivo que, segundo eles, induzia as mulheres a fazer amor pela primeira vez, responderam: por desejo. Voltando às entrevistas, destaca-se o fato de que as duas únicas mulheres que superaram com uma certa tranquilidade o primeiro coito (Karen e Verena) são também as únicas que, diferentemente das outras, foram ativas. Decidiram elas mesmas por que, quando e com quem fazê-lo.

eram individualmente menos submetidas, e por isso não sofreram a situação, simplesmente se adaptaram às normas.

Todas as mulheres se sentem exploradas e freqüentemente reagem com a frigidez, determinada pela dependência no interior da relação e pela ignorância das próprias exigências físicas e psíquicas. Elas foram levadas a ser incapazes de experimentar prazer sexual e, simplesmente, são estigmatizadas como "frígidas" (quer dizer, incapazes de ter orgasmo vaginal). Mas a maioria não seria frígida se tivesse relações sexuais diferentes. Elas continuam a fazer amor com os homens e, muitas vezes, simulam o orgasmo porque se sentem condicionadas a fazê-lo para obter amor.

O casamento quase sempre acontece nos momentos em que as mulheres se sentem mais sozinhas e enfraquecidas. Com o casamento, tentam adquirir um pouco de confiança e de afirmação. É a fuga de um mundo externo e proibido para um mundo interno, que não pode manter o que prometeu.

O que mais confunde as mulheres é o medo da norma. Não querer fazer amor com o marido todas as noites, não ter orgasmo, não se sentir realizada no trabalho doméstico e na educação dos filhos, significa sempre: *você não é normal*, especialmente no campo sexual, onde às mulheres escapa o controle sobre as normas. Elas devem aceitar o que dizem os homens e os mass-media. Para elas, um "fracasso" sexual significa um fracasso total, porque a sua identidade se dá principalmente através de sua função de ser sexuado. (Anke L., na sua fase de frigidez: "Me sentia um indivíduo de segunda classe. Dizia a mim mesma: você pode ser reprovada em todas as provas, mas nessa você tem que passar".)

Neste ponto, as mulheres que, quando meninas eram muito vivas, já foram reduzidas a "seres relativos" (Simone de Beauvoir).

Também as mulheres solteiras, no trabalho, não escapam às incertezas dilacerantes do papel feminino. Correm o fegantes de uma cena para outra e, muitas vezes, pagam o relativo sucesso profissional (isto é, num campo dominado pelos homens) com a submissão na vida privada, especialmente no campo sexual.

Todas as mulheres, sem exceção, vivem o primeiro orgasmo (se ele existiu), numa situação na qual a objetiva superioridade do homem é suavizada por uma relação de forças favoráveis à mulher. Estes homens são descritos como "doces", "inseguros" e "não exigentes". Isto significa que todos os homens com os quais as mulheres conseguem viver uma sexualidade satisfatória são "no sentido positivo", "não masculinos". Quanto mais um homem se comporta de maneira masculina e potente, mais diminuem as probabilidades de que a mulher se sinta sexualmente satisfeita. Toda a impor-

tância dada à potência masculina não tem fundamento, pelo menos no que concerne às relações heterossexuais. Precisamos saber a quem serve, certamente não às mulheres.

Um fator muito importante é a integração do coito com outras práticas sexuais (oro-genitais e manuais). Nenhuma das mulheres entrevistadas falou explicitamente que costuma ter um "orgasmo vaginal", isto é, pela simples penetração do pênis na vagina.

A possibilidade de uma conversa entre os parceiros sobre a sexualidade da mulher não se baseia nunca na tomada de consciência do homem, mas sempre e somente num real deslocamento de poder que favoreça à mulher: sucesso no trabalho e/ou discussões com outras mulheres que possam encorajá-la e tranquilizá-la... (Sonia S.: "Estava convencida de que, com as palavras nada muda e nada é entendido. Muitas coisas só ficam melhores diante de fatos, como, por exemplo, quando voce se recusa").

Somente as mulheres que estão num processo ativo de emancipação conseguem discutir com os homens sobre a própria sexualidade. Aumentando a consciência sobre si mesmas, elas existencialmente não dependerão da relação com um homem.

As normas sexuais dominantes ignoram as exigências físicas das mulheres.

Hoje em dia, é definida como frígida uma mulher que não chega ao orgasmo "vaginal". Esta é a definição oficial da ciência. Mas, ao mesmo tempo, esta mesma ciência sabe (desde o relatório Kinsey) que o orgasmo vaginal não existe. O relatório Kinsey, redigido com rara coerência e sinceridade, baseia-se em entrevistas com 6 mil homens e 6 mil mulheres. É, até agora, o estudo mais amplo sobre as práticas sexuais correntes e baseando-se apenas em números e dados permite constatar: não existe um orgasmo vaginal, apenas um orgasmo clitorídeo produzido fisicamente através do clitóris. O clitóris é o similar do pênis masculino, o centro erótico do corpo feminino. O relatório Kinsey teve várias partes vetadas, algumas até queimadas. Em todas as edições, houve manipulação de significados e deduções falsas.

A realidade deste trabalho é como dinamite para as relações humanas cotidianas, especialmente para aquelas entre homem e mulher.

Nos anos 60, Masters e Johnson ("O ato sexual no homem e na mulher") confirmaram a pesquisa de Kinsey com precisos experimentos e observações de laboratório. Eles também chegaram à conclusão: não existe um orgasmo vaginal. É um absurdo fisiológico, pois a vagina tem tantas terminações nervosas quanto o intestino, isto é, quase nenhuma. A sua parte principal pode ser operada sem anestesia. As mulheres sabem que não sentem o absorvente OB e que este não tem nenhum efeito erotizante. Na vagina nada acontece.

Oitenta e cinco por cento das mulheres que se masturbam conseguem o orgasmo através do clitóris, sentem instintivamente onde é colocado o seu centro de prazer, mas não têm coragem de impor as próprias exigências contras as normas por elas mesmas assumidas e contra o comportamento dos homens.

"Nestas condições, cresce indefinidamente o número de mulheres e de homens que aceitam passivamente a equação orgasmo vaginal = normalidade. A consequência disso é a sensação constante de culpa, remorso e medo em cada mulher, saudável sob todos os aspectos, mas que não consegue aquele prêmio tão difícil de ser conseguido" (palavras de Mary Jane Sherley, psiquiatra e autora do livro "The nature and evolution of femal sexuality").

Sherley fala de uma "diferença" já na fase pré-natal. Ela lembra que os embriões femininos e masculinos são ligeiras variantes de um mesmo modelo originário. No começo, não existe Adão, mas Eva; é verdade que no ato da fecundação o sexo já está definido, mas num primeiro momento todo embrião é feminino. Só na quinta semana os andrógenos "masculinizam" os órgãos de reprodução do futuro macho. A este propósito diz: Embrilogicamente é justo admitir o pênis como um clitóris: desenvolvido, o escroto uma vulva dilatada e na libido feminina aquela originária. A embriologia deveria reformular o mito de Adão e Eva para todos os mamíferos. Estamos bem longe de querer deduzir uma reversão ideológica e propagandear a natural "superioridade da mulher". Isto significaria aceitar a lógica das argumentações biológicas dos homens e golpear qualquer idéia de evolução e emancipação. Mas, numa sociedade que sustenta a superioridade do homem e a inferioridade da mulher, se apegando ao direito "natural" de progeneratura, estes detalhes naturalmente têm o seu charme...

Mas todos esses dados não conseguiram abalar nem o mito da inferioridade feminina e nem aquele do orgasmo vaginal. Os mesmos Masters e Johnson, depois de terem demonstrado que não existe o orgasmo vaginal, desmentiram as suas descobertas por causa do uso que delas fizeram. Hoje, organizam verdadeira ginástica pré-coito para os casais com problemas sexuais. E para não frustrar mais ainda as mulheres, colocam os atos mais importantes (contato epidérmico, carícias amorosas e estimulação do clitóris) no jogo sexual preliminar. Para uma sexualidade satisfatória, a mulher não precisa de penetração, mas da estimulação do clitóris, assim como o homem precisa estimular o pênis (e não necessariamente na vagina).

Orgasmo vaginal e monopólio sexual — Mas como se chegou a estabelecer um dogma tão absurdo? Como é possível que uma prática sexual que torna as mulheres frígidas e que para os homens não é, necês-

sariamente, a mais gratificante, adquira tal importância? (Acho que os estímulos oro-genitais e manuais podiam ser até mais satisfatórios, para os homens, do que a prática dominante. Parece que na história da humanidade, o contato vaginal não foi sempre o mais importante. Por exemplo, Ernest Borneman descreveu em "Patriarchat" o papel fundamental que teve, na Grécia antiga, o coito anal, tanto nas relações homossexuais quanto nas heterossexuais.)

O coito, que condena as mulheres à passividade, para os homens é a prática sexual menos complicada e mais cômoda. É importante que se discuta o significado psicológico que tem para os homens o ato do coito, em si violento. Para muitos, inclusive, a violência é sem dúvida equacionada ao máximo prazer. (Me parece então um sinal de integridade física o fato de que as mulheres se tornaram em grande número, incapazes de viver uma vida sexual satisfatória ao invés de gozar masoquisticamente da sua submissão.)

Nem a tragédia do aborto, nem a frigidez feminina, conseguiram abalar o dogma do orgasmo vaginal. As motivações devem ser importantes. A minha tese é a seguinte:

Somente o mito do orgasmo vaginal (e da importância da penetração) assegura aos homens o monopólio sexual, o que assegura o monopólio privado que é a base do monopólio oficial da sociedade masculina.

Isto é, nesta sociedade, na qual as pessoas estão isoladas se não tiverem uma ligação e na qual são obrigadas a procurar calor e afeto através do sexo, as mulheres (assim como os homens) devem se entregar às relações sexuais (independentemente da sexualidade). Se esta sexualidade pode-se exprimir apenas sob o signo da "diferença", se então a heterossexualidade é absolutamente prioritária, mulheres e homens dependem uns dos outros. Aparentemente, o monopólio seria reversível, mas apenas aparentemente.

Uma mulher não tem o direito de existir como ser autônomo. A sua definição é de "ser sexuado". Cada tentativa de emancipação é bloqueada, até que cada mulher, na sua privacidade, se submeta à vontade do homem. E até quando não tiver uma alternativa, nem pode escolher livremente a sua relação.

Este é o ponto principal: o monopólio sexual dos homens sobre as mulheres assegura-lhes também o monopólio emotivo (as mulheres só se apaixonam por homens), o monopólio social (dependem da posição social do marido ou do homem) e o monopólio econômico (por amor, as mulheres aceitam fazer o trabalho doméstico de graça e trabalhos secundários para equilibrar o orçamento).

Por isso, apenas abalando os fundamentos do monopólio do homem é que os papéis sexuais vacilarão. (Alice Schwarzer)

"Declaramos o estado de gravidez permanente que dará nascimento, talvez um dia, ao monstruoso e ao mutante, a tudo que lhe fizer medo, porque nosso desejo profundo é abalar vossa ordem"
(das feministas francesas sobre a morte de Gudrun Esslin)